



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**João Paulo Eufrazio de Lima**

*(Blog)ueiros:*  
*Crerios para o estudo de comunidades*  
*discursivas globais e locais*

**Fortaleza – CE**  
**2008**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**João Paulo Eufrazio de Lima**

*(Blog)ueiros:*  
*Crítérios para o estudo de comunidades*  
*discursivas globais e locais*

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora constituída pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Linha de Pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Araújo

**Fortaleza-CE**  
**2008**

Esta Dissertação de Mestrado foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades (CH) da referida Universidade.

Autorizo, para fins acadêmicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos, desde que sejam respeitadas as normas de citação.

---

JOÃO PAULO EUFRAZIO DE LIMA

## **BANCA EXAMINADORA**

---

DR. JÚLIO CÉSAR ARAÚJO (UFC)  
PRESIDENTE - ORIENTADOR

---

DRA. CARLA VIANA COSCARELLI (UFMG)  
PRIMEIRA EXAMINADORA

---

DRA. BERNARDETE BIASI-RODRIGUES (UFC)  
SEGUNDA EXAMINADORA

---

DRA. MARIA MARGARETE FERNANDES DE SOUSA (UFC)  
SUPLENTE INTERNA

---

DRA. FABIANA CRISTINA KOMESU (UNESP)  
SUPLENTE EXTERNA

DISSERTAÇÃO DEFENDIDA EM 10/12/ 2008

“Lecturis salutem”

Ficha Catalográfica elaborada por

Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593

tregina@ufc.br

**Biblioteca de Ciências Humanas – UFC**

L698b

Lima, João Paulo Eufrazio de.

(Blog)ueiros [manuscrito] :critérios para o estudo de comunidades discursivas globais e locais / por João Paulo Eufrazio de Lima. – 2008.

170 f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza(CE),

11/12/2008.

Orientação: Prof. Dr. Júlio César Araújo.

Inclui bibliografia.

1- BLOGS.2-BLOGUEIROS – ATITUDES.3-ANÁLISE DO DISCURSO.4-COMUNIDADES VIRTUAIS.5-MULTIMÍDIA INTERATIVA.6-INTERNET – ASPECTOS SOCIAIS.I- Araújo, Júlio César, orientador. II- Universidade Federal do Ceará.Programa de Pós-Graduação em Linguística. III- Título.

CDD(22ª ed.) 006.7014

03/09



## *Dedicatória*

---

A **Deus**: fonte de toda minha força e inspiração  
para consecução deste trabalho e porto-seguro  
de paz frente aos muitos percalços desse caminho.

Aos meus pais:

**José Joaquim de Lima & Maria Margarida Eufrazio de Lima:**

meus maiores modelos como seres humanos e aquém,  
pela devoção para comigo, devo toda minha formação humana, e profissional

## *Agradecimentos*

---

Ao meu queridíssimo orientador: **prof. Dr. Júlio César Araújo:** exemplo para mim de dedicação e humildade no meio acadêmico. Para mais que um orientador, um amigo verdadeiro, que ganhei nesta vida.

À **professora Dra. Bernadete Biasi-Rodrigues** pelas leituras sempre colaboradoras durante todo o andamento deste trabalho.

À **professora Dra. Carla Viana Coscarelli**, presença ilustre que abrilhantou ainda mais a banca de defesa.

A minha amiga e colega de mestrado: **Francisca Monica da Silva**, com que compartilhei muitas das angústias, mas também alegrias nessa trajetória.

Aos **professores do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFC** por me proporcionarem, em cada disciplina, o amadurecimento teórico necessário para tão grandes empreitadas como esta.

Aos meus colegas e amigos do grupo de pesquisa **Hiperged** pela amizade e troca de experiências tão valiosas em nossas acaloradas discussões acadêmicas.

Ao **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)** pelo apoio financeiro na maior parte deste trabalho.

À **Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa (FUNCAP)** pela bolsa concedida no início da pesquisa.

À minha amiga **Emanuelle Santana Medeiros** pelo apoio, incentivo e sincera amiza

## *Resumo*<sup>\*</sup>

---

O objetivo da presente pesquisa foi revisar o percurso teórico-metodológico para o estudo de comunidades discursivas de Swales de forma que se pudesse dar conta de uma maneira mais apropriada de comunidades complexas como as comunidades *online*. Nossa suposição foi a de que dada a complexidade de grupos como os blogueiros, aqui analisados, havia a necessidade de pesquisá-los tanto do ponto de vista de suas características gerais como em relação a possíveis sub-grupos seus, formados a partir da especificação dos objetivos gerais da comunidade blogueira como um todo. Dessa forma, em um primeiro momento desta dissertação, procuramos propor uma reformulação do conceito de comunidade discursiva, analisando-o numa perspectiva bifurcada que procure dar conta do aspecto macro, global, da comunidade, bem como das especificidades de seus sub-grupos. Para nomearmos esses elementos, utilizamo-nos dos termos comunidade discursiva global e comunidade discursiva local. Num segundo momento, procuramos aplicar essa revisão em um grupo de internautas conhecido como blogueiros. Para construção dos dados utilizamos como método a etnometodologia dando ênfase às falas dos membros, interpretadas a partir do entendimento do contexto maior de que fazem parte. Os resultados da análise demonstraram que de fato a comunidade global blogueira é formada a partir de múltiplas comunidades locais, tendo sido descrita a comunidade local “bar do escritor”, que possui em relação às características da comunidade global blogueira especificidades tanto em relação aos seus objetivos como às suas demais características, mas que se une às demais comunidades locais blogueiras por partilhar os mesmos objetivos gerais e por estabelecer-se hierarquicamente no todo maior da comunidade global, o que a torna parte da comunidade global blogueira e não uma comunidade discursiva isolada desta.

(274 palavras)

---

\* Palavras-chave: comunidade discursiva, comunidade discursiva global, comunidade discursiva local, blogueiros.

## *Abstract*<sup>\*</sup>

---

The aim of this research was to go over the theoretical-methodological way of studying discourse communities by Swales so that it was possible to account in a more suitable way on complex communities like those one find on online environment. Our hypothesis was based on the idea that because of the complexity of groups like the bloggers, for example, it was necessary to investigate them from their general characteristics as much as in relation to likely sub-groups, shaped from the specification of some objectives of the group as a whole. Therefore, in a first moment of this dissertation we tried to propose a review of the discourse community concept subdividing it into two related concepts: global discourse community and local discourse community. In a second moment, we tried to apply that review in an online group called bloggers. To get the necessary data for our analysis we used the ethnomethodology as a method, focusing in the members speeches which was interpreted based on the major context they take part of. The results of analysis indeed evidences that the blogger global discourse community is the result of multiple local discourse communities, one of them, called “bar do escritor (writer’s bar), we described. This local community, if compared to his global community, presents specificities in relation to his objectives as much other singular characteristics, all of that tributary from the global community, so that it became it part of the blogger global community and not an aside discourse community.

(247 words)

---

\* Key-words: discourse community, global discourse community, local discourse community, bloggers.

## Résumé\*

---

Le but de cet travail a été revoir le théorique- méthodologique parcours pour le étude de communautés discursives de Swales de sorte que on puisse étudier, de une plus adéquat façon, les complet communautés comme celles-là que on trouve dans la internet. Notre hypothèse a été basé sur la idée de que dû la complexité de groupes comme les « bloggers », ici analysé, il y avait la nécessité de rechercher cet grupe de le point de vue de leurs générales caractéristiques en même temps que on doit avoir conscience de possibles sub-grupes, formés à partir de, au moins, un objectif spécifique, tributaire toutefois de les objectifs de la communauté plus grande. De cette façon, au début de cette dissertation nous avons cherché une proposition pour une revision de le concept de discursive communauté, selon laquelle nous avons subdivisé le concept original dans les concepts de communauté discursive global et communauté discursive local. Dans un second moment, nous avons appliqué cette révision dans le virtuel groupe de « bloggers ». Pour la construction de les donnés, nous avons utilisé comme méthode la ethométhodologie, focalisant les paroles de les membres de la communauté, interprétés à partir de la connaissance de le contexte plus grand à lequel ils prennent part. Les résultats de la analyse démontrent que en fait la global communauté de « bloggers » est formé à partir de multiples locaux communautés, duquels nous avons décrit la communauté local « bar do escritor (bar de le écrivain) que possède, par rapport à les caractéristiques de la communauté global, objectifs spécifiques, parmi autres caractéristiques propres, que la devient une communauté local que est partie de la communauté global de « bloggers » et non une communauté isolée. (281 mots)

---

\* Mot clés: communautés discursives, communautés discursives global, communautés discursives, local, « bloggers »

## Resumen\*

---

El objetivo de este trabajo fue revisar el camino teórico-metodológico para el estudio de comunidades discursivas de Swales de modo que se pudiera explicar, de una manera más adecuada, complejas comunidades como las que solemos encontrar en la *internet*, por ejemplo. Nuestra suposición fue la de que a causa de la complejidad de grupos como los blogueros, aquí analizados, teníamos la necesidad de pesquisarlos desde el punto de vista de sus características generales así como en relación a posibles subgrupos suyos, formados a partir de la especificación de los objetivos generales de la comunidad bloguera como un todo. Así que, en un primer momento de esta disertación buscamos proponer una revisión del concepto de comunidad discursiva, subdividiéndolo en dos conceptos distintos: comunidad discursiva global y comunidad discursiva local. En un segundo momento, buscamos aplicar esta revisión en un grupo de internautas conocido como blogueros. Para la construcción de los datos utilizamos como método la etnometodología enfocando en las hablas de los miembros, interpretadas a partir de la interpretación del contexto mayor de que toman parte. Los resultados de la análisis demuestran que de hecho la comunidad bloguera es formada a partir de múltiples comunidades locales, una de las cuales nosotros describimos aquí: la comunidad “bar do escritor” (bar del escritor) que posee, en relación a las características de la comunidad global bloguera, distinciones en relación a sus objetivos específicos así como en relación a algunas de otras características suyas, por lo que esta es una parte de la comunidad global bloguera y no una comunidad aislada de ésta.

(258 palabras)

---

\* Palabras-llave : comunidades discursivas, comunidades discursivas global, comunidades discursivas local, blogueros

## *Lista de figuras*

---

<b>Figura 1</b> – relações entre comunidade global e suas comunidades locais.	<b>52</b>
<b>Figura 2</b> – <i>post</i> “eu sou blogueiro?”	<b>75</b>
<b>Figura 3</b> – <i>post</i> “um blogueiro completo	<b>77</b>
<b>Figura 4</b> – tela 1 do <i>post</i> “tenho um blog mas não sou blogueiro	<b>79</b>
<b>Figura 5</b> – tela 2 do <i>post</i> “tenho um blog mas não sou blogueiro	<b>80</b>
<b>Figura 6</b> – código de ética blogueiro	<b>82</b>
<b>Figura 7</b> – <i>post</i> “porquê criar um blog, motivos?”	<b>87</b>
<b>Figura 8</b> – <i>post</i> “porque criar um blog?.	<b>89</b>
<b>Figura 9</b> – “Blogueiros estão loucos por visitas, que chatice...”	<b>90</b>
<b>Figura 10</b> – tela inicial <i>blogblogs</i>	<b>92</b>
<b>Figura 11</b> – linkações perigosas	<b>93</b>
<b>Figura 12</b> – só tem link aqui se tiver link aí	<b>94</b>
<b>Figura 13</b> – comentário de Rogério Moraes	<b>95</b>
<b>Figura 14</b> – comentário de Frederico	<b>95</b>
<b>Figura 15</b> – blog círculo cultural wiccano	<b>96</b>
<b>Figura 16</b> – blog “o rei da cocada preta”	<b>97</b>
<b>Figura 17</b> – comentários do blog “o rei da cocada preta”	<b>98</b>
<b>Figura 18</b> – tela inicial do servidor Blogger	<b>100</b>
<b>Figura 19</b> – tela inicial do blog “solta no mundo	<b>100</b>
<b>Figura 20</b> – comentários do blog “solta no mundo”	<b>100</b>
<b>Figura 21</b> – tela 2 do blog solta no mundo	<b>107</b>
<b>Figura 22</b> – comentários do blog solta no mundo	<b>109</b>
<b>Figura 23</b> – tela 3 do blog solta no mundo	<b>110</b>
<b>Figura 24</b> – tela 4 do blog solta no mundo	<b>110</b>
<b>Figura 25</b> – blogs <i>além do que se lê</i>	<b>112</b>
<b>Figura 26</b> – blog <i>Bar do escritor</i>	<b>113</b>
<b>Figura 27</b> – blog <i>ki blog</i>	<b>115</b>
<b>Figura 28</b> – <i>recursosb (gadgets) oferecidos pelo servidor blogger</i>	<b>115</b>
<b>Figura 29</b> – tela inicial de uma comunidade blogueira do <i>Orkut</i>	<b>116</b>
<b>Figura 30</b> – divulgação de <i>blog</i> no <i>Orkut</i>	<b>117</b>
<b>Figura 31</b> – encontro nacional de blogueiros	<b>118</b>
<b>Figura 32</b> – comentário 1 ao blogonarium.	<b>120</b>
<b>Figura 33</b> – Nietzsche em miguxês.	<b>122</b>
<b>Figura 34</b> – segundo exemplo de comentário ao blogonarium	<b>123</b>
<b>Figura 35</b> – definição de <i>même</i> na Wikipédia	<b>124</b>
<b>Figura 36</b> – verbetes com Raí “blog” no blogonarium.	<b>125</b>
<b>Figura 37</b> – pirâmide hierárquica dos blogs	<b>127</b>
<b>Figura38</b> – hierarquia dos blogs 1	<b>127</b>
<b>Figura 39</b> – hierarquia dos blogs 2	<b>128</b>
<b>Figura 40</b> – hierarquia dos blogs 3	<b>128</b>

<b>Figura 41</b> – hierarquia dos blogs 4	<b>129</b>
<b>Figura 42</b> – a difícil escada dos blogs	<b>130</b>
<b>Figura 43</b> – comentário 1 no blog: Blosque.com	<b>131</b>
<b>Figura 44</b> – comentário 2 no blog: Blosque.com	<b>131</b>
<b>Figura 45</b> – comentário 3 no blog: Blosque.com	-
<b>Figura 46</b> – comentário 4 no blog: Blosque.com	<b>132</b>
<b>Figura 47</b> – realinhamento da pirâmide hierárquica blogueira)	<b>133</b>
<b>Figura 48</b> – orkut do “bar do escritor”	<b>136</b>
<b>Figura 49</b> – fórum do Orkut do “bar do escritor”	<b>137</b>
<b>Figura 50</b> – <i>post</i> 2 do blog “bar do escritor”	<b>138</b>
<b>Figura 51</b> – <i>post</i> de inauguração do blog “bar do escritor”	<b>140</b>
<b>Figura 52</b> – página inicial do Orkut do “bar do escritor”.	<b>141</b>
<b>Figura 53</b> – informativo sobre o blog “bar do escritor”	<b>142</b>
<b>Figura 54</b> – tela 1 do <i>post</i> de abril de 2008 do blog “bar do escritor”	<b>144</b>
<b>Figura 55</b> – tela 2 do <i>post</i> de abril de 2008 do blog “bar do escritor”.	<b>145</b>
<b>Figura 56</b> – parte 1 da tela inicial do blog “bar do escritor” em outubro de 2008	<b>146</b>
<b>Figura 57</b> – perfil do orkut de membro do “bar do escritor”	<b>147</b>
<b>Figura 58</b> – parte 2 da tela inicial do blog “bar do escritor” em outubro de 2008	<b>149</b>
<b>Figura 59</b> – postagens de outubro do blog “bar do escritor”.	<b>150</b>



# *Sumário*

---

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>Swales e o conceito de comunidade discursiva</b>	<b>22</b>
1.1. O que é comunidade discursiva para Swales	<b>22</b>
1.2. Aplicações do modelo original de Swales	<b>30</b>
1.2.1. A comunidade do AA	<b>30</b>
1.2.2. A comunidade discursiva dos “tanans”	<b>35</b>
1.2.3. A comunidade discursiva “senhor dos anéis”	<b>39</b>
1.2.4. A comunidade discursiva jurídica	<b>43</b>
1.2.5. A comunidade discursiva jornalística	<b>45</b>
1.2.6. Sumarizando as discussões	<b>47</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>Por uma revisão do conceito de comunidade discursiva</b>	<b>49</b>
2.1. Comunidade discursiva global e comunidade discursiva local	<b>50</b>
2.2. Dos passos para o reconhecimento e análise de uma CD global e local	<b>53</b>
2.2.1. Do contexto	<b>54</b>
2.2.2. Do processo de admissão	<b>54</b>
2.2.3. Das normas e valores	<b>55</b>
2.2.4. Dos objetivos	<b>55</b>

	14
2.2.5. Do elenco de gêneros e outros mecanismos de participação	55
2.2.6. Do léxico	56
2.2.7. Da hierarquia	57
2.2.8. Sumarizando as discussões	57

### **CAPÍTULO 3**

<b>Opções metodológicas</b>	<b>59</b>
3.1. A escolha do objeto de estudo e do referencial teórico	59
3.2. A construção e a organização dos dados	61
3.3. A análise dos dados	66

### **CAPÍTULO 4**

<b>Descrição da comunidade global dos blogueiros</b>	<b>71</b>
4.1. Origem e evolução dos (blog)ueiros: do contexto em que a CD se insere	72
4.2. “Eu sou blogueiro?”: do processo de admissão	74
4.3. “O início é difícil e vai continuar assim, então se você pensa que vai ser moleza é melhor nem tentar: das normas e valores.	81
4.4.. “Tens alguma coisa a dizer ao mundo? Queres compartilhar teus conhecimentos/sentimentos?desabafar?: dos objetivos	85
4.5. “Soltos no mundo?”: do elenco de gêneros e outros mecanismos de participação	99
4.6. “Vc já kibou um mème hj usando miguxês?”: do léxico específico dos blogueiros	119
4.7. “O que é mais fácil: ser guru da blogosfera ou subir o monte Everest?”: a estrutura hierárquica da CD global blogueira	126
4.8. Sumarizando as discussões	133

## **CAPÍTULO 5**

<b>Descrição da comunidade local “bar do escritor”</b>	<b>135</b>
5.1. “O bar está aberto”: do contexto da comunidade local	<b>135</b>
5.2. “ Para participar, trocar idéias, claborar com textos ou apenas opinar, deixe msg aqui no blo ou vá diretamente ao Bar”: do processo de admissão.	<b>138</b>
5.3. “Se não quiser ser ofendido, não entre!”: das normas e valores	<b>140</b>
5.4. Estaremos te esperando com a mão aberta (para te acertar um tapa) e muito felizes (por mais um otário para criticarmos): Dos objetivos da comunidade BDE	<b>142</b>
5.5. Quem escreve mal? Todos que não são ricos nem famosos com suas letras: dos gêneros	<b>143</b>
5.6. Evitar o uso dissimulado do "internetês - vc, td, blz, kra, ksa, vlw, msg, q qto, hiii... do léxico	<b>148</b>
5.7. Nessa mesa não existirão "protegidos" nem "turma do deixa-disso". Aqui é o local para detonar aqueles que escrevem mal: da hierarquia	<b>150</b>
5.8. Cruzando os dados: comunidade global blogueira X comunidade local “bar do escritor”	<b>151</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>163</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>167</b>

---

*A verdade dividida*

A porta da verdade estava aberta  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só conseguia o perfil de meia verdade.  
E sua segunda metade  
voltava igualmente com meio perfil.  
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.  
Chegaram ao lugar luminoso  
onde a verdade esplendia os seus fogos.  
Era dividida em duas metades  
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.  
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.  
E era preciso optar. Cada um optou  
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

*Carlos Drummond de Andrade*

---

## Considerações Iniciais

---

*É inegável que a tecnologia do computador [...] criou uma imensa rede social (virtual) que liga os mais diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas numa velocidade espantosa [...]. Isso dá uma nova noção de interação social. Este é o primeiro aspecto que gostaria de frisar na natureza das novas tecnologias que **não são anti-sociais** como alguns supuseram, mas favorecem a criação de verdadeiras redes de interesses. [...] Esse é um novo foco para a reflexão; não necessariamente um novo objeto lingüístico, mas uma nova forma de uso da língua enquanto prática interativa (grifo do autor).*

(MARCUSCHI, 2004, p. 20)

**S** : a busca pela verdade, tal como vista no poema de Drummond, que serve de epígrafe geral a esse trabalho, não chega a ser mais o objetivo central da ciência moderna, a consciência do “capricho”, a “miopia” de “cada um” talvez tenha tornado mais angustiante o trabalho científico, consciente que são agora os pesquisadores de que de antemão as idéias são incompletas, imperfeitas e provisórias.

Dessa forma, é num dilema irrefutável que propomos aqui o que vai ora apresentado nesse trabalho. Por um lado, entendíamos que a “miopia”, com que é fundamentado todo conceito, nos encoraja a buscar novas aplicações e avanços para ele. Ao mesmo tempo, somos conscientes de nossa própria “miopia” e sabemos que o que vai aqui proposto é parcial, fragmentado e provisório, como o é todo trabalho científico.

Lidar com um conceito, sobretudo um advindo de um grande nome como o de Swales, é uma responsabilidade e um desafio de que também somos conscientes. Uma responsabilidade por ser, até certo ponto, pretensioso para um iniciante no meio acadêmico propor reformulações à literatura já consagrada, e um desafio por nos instigar ao aprofundamento e fundamentação do que pode ser dito e por nós proposto.

É com todas essas inquietações que apresentamos aqui nosso trabalho que se insere em um projeto maior intitulado *Gêneros Digitais: relações entre hipertextualidade, propósito comunicativo e ensino*, em andamento no grupo de pesquisa Hiperged, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará.

Acreditamos que a relevância de nossa pesquisa está, sobretudo, na proposição de retomar a discussão sobre o vínculo dos gêneros às comunidades discursivas que deles fazem uso. Se, de fato, é verdade, como tem proposto a moderna teoria de gêneros, que um gênero é o fruto de um propósito comunicativo específico que modela sua estrutura tanto temática como composicional (SWALES, 1990; BHATIA 1993), e ainda, se esse propósito por sua vez também é fruto de um grupo sócio-historicamente estabelecido (SWALES 1990; 1992; 1998), então, acreditamos que o estudo das diversas comunidades discursivas é peça fundamental para toda análise de gêneros de base sócio-retórica, pelo que propomos aqui retomarmos as discussões sobre essas relações.

No tocante a divisão deste trabalho, podemos dizer que num plano mais geral compõe-se por dois eixos principais: um primeiro teórico no qual discutimos acerca do conceito de comunidade discursiva de Swales (1990; 1992; 1998), apresentando ainda aplicações deste conceito por outros pesquisadores em algumas pesquisas anteriores, culminando essa primeira parte com nossa proposta de reformulação do conceito de Swales baseando-nos nas discussões apresentadas nos dois pontos precedentes.

O outro eixo movedor dessa Dissertação diz respeito à aplicação de nossa proposta do modelo reformulado de comunidade discursiva em um grupo virtual que se auto-intitula blogueiros e também em um subgrupo deste chamado “bar do escritor”<sup>1</sup>, ambos oriundos e estabelecidos no meio virtual e possibilitados pelas novas tecnologias que, como bem salienta o negrito, posto pelo autor no trecho que serve de epígrafe para este capítulo, ao contrário do que se supunha anteriormente, não são em si desagregadoras ou ponto máximo do individualismo capitalista, ao contrário, as novas formas de comunicação virtual, possibilitadas pela interconexão de pessoas de diferentes partes do mundo mediadas por computadores, têm criado um novo espaço de relacionamento humano, comumente chamado *ciberespaço*<sup>2</sup> (LÉVY, 1996; 1999; 2000), um espaço comunitário virtual que tem se afamado pelo conagraçamento de pessoas dos mais diferentes pontos do mundo e pela constituição de diversas redes sociais formadas a partir de interesses comuns.

Posto isso, um de nossos objetivos aqui é estudar um desses muitos grupos estabelecidos na grande rede, os chamados blogueiros. O interesse por esse grupo surgiu de nossa própria experiência pessoal como *internauta* e posteriormente como blogueiro, tendo chamado nossa atenção a crescente massificação dos blogs hoje em dia. Nossa intenção maior era responder a algumas inquietações nossas: **O que é um blogueiro? Todos os que publicam blog podem ser ditos blogueiros? Ou ainda, o que é preciso para ser um blogueiro? O que pode ser descrito como comum aos seus membros e que possa identificá-los como sendo um grupo, diferente de apenas um conglomerado de pessoas? E mais, o que diferenciaria esse grupo dos demais grupos da internet? Focando nossa atenção em como se dá a comunicação no grupo através do gênero *blog*?**

Na busca por respostas a essas perguntas, buscamos auxílio no conceito de comunidade discursiva de Swales. Essa escolha foi baseada, sobretudo, pela

---

<sup>1</sup> <<http://bardoescritor.blogspot.com/>>

<sup>2</sup> Segundo Lévy, o ciberespaço é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999. p. 92)

centralidade dada pelo autor aos gêneros utilizados por um grupo em sua comunicação, o que se adequava plenamente em nossa busca por compreender melhor a interrelação blogueiro e blog.

Ao contrário da maioria dos conceitos que lidam com a categoria “comunidade”, no conceito de comunidade discursiva, proposto por Swales primeiramente em 1990, concebe-se a análise de uma comunidade, do ponto de vista empírico, estabelecendo critérios para sua caracterização. Alvo de muitas controvérsias, o conceito de comunidade discursiva, tal como proposto por Swales (1990; 1992; 1998), tem sido empregado por vários pesquisadores, dentre eles, podemos fazer referência às pesquisas desenvolvidas por Bernardino (2000), Bonini (2002), Araújo (2003), Gaed (2003) e Catunda (2004), os quais nos serviram de exemplos na utilização desse conceito para caracterização de comunidades discursivas (CD) de tipos diferentes, tanto profissionais como recreativas, *online* ou não.

Da reflexão sobre a aplicação do conceito de CD por esses pesquisadores, alguns questionamentos levaram-nos a refletir melhor sobre a proposta de Swales, o que por fim resultou em um trabalho nosso de proposta de reformulação desse conceito, com vistas a propor sugestões para algumas lacunas encontradas.

Dentre outras sugestões nossas, optamos aqui em subdividir o conceito original de Swales de comunidade discursiva em dois: um mais geral a que nomeamos comunidade discursiva global e um outro, mais específico, a que chamaremos comunidade discursiva local<sup>3</sup>. Teríamos assim um grupo maior, que se caracteriza por apresentar objetivos, gêneros e léxico em comum, ao mesmo tempo em que esse grupo subdividi-se em outros grupos particulares (comunidades locais) cada um apresentando especificidades quanto a objetivos, gêneros e léxico, mas interrelacionando-se entre si por um mesmo objetivo geral e em uma organização

---

<sup>3</sup> Cabe ressaltar que esses dois termos, comunidade discursiva global e de lugar foram primeiramente sugeridos por Killingsworth e Gilberson (1992 apud Swales 1998), mas tendo para esses autores concepções completamente distintas das que aqui propomos. (Cf. capítulo 2).



hierárquica maior que os *une*, portanto, como uma comunidade mais ampla a que chamaremos comunidade global.

Essa sugestão foi estabelecida em resposta a uma inquietação do próprio Swales (1992) ao perguntar-se o que seria uma comunidade discursiva acadêmica, todos os *campi* de uma universidade? Cada *campus* separadamente? Cada área de conhecimento? Cada departamento?

Também outros ajustes foram feitos com relação ao elenco de critérios para descrição de uma CD: os critérios originais 2, 3 e 4, que dizem respeito à descrição dos mecanismos de intercomunicação, participação e gêneros respectivamente, foram agrupados em um único critério que diz respeito ao elenco de gêneros e outros mecanismos de participação no grupo, visto, como já concluído por Gaede (2002), a intercomunicação ser parte da participação e visto também serem os gêneros os principais mecanismos de participação em um grupo. Ainda foram acrescentados mais três outros critérios que serão em nossa proposta os critérios 1, 2 e 3: sobre o contexto em que se insere a CD, o processo de admissão de novos membros e sobre o conjunto de normas e valores do grupo respectivamente.

Para além dessa revisão buscamos também interrelacionar melhor o conceito de CD aos demais conceitos da teoria de gêneros, buscando entender como os propósitos comunicativos da CD influenciam na composição de seus gêneros utilizados e em que medida o próprio processo de admissão e ascensão no grupo é balizado pelo grau de letramento do indivíduo.

Com tudo isso, os dois objetivos centrais desse trabalho são: propor uma reformulação do conceito de Swales de comunidade discursiva e aplicar essa proposta em um grupo *online* chamado *blogueiros* e a um de seus múltiplos sub-grupos: o “*bar do escritor*”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> <http://bardoescritor.blogspot.com/>

Para a consecução desses objetivos serviram-nos como objetivos específicos os seguintes:

1. Descrever o contexto em que se insere a CD
2. Descrever o processo de admissão de um membro na CD
3. Descrever o conjunto de valores da comunidade
4. Descrever o conjunto de objetivos próprios à comunidade.
5. Elencar o conjunto de gêneros e demais mecanismos de participação utilizados pelos membros da comunidade, interrelacionando-os aos propósitos da CD.
6. Descrever o léxico específico da CD identificando termos e expressões próprias usuais para comunicação específica entre os membros.
7. E descrever a estrutura hierárquica própria da comunidade.

Esses objetivos serviram-nos tanto para a análise do grupo maior, a comunidade global dos blogueiros, como de um de seus sub-grupos, a comunidade local “bar do escritor”, cruzando ao final o resultado das análises de cada CD e chegando ao final no que poderia ser descrito como comum e específico para cada caso.

Com tudo isso, buscamos neste trabalho avançar tanto do ponto de vista teórico, trazendo sugestões a algumas questões levantadas; como do ponto de vista empírico, ao procurar entender melhor o contexto de comunicação propiciado pela comunicação mediada por computador, área essa ainda bastante incipiente, e para a qual acreditamos ser necessários mais investimento acadêmicos, sendo nesse sentido também relevante o estudo da comunidade blogueira.

Por fim temos a dizer que o caminho escolhido para a sucessão de capítulos nesse trabalho, procurou promover a imersão do leitor, ainda que inexperiente, nas questões sobre a conceituação de comunidade discursiva ou na “ação de blogagem” (MILLER, 2007), de forma a tentarmos tornar o mais claro possível as discussões, promovendo o entendimento e, sempre que possível, a ludicidade nos pontos abordados.

# *Capítulo 1*

## *Swales e o conceito de comunidade discursiva*

---

[...] um conceito (comunidade discursiva) que  
 Foi pensado a partir de uma comunidade específica, a comunidade acadêmica. [...] Consideramos que é válido aplicar (este) conceito a uma diversidade maior de grupos sociais. Em alguns casos, tal empreendimento pode conduzir a uma confirmação dos critérios apontados por Swales, em outros, pode levar a uma reformulação do conceito, o que seria uma importante contribuição.  
 (BERNARDINO, 2000. P. 151.)

Neste capítulo pretendemos discutir o caminho teórico-metodológico desenvolvido por Swales para o estudo de comunidades discursivas, desde sua proposta inicial de 1990, passando pelas revisões de 1992 e 1998 e *an passant* por seu mais recente trabalho de 2004. Em seguida, analisaremos pesquisas que se utilizaram desse conceito para o estudo de grupos tanto profissionais como recreativos, virtuais ou não. Ao longo de nossa exposição pretendemos ainda discutirmos acerca de alguns problemas encontrados no conceito de Swales e demonstrados na análise de suas aplicações.

### **1.1.O que é comunidade discursiva para Swales?**

O conceito de comunidade discursiva (doravante CD) é uma das peças-chave para a teoria de gênero de Swales, já que, para o referido autor, um texto não pode ser completamente entendido e interpretado fora de seu contexto de uso, isto é, baseando-se tão somente nos elementos lingüísticos que o constitui. Isso porque, os gêneros, para Swales (1990, p.58), são frutos do(s) propósito(s) do(s) grupo(s) que os formaram.

Vejamos então o conceito de gênero apresentado pelo autor na referida obra:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva e dessa forma passam a constituir o fundamento do gênero. Esse fundamento modela a estrutura do discurso e influencia e limita a escolha de conteúdo e estilo<sup>5</sup>.

Como se pode perceber, o autor concebe gênero como uma semiotização de eventos comunicativos. Assim, um gênero é o fruto de um propósito comunicativo, uma necessidade particular de comunicação. Logicamente, essa necessidade não pode ser sentida por um, ou mesmo, poucas pessoas, é necessário que um grupo a sinta e convençione elementos que sirvam como meio de supri-la. São as necessidades, as peculiaridades desse grupo que darão forma ao gênero, que serve como um meio semiotizado de suprir determinadas necessidades comunicativas recorrentes e estabilizadas em uma “forma relativamente estável” (BAKHTIN 1997).

Visto dessa forma, é indispensável para o estudo de um determinado gênero, a caracterização do(s) grupo(s) que o utiliza, uma vez que, são as necessidades desse grupo que dão forma e estabelecem seus contextos de uso. Certamente, não foi Swales o primeiro a se utilizar desse pensamento, e nem mesmo desse conceito de comunidade discursiva<sup>6</sup>, contudo, a relevância de suas pesquisas nessa área está certamente, não somente na procura de definir critérios que possam estabelecer um grupo como sendo ou não uma comunidade discursiva (CD), como também na importância que o autor atribui à CD como contextualização de uso do gênero, entendido como uma ação social (MILLER, 1984).

Sendo assim, para Swales (1990, p.9):

comunidades discursivas são redes sócio-retóricas que se formam afim de atuar em torno de um conjunto de objetivos comuns. Uma das características que os membros estabelecidos dessas comunidades possuem é a familiarização com gêneros particulares que são usados em causas comunicativas desse conjunto de objetivos.

---

<sup>5</sup> As traduções feitas dos trabalhos de Swales são de nossa responsabilidade.

<sup>6</sup> Cf. Swales (1990; 1992)

Na definição acima, o termo “sócio-retórico” parece ser fundamental para o entendimento do conceito de comunidade discursiva de Swales. Para o autor, as comunidades funcionam como uma espécie de nascedouro de ações tipificadas, que passam a semiotizarem-se na forma de gêneros, os quais passam a ser sustentação verbal das necessidades do grupo, usados para consecução de objetivos específicos. Dessa forma, os gêneros atuam também nas relações de poder no grupo, na medida em que são controlados pelos membros mais experientes, que possuem o conhecimento mais elevado sobre sua constituição e os contextos de uso. Contudo, apesar de dar centralidade ao gênero em seu conceito de CD, Swales não relaciona as pontas do triângulo a que parece supor, formado por: **comunidade discursiva, propósito comunicativo e gênero**. Relações essas que, acreditamos, precisam ser mais bem definidas para que haja mais propriedade no interrelacionamento desses elementos, ao que tentaremos ao longo de nossa exposição conseguir fazê-lo.

Swales (1990, p. 08) ainda define uma CD como “um grupo heterogêneo que compartilha objetivos e interesses ocupacionais ou recreativos”, o que a distingue de uma comunidade de fala<sup>7</sup> que para o autor é “um grupo sociolingüístico homogêneo de pessoas que compartilham região geográfica e *background*. Apesar de apresentar uma CD como heterogênea, o autor reconhece que há, pelo menos, um conjunto de características comuns com as quais podemos definir ou não um grupo como sendo uma CD. A primeira definição de critérios para a descrição de uma CD foi estabelecida por Swales em 1990, para quem:

1. uma CD deve ter um acordo em relação a seus objetivos públicos comuns.
2. uma CD deve ter mecanismos que promovam a intercomunicação entre seus membros.
3. uma CD deve utilizar mecanismos que promovam a participação e o *feedback*.
4. uma CD deve compartilhar o conhecimento de um ou mais gêneros.
5. uma CD deve possuir um léxico específico.

---

<sup>7</sup> Segundo Labov (1972, p.54) uma comunidade de fala é um “conjunto de falantes empregando as mesmas formas”, ou ainda “um grupo de falantes que têm em comum um conjunto de atitudes sociais para com a língua”.

6. uma CD deve procurar manter um equilíbrio entre os membros “*experts*” e os membros iniciantes.

Essa primeira tentativa de Swales de estabelecimento de parâmetros para definição de uma CD foi bastante criticada<sup>8</sup> principalmente pelo fato de que o autor parece conceber uma CD como algo acabado, hermético, portanto, incapaz de incorporar novos gêneros, novos objetivos e um novo léxico, o difere de sua conceituação de CD como algo “heterogêneo”, como o autor havia mencionado antes. Foi com base nessas críticas que o analista de gêneros procurou reformular o seu conceito de CD, alterando alguns dos critérios para o seu estabelecimento. Assim, em um trabalho posterior, Swales (1992) passou a defender que uma CD se caracteriza por:

1. possuir um conjunto de objetivos formulados publicamente e estabelecidos em parte, ou no todo por seus membros;
2. possuir mecanismos de intercomunicação entre seus membros (encontros, jornais, correspondências entre outros)
3. usar mecanismos de participação de forma a atender propósitos específicos como: canalização das informações, manutenção do sistema de crenças e valores, aumento do espaço profissional etc.
4. utilização de uma seleção crescente de gêneros que visem a realização comunicativa de seus objetivos e como instanciação de seus mecanismos de participação. Estes freqüentemente formam conjuntos ou séries.
5. uma aquisição, ou mesmo busca de termos específicos;
6. possuir uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que visa, sobretudo, orientar os processos de admissão e progressão no grupo.

Com essa reformulação, o autor dá margem a uma visão mais dialética de uma CD, visto vê-la não mais como algo acabado e hermético, mais sim como algo em evolução, capaz de expandir seu léxico, utilizar novos gêneros e reformular seus

---

<sup>8</sup> O próprio Swales (1992) disponibiliza um resumo das críticas feitas a sua conceituação de comunidade discursiva.

objetivos. Não obstante esses avanços, em ambos os casos, o conceito ainda peca no que diz respeito aos seus limites. O próprio Swales (1992) chega a questionar-se, sem, contudo propor solução, quais os limites a serem observados por quem desejasse estudar a chamada comunidade discursiva acadêmica. O que poderia ser descrito como uma CD acadêmica? Todos os *campi*? Cada *campus* separadamente? Cada área de conhecimento? Cada departamento? Ou ainda, será necessário cumprir todas as características propostas ou só uma parte delas?, Neste caso, quais seriam as mais importantes?

Outro problema pode ser identificado em cotejando os critérios 2,3 e 4, visto o autor não delimitar bem o que diferenciaria um dos outros. Tomemos como exemplo o já clássico caso da comunidade discursiva dos filatelistas de Hong-Kong citado pelo próprio autor (1990, p. 27 e 28) e da qual o mesmo participa.

Em sua breve exposição da comunidade, o autor cita como mecanismos de intercomunicação: um jornal enviado aos membros a cada dois meses, reuniões, correspondências e telefonemas. Quanto aos outros dois critérios seguintes: mecanismos de participação e gêneros, o autor carece em sua descrição de clareza, retomando os mesmos elementos e arrolando outros sem nomear os critérios de que fazem parte. Acreditamos que isso se deve à própria natureza dos três critérios apontados, visto, em nosso entendimento, dizerem respeito a idéias semelhantes, sobretudo na perspectiva de gênero como mecanismo de ação social (MILLER, 1984), na qual se situa o autor.

Dessa forma, os elementos descritos atuam tanto como meios de intercomunicação, como de participação no grupo, sendo que tanto o jornal como a correspondência, citados, são também gêneros. Isso nos leva a indagar se, de fato, mesmo metodologicamente, seria viável essa separação original. O autor chega, ao que parece, em sua revisão de 1992 (p.11) a vislumbrar a possibilidade de unirem-se, pelo menos, os critérios 3 e 4 ao mencionar que os gêneros também servem “como instanciação de seus (da comunidade) mecanismos de participação”.

Ainda como mencionado anteriormente, deveria o autor, melhor interrelacionar a escolha e composição dos gêneros aos propósitos da CD que o utiliza. Se de fato um gênero não é propriedade de uma CD, como foi primeiramente posto por Swales (1990) e amplamente criticado, até que o autor (1992) finalmente abandonasse a idéia, o gênero, e diríamos mais, todos os mecanismos de participação e intercomunicação do grupo, são escolhidos e moldados segundo os objetivos e necessidades da CD que os utiliza, como próprio reconhece o autor em sua concepção de gênero ao dizer que “esse fundamento ((os) propósito(s) comunicativo(s) do grupo) modela a estrutura do discurso (incluindo gêneros) e influencia e limita a escolha de conteúdo e estilo” (1990, p. 58). Visto dessa forma, se de fato é o propósito comunicativo o que fundamenta e molda a estrutura do gênero e do discurso do grupo, não bastaria aqui elencar os gêneros e demais mecanismos de participação e intercomunicação do grupo, também é preciso avaliar como os objetivos (propósitos) do grupo influenciaram na composição das escolhas e plano composicional desses elementos, o que não foi mencionado pelo autor em sua exposição desses critérios.

Em trabalho posterior, Swales (1998) passa a fazer uma (re)avaliação das discussões em torno do referido conceito, refletindo acerca de obras publicadas por diversos pesquisadores que tiveram como ponto central uma avaliação dessa categoria. De todos, Swales passa a assumir, ainda que em parte, a dicotomia proposta por Killingsworth e Gilbertson (1992)<sup>9</sup> entre comunidade global e comunidade local (global and local community). Para os autores citados por Swales (1998, p. 201),

comunidades discursivas locais são grupos de leitores e escritores que habitualmente trabalham juntos em companhias, colégios, departamentos, vizinhanças, agências governamentais, ou outros grupos definidos por características demográficas específicas. [...] Comunidades discursivas globais, em contraste, são grupos de escritores e leitores definidos exclusivamente por um comprometimento com espécies particulares de ação e discurso, não importando de onde e com quem trabalham.

Contudo, apesar dessa diferenciação, o autor passa a assumir tão somente o conceito de comunidade local (que ele passa a chamar de comunidade de lugar),

---

<sup>9</sup> KILLINGSWORTH, M.J., & GILBERTSON, M.K. (1992). *Signs, genres, and communities in technical communication*. Amityville, NJ: Baywood.



argumentando que “o outro tipo (comunidade global) “eu abro mão, por não ser central a orientação deste livro, embora haja similaridades e diferenças entre ambos” (1998, p. 204).

Pensando assim o autor pondera que uma comunidade de lugar (CDL):

é um grupo de pessoas que regularmente trabalham juntas (embora nem sempre ou todo tempo no mesmo lugar). Este grupo em geral possui um nome. Membros deste grupo (ou sua maior parte) têm um senso estabelecido dos papéis e propósitos próprios de sua agregação, decisões do grupo, projetos do grupo, rotina de trabalho, ou empreitadas individuais endossadas (tacitamente ou não) pela maior parte de seus outros membros.

Durante sua existência, a CDL desenvolveu um repertório de gêneros falados, falados e escritos e somente escritos que servem para canalizar, desenvolver, e monitorar seus papéis e propósitos;

Uma CDL alcançou um nível de consenso no que diz respeito a coisas como ritmo de trabalho, níveis de produtividade, horizontes de expectativa, e papéis, bem como elações entre “teoria” (grifo do autor) (ainda que apenas latente) e prática. Nessa promoção de práticas comunicativas, uma CDL desenvolveu um léxico específico, tais como abreviações e outras técnicas de escrita, e tem desenvolvido um conjunto específico de valores os quais se considera serem bons e representativos de seu trabalho. (cf. Becher, 1989). Uma CDL também desenvolveu um senso do que não deve ser discutido – um senso de suas “relações silenciosas” (Becker, 1995). (ambas as referências são indicações do autor).

Por último, mas não menos importante, um CDL tem uma consciência sobre sua história, e tenta comunicar suas tradições e *modi operandi* a seus novatos assim como tenta, pela legítima participação periférica, inculcar em seus recém- ingressos as “apropriadas” (grifo do autor) práticas discursivas (SWALES, 1998, p. 204).

Nessa nova tentativa de realinhar as características de uma CD, Swales busca, apropriando-se das discussões realizadas por outros autores, fazer um apanhado do que foi proposto, tirando daí suas próprias conclusões. Essa nova tentativa de delimitação de traços para um CD difere-se das anteriores, no tocante, sobretudo, à importância dada aos “valores” do grupo, tais como: consciência de papéis a serem desempenhados, do ritmo de trabalho, das tradições etc. Consideramos isso um avanço importante para o conceito que até então carecia de valoração dos aspectos culturais do grupo. Contudo, ao mesmo tempo, houve um retrocesso no tocante à delimitação de sua aplicação, dada a importância atribuída ao fator lugar, estabelecido e próprio ao grupo, e a proposição, pelas características elencadas, de aplicação

somente a grupos profissionais. Assim, acreditamos que, ainda aqui o autor não conseguiu dirimir totalmente as questões já apresentados nas tentativas anteriores, senão vejamos.

Ao que parece, ao assumir o conceito de comunidade discursiva de lugar, Swales pretendeu diminuir o problema da amplitude do conceito, que como visto, não deixava claro seus limites. Dessa forma, ao assumir o conceito de comunidade discursiva de lugar, o autor parece tentar delimitar sua aplicação a comunidades menores, restringindo seu uso a fatores territoriais, reconhecendo inclusive que mesmo nesses casos, pode ocorrer de um grupo não poder ser definido como uma comunidade. Este é o caso, por exemplo, do *English Language Institute*<sup>10</sup> que, segundo Swales, não pode ser bem definido como uma comunidade de lugar por ser conservador no que diz respeito a mudanças.

Daí algumas questões: será necessário mesmo que para ser caracterizado como uma CD(L) um grupo possua de fato todas essas características bem definidas, sobretudo o fator lugar?, ou então, quais dessas seriam as mais importantes? Novamente o autor deixa em suspensão essas questões e, portanto, embora avançando, não consegue dirimir ainda questões importantes para uma boa aplicação do conceito.

A partir de então, em suas obras posteriores (2001 e 2004), o autor não avança mais no conceito, deixando inclusive de mencioná-lo nos modelos propostos para a análise de gênero nas referidas obras, ocupando essa vaga com termos abstratos como “contexto” e “situação comunicativa”.

Dessa forma, o conceito de comunidade discursiva parou no tempo, no caso 1998, última das obras de Swales que procura avançar em sua caracterização. De lá para cá, apesar dos estudos que procuraram aplicar o conceito swalesiano de comunidade, não temos notícias de avanços significativos, fato este que nos encorajou

---

<sup>10</sup> Campus da Universidade de Michigan onde trabalha Swales e que foi objeto de sua investigação em seu trabalho de 1998.

a buscar propor uma reformulação desse conceito trazendo novas perspectivas ao seu uso, que consideramos parte essencial para a análise de qualquer gênero.

Seguindo uma ordem cronológica procuraremos, a seguir, apresentar e discutir alguns trabalhos que, utilizando-se do conceito de comunidade discursiva de Swales procuraram aplicá-lo a grupos profissionais e não profissionais. Nosso intuito é ter uma base empírica que nos possa, em sua análise, demonstrar melhor os pontos discutidos anteriormente sobre o conceito swalesiano, refletindo ainda, nos avanços promovidos pelos autores em suas pesquisas com esse conceito.

## **1.2. Aplicações do modelo original de Swales**

### **1.2.1. A comunidade discursiva do AA**

O primeiro é Bernardino (2000) que se utilizando da metodologia para a análise de gêneros de Swales (1990; 1992) procurou caracterizar como gênero o depoimento dos Alcoólicos Anônimos a partir do estudo das listas de discussões produzidas por um grupo da internet, que faz parte do grupo maior do AA, o qual ela procurou enquadrar segundo as características de uma comunidade discursiva segundo Swales. Aplicando de forma bastante cuidadosa as seis características propostas para o reconhecimento de uma comunidade discursiva, Bernardino concluiu que de fato o grupo pesquisado se enquadrava nos moldes propostos.

Esse interesse em de antemão analisar o grupo que utiliza o gênero a ser pesquisado posteriormente é muito bem delineado por Bernardino (2002, p.50) que nos explica:

Ao nos propormos uma caracterização do gênero *depoimento dos alcoólicos anônimos*, estamos afirmando que tal gênero é, para este grupo social, uma forma típica de ação verbal entrelaçada aos seus objetivos e crenças. Portanto caracterizar o gênero depoimento não é somente descrevê-lo enquanto estrutura, mas é, sobretudo, descrevê-lo enquanto ação verbal típica de um evento comunicativo também típico (MILLER, 1994). É necessário, pois, conhecer, antes de tudo, este evento comunicativo: os sujeitos que utilizam o gênero, em que circunstâncias e com que objetivos o fazem.

Concordamos plenamente com a autora ao refletir que o gênero como ação social é antes de tudo a materialização de um evento comunicativo recorrente e fruto dos propósitos (objetivos) de um determinado grupo social, o que nos faz necessário, antes de mais nada, termos de investigar esse grupo: sujeitos, audiência, objetivos e crenças, para o que foi escolhida a proposta de Swales.

Contudo, antes mesmo de aplicar os critérios de Swales ao grupo estudado, a autora sentiu a necessidade de investigar a história dos Alcoólicos Anônimos já que as respostas às perguntas feitas à coordenação do grupo *online*, segundo a autora, eram “complexas, quase sempre relacionadas às origens e ao desenvolvimento histórico da irmandade (p. 51)”. Dessa forma a autora inicia sua análise fazendo uma rápida descrição da história dos Alcoólicos Anônimos, baseada numa narrativa mais detalhada enviada à autora pela coordenação do grupo *online*.

Segundo Bernardino, a Irmandade dos Alcoólicos Anônimos surgiu em 1935 em Akron, Ohio, E.U.A, fundada pelos alcoólicos Bill W e Dr. Bob. Em 1939 o grupo publicou seu primeiro livro: “Alcoólicos Anônimos” (também conhecido como “livro azul”), sintetizando sua filosofia segundo a qual o alcoolismo é uma doença da mente, do corpo e do espírito. Foi a partir dessa publicação que o grupo espalhou-se mundo a fora, chegando ao Brasil em 1945. Preocupados com a possibilidade de que com essa rápida expansão fosse quebrada a unidade dos princípios e propósitos que norteavam o grupo fundador, Bill resolveu codificar um conjunto de princípios que deveriam servir de base nos trabalhos da irmandade por toda parte do mundo: esse conjunto de princípios ficou conhecido como as Doze Tradições dos Alcoólicos Anônimos submetida à primeira convenção internacional do grupo em 1950 e ratificada em todas as convenções seguintes, realizadas a cada dois anos desde 1969.

O grupo analisado pela autora é o grupo *online* aa-sobriedade, que teve sua origem no também grupo *online* AAA (Alcoólicos Anônimos Agnósticos), que visava estabelecer contato mediado por computador entre dependentes do álcool, sendo que esse grupo diferencia-se dos demais por procurar afastar-se do proselitismo religioso encontrado nos demais grupos, embora, como reconhece a autora, com a ampliação

desse grupo, esse propósito agnóstico deixou de ser fundamental, o que ocasionou o surgimento do aa-sobriedade, modernamente ligado ao OIAA (The online Intergroup of Alcoholics Anonymous).

Dessa forma Bernardino procura caracterizar a irmandade dos alcoólicos anônimos como uma comunidade discursiva, utilizando-se para isso do conceito de Swales de 1992, que dispõe de seis critérios para a identificação de um grupo como tal, como veremos a seguir em nossa resenha do trabalho de Bernardino.

Nossa indagação já de antemão é se, tendo em conta a história e a organização do AA e do AA-sobriedade, podemos falar em uma comunidade discursiva do AA, tal como fez a autora, ou devemos subdividi-lo em grupos menores como o aa-sobriedade, com o qual ela manteve contato? Embora Bernardino vislumbre diferenças entre os diferentes grupos do AA, a autora não chega a se posicionar sobre isso. Uma proposta nossa para essa pergunta inicial será dada mais adiante na seção sobre nossa proposta para o estudo de comunidades discursivas.

Quanto ao primeiro dos critérios swalesianos, que refere-se ao fato de o grupo dispor de um conjunto de objetivos públicos compartilhados pelos membros, Bernardino identificou que os objetivos do grupo AA estão conformados no conjunto de princípios e propósitos conhecidos como os Doze Passos e as Doze Tradições, que são compartilhados pelos membros da Irmandade em todo o mundo. O objetivo central do grupo é evitar que um alcoólatra em recuperação ingira o chamado “primeiro gole”, o que poderia ocasionar uma volta aos problemas relacionados ao seu vício. Para isso é necessário a manutenção do equilíbrio espiritual e emocional, o que é promovido pela troca de experiências entre os membros do grupo.

A autora reconhece durante sua exposição sobre os objetivos e propósitos do grupo que há divergências entre os diferentes grupos locais (grupo do bairro ou da cidade) quanto a alguns pontos dos Doze Passos e das Doze Tradições. Assim, para citar só um exemplo, há diversas interpretações quanto ao que se entende por “Poder Superior”, citado em diversas partes de ambos os códigos, isso devido às diversas

crenças religiosas entre os membros. Isso nos leva a perguntar se esse objetivo pode de fato ser descrito assim de forma geral ou deveria ser particularizado em alguns casos. Assim, retomamos a pergunta inicial sobre a comunidade em questão.

No tocante aos dois próximos critérios propostos por Swales: o fato de uma CD possuir mecanismos de intercomunicação (critério 2) e mecanismos de participação (critério 3) Bernardino englobou em um mesmo tópico os dois, sendo que, a autora não justifica essa sua opção. Segundo ela, constituem mecanismos de intercomunicação do AA: livros, revistas, boletins e folhetos que funcionam como meios de divulgação de informações sobre o grupo tanto para os membros como para qualquer outro interessado. Já quanto aos mecanismos de participação, a autora cita os grupos locais e os grupos *online* da internet. Pode-se perceber que, ao menos, intuitivamente a autora percebeu a semelhança entre os dois critérios, englobando-os em um único ponto, mas separando-os na análise, o que ocasionou problemas, pois, por exemplo, perguntamo-nos se o boletim e os folhetos que costumam trazer notícias do grupo e relatos de membros, respectivamente, como dito pela própria autora, não servem também, nesse caso, como mecanismos de participação, tendo, portanto, que figurar também como elementos do terceiro critério.

Além do mais, acreditamos podermos perguntar nesse ponto se de fato seriam os grupos locais e *online* mecanismos de participação na comunidade do AA ou se não seriam esses, comunidades discursivas mais específicas, orientadas por objetivos específicos próprios.

Já na perspectiva do quarto critério, referente ao fato de o grupo possuir gêneros que servem para a consecução de seus objetivos, a autora chega a reconhecer que os gêneros utilizados pelo AA servem como mecanismos de intercomunicação entre os membros e que são bastante diversificados englobando revistas, panfletos, depoimentos e *emails* dentre outros. Apesar de admitir que não há diferenças quanto ao conteúdo das mensagens e aos propósitos entre os grupos locais, a autora admite que há diferenças quanto ao conjunto de gêneros utilizados por cada um. Assim por exemplo o *email* é um gênero específico do grupo *online*. Também há diferenças,

segundo a autora, entre a rotina dos grupos locais, mais um fator que nos leva a refletir mais uma vez em nossa pergunta do início desse tópico.

Outra questão a ser levantada aqui é se de fato podemos separar os mecanismos de intercomunicação dos gêneros, já que como visto, os exemplos citados são os mesmos para um e outro. Também nos perguntamos se podemos separar estes dois, dos mecanismos de participação, já que, como bem analisado pela autora nesse caso, toda a participação dos membros é orientada pelo uso dos gêneros específicos, sobretudo, o depoimento, objeto principal da análise de Bernardino.

O quinto critério diz respeito ao fato de o grupo possuir ou procurar utilizar de um léxico específico. Na análise de Bernardino, ela identificou um conjunto de treze siglas cujo significado só foi estabelecido pela autora a partir da explicação dada por informantes, bem como através da literatura oficial do grupo.

Essa especialidade lexical, segundo Bernardino serve como meio de coesão interna, identificação e construção de identidade do grupo ao mesmo tempo que estabelece divisórias entre os membros *experts*, conhecedores de seus significados, e os iniciantes que desconhecem no todo ou em parte o significado dessas siglas.

Além do mais, ainda segundo a autora, há um conjunto de termos tais como: “Poder Superior”, “fundo do poço”, “época da ativa”, dentre outros, que se não podem ser ditos como próprios da Irmandade são, ao menos, ressignificados quando utilizados pelo grupo.

O último dos critérios estabelecidos por Swales diz respeito ao fato de o grupo possuir uma hierarquia explícita ou implícita. Bernardino identificou uma estrutura orgânica no AA composta por instâncias internacionais, nacionais, estaduais e municipais, cada qual possuindo seus próprios cargos de liderança por membros eleitos por cada uma dessas instâncias.

Interessante é a reflexão que a autora faz sobre o que seja um membro *expert* e um membro iniciante, já que essa relação pode ser diferente se comparados os

grupos locais e o grupo online, uma vez que é possível um membro ser tido como *expert* por um grupo local e ser iniciante no grupo *online* e vive-versa, um fator a mais para nos questionarmos acerca da organização desse grupo que à primeira vista possui uma hierarquia para além da comunidade analisada.

Um outro autor que também procurou caracterizar como comunidade discursiva um grupo estabelecido no meio virtual foi Araújo (2003), contudo seu grupo analisado diferencia-se do de Bernardino por ser um grupo de propriedades mais recreativas como veremos no tópico a seguir.

### **1.2.2. A comunidade discursiva dos “tanans”**

A comunidade analisada por Araújo (2003), que se auto-denomeava “tanans”, situa-se na sala 1 do bate-papo do provedor Uol. Para o autor, dado o dinamismo e à possibilidade do anonimato mantido pelo nickname, as salas de chat da internet dificilmente assumem um caráter de grupo que os leve a “uma prática comunicativa cada vez mais regular no sentido de “ritualizar” a comunicação e “normatizar o discurso” (ARAÚJO, 2003, p. 110) de forma a que possam constituírem-se em uma comunidade discursiva.

Contudo, Araújo percebeu em suas investigações a possibilidade de aplicarem-se os critérios swalesianos (1992) ao grupo em questão, aliando, nesse caso, o conceito de Swales ao de comunidade virtual de Levy (1993; 1996; 1999; 2000), opção também seguida por Gaede, vista mais adiante.

Pensamos que a proposição de levar o conceito de comunidade de Swales ao aos grupos *online* em si é boa e leva-nos a refletir sobre que diferenças há entre um grupo estabelecido *on* e *offline*. Contudo, acrescentar o qualificativo virtual ao conceito de Swales requeriria, em nossa opinião, todo um esforço em reelaborar o conceito original, demonstrando em que se diferenciariam uma comunidade discursiva de uma comunidade discursiva virtual, o que não foi feito pelos autores.



Se pensarmos, por exemplo, em uma possível comunidade discursiva dos jornalistas (cf. BONINI, 2002, mais adiante), poderíamos dizer que esta está separada de uma suposta comunidade discursiva virtual dos jornalistas? Seria assim necessário um conceito específico para cada uma?

Além do mais, Swales (1990), certamente sem pensar nessa nova realidade, já parecia contemplar a possibilidade de um grupo ser descrito como uma comunidade discursiva, mesmo tendo seus membros separados geograficamente, em seu famoso exemplo dos filatelistas que colecionavam selos antigos de Hong-Kong e que se situavam em posições geográficas muito distintas desde Londres até a China, interrelacionando-se, quase que somente, por cartas e por um jornal do grupo.

Embora tenhamos consciência das diferenças que há entre esse grupo descrito por Swales e um estabelecido *online*, perguntamo-nos se de fato seria preciso dois conceitos distintos que descrevessem cada um. Questões essas à parte, analisemos o trabalho de Araújo, um dos primeiros a procurar empregar em grupos *online* o conceito de Swales.

Quanto ao primeiro critério, Araújo refletiu que a própria palavra chat já dá a conhecer o principal objetivo do grupo: “bater-papo”. Contudo, ainda segundo Araújo, essa atividade bater-papo é regida por uma série de “normas de conduta” aceitas e praticadas pelos membros do grupo, quais sejam: uso de nicknames “vestidos”, ou seja, que possuam caracteres alfa-numéricos de forma a se apresentarem como uma identidade pessoal do membro; proibição do uso da chat “reservado” entre os membros; uso de abreviações (ainda que isso seja comum a praticamente todos os grupos da internet), dentre outras “regras”, exemplificadas no código tananan, transcrito pelo autor (p. 112).

Já nesse primeiro critério questionamo-nos acerca da validade do objetivo descrito pelo autor, já que “chat”, bater-papo, em nosso entendimento, não seria o objetivo do grupo em questão, os tananans, mas sim o objetivo de qualquer pessoa, ou grupo que utilize uma sala de bate-papo como meio de interação. Dessa forma

perguntamo-nos se os “tanans” formam um grupo separado, com um objetivo próprio não descrito pelo autor, ou se esse grupo forma parte de um grupo maior que tenha como objetivo comum o “bater-papo” via salas de papo virtuais.

Passando para o segundo critério, como mecanismos de comunicação do grupo, Araújo identificou além do chat, o *email* trocado entre os membros, as *home-pages* pessoais de cada membro, sendo que as dos *experts* se tornaram digamos “oficiais”, pois dentro dessas encontram-se outros mecanismos de intercomunicação tais como: agenda cultural, enquetes, entrevistas, um mural de recados e também uma “coluna tananans”, além da comunicação entre os membros via uso dos telefones fixos e móveis pessoais.

Para o terceiro critério Araújo refletiu que houve a necessidade de adaptá-lo ao grupo estudado, já que “ao pé da letra”, os mecanismos de participação deveriam ser orientados para “aumentar o espaço profissional do grupo” e sendo que os tanans não são um grupo profissional, isso não se adequaria totalmente ao caso examinado. Contudo, parece-nos que houve somente aqui uma inadequação entre a proposta de Swales e a redação desse critério, já que o próprio pesquisador admite como comunidade discursiva grupos recreativos orientados por hobbies pessoais, basta ver o seu famoso caso dos filatelistas já mencionado anteriormente.

Quanto aos mecanismos de participação dos tanans, Araújo cita as enquetes, as *home-pages* e a “coluna tananans”, assim como encontros *offline* que serviram como forma de estreitar os laços entre os membros.

No que se refere aos gêneros utilizados pelo grupo, Araújo identificou a *home-page* e o *chat*, principal meio de sustentação verbal do grupo que abre em suas interações espaço para o aparecimento de outros gêneros ressignificados como a receita, o anúncio e a notícia que servem a propósitos distintos dos originariamente seus, servindo mais a ludicidade.

Aqui também o fato de haverem redundâncias nas análises feitas entre o segundo, o terceiro e quarto critérios passou despercebido pelo pesquisador. A

*home-page*, por exemplo, figura nos três últimos critérios, e, além do mais, o “*chat*” também poderia figurar, além de no segundo e quarto, no terceiro critério, visto ser ele, ao que nos parece, o mais usado mecanismo de participação no grupo, ainda que não tenha sido citado isso pelo autor. Assim como já havia acontecido com Bernardino, vista anteriormente, a análise resultou em incongruências e redundâncias ocasionadas pela aplicação tal qual o modelo proposto por Swales.

Quanto ao léxico, o autor identificou como específico do grupo o uso de abreviações como meio de aumentar a velocidade da interação, diminuindo o esforço de digitação. Contudo, aqui Araújo reconhece que essa tendência não é única dos tananans, mas sim de todos os membros *experts* usuários do gênero *chat*. Além disso, outra marca lexical do grupo é a composição de palavras cujos radicais são geralmente tananan (tanonauta, anti-tananan, por exemplo) e reservadamente (reserbesta, reserkant), recurso que permite a conversa a dois de forma privada, sem que os demais a vejam, o que seria proibido pelo código tananan.

Nesse critério o autor dá bastante ênfase ao uso específico dos *nicknames* pelo grupo, que servem realmente como uma “identidade eletrônica” (CRYSTAL, 2001), formados com caracteres especiais, além dos alfabéticos. Esse *nickname* é fixo e como já dito, passa a constituir a própria identidade do membro para o grupo, que não aceita quem não se adeque a essas condições.

Quanto ao último critério, Araújo identificou que embora não haja uma hierarquia explícita, os tananans possuem uma hierarquia implícita demonstrada pelo respeito com o qual são tratados os membros mais antigos, chamados carinhosamente de titio, titia, padrinho, madrinha etc. Além do mais, os membros cujas *home-pages* facilitam a intercomunicação entre o grupo, também gozam de um maior prestígio, dentre outros comportamentos mais pontuais pelo qual se pode perceber uma certa imposição de autoridade de um membro para com neófitos ou outros já pertencentes ao grupo.

Com tudo isso, percebemos que, a despeito da qualidade em si da análise feita pelo pesquisador, o resultado acabou por revelar problemas ocasionados não por descuido, mas pelo simples fato de aplicar o modelo de Swales da forma como proposta pelo autor.

Na mesma linha do grupo analisado por Araújo, recreativo e situado em ambiente *online*, encontramos o trabalho de Gaede (2003) que pesquisou um grupo interessado em discutir a obra de Tolkien, Senhor dos Anéis, utilizando-se para isso, de um outro gênero digital, a lista de discussão *online*, como veremos a seguir.

### **1.2.3. A comunidade discursiva “sociedade senhor dos anéis”**

Gaede tratou de caracterizar como comunidade discursiva um grupo de internautas situados no *e-groups* do Yahoo, que àquela época já se estendia há quase dois anos, e que se chamam “a sociedade dos anéis”. Também sentido a necessidade de contextualizar seu estudo, a autora principia por dar um panorama da história e do estado atual da comunidade.

Segundo Gaede o grupo surgiu em 2002 e é o quarto *e-group* criado pelo mesmo grupo de três amigos e sobre o mesmo assunto. Este em questão diferencia-se dos demais, já que o primeiro era em inglês, o segundo era para todos os internautas, mas com postagem apenas dos mediadores e o terceiro a autora somente diz que “foi criado para facilitar a participação dos membros que não sabiam inglês”(p. 56). Esse quarto *e-group*, objeto de análise da autora, contava àquela época com 250 membros.

A entrada no grupo é fácil, bastando contatar-se com o conselho Aratar (grupo eleito de 9 membros responsáveis pela manutenção deste *e-group*) informando nome e um *nickname* que deve estar obrigatoriamente relacionado à obra de Tolkien. Depois de cadastrado o membro passa a receber os *emails* do *e-group* e passa a poder utilizar o símbolo \*§\* junto ao *nick* quando entrar na sala de bate-papo (por exemplo, Galadriel Lórien \*§\*), como citado pela autora.

Quanto aos objetivos do grupo, autora identificou o objetivo primário do grupo é discutir a obra de Tolkien, embora, como é natural, há também junto a esse o objetivo de estabelecer relações pessoais dentro do grupo, sendo comuns mensagens que tenham esse conteúdo, embora haja sempre a ameaça de ser excluído por se tratar de um tema alheio à discussão sobre Tolkien.

Quanto aos mecanismos de intercomunicação, os membros, segundo a autora, utilizam de meios tanto eletrônicos como não eletrônicos. O meio mais comum de intercomunicação é a lista de discussão, que embora tenha como principal assunto as discussões sobre as obras de Tolkien, encontram-se também mensagens pessoais. Também são utilizados o *Msn Messenger*, a sala de bate-papo e os *emails* particulares assim como os *blogs* de alguns membros. Além desses mecanismos a autora cita que (p.60):

A Sociedade realiza diversos tipos de atividades *off-line*, como encontros regionais (principalmente os residentes na cidade de São Paulo, que se auto denominam Elite e possuem um *e-group* especial para organizar encontros), encontros nacionais (a primeira edição aconteceu em janeiro de 2003, e a segunda em julho de 2003), jogos, festas de aniversário, entre outros.

Gaede assume que, na maioria das vezes, os mecanismos de intercomunicação servem também como mecanismos de participação, embora, como reconhece a autora, Swales afirma que os últimos sirvam a propósitos especiais tais como: crescimento da comunidade discursiva, divulgação e troca de informações, manutenção do sistema de valores da comunidade discursiva, aumento do espaço da comunidade discursiva etc.

Quanto ao mecanismos de participação a autora identificou como principais os *emails*, enviados à lista de discussão, visto ser lá que acontecem as discussões maiores sobre a obra de Tolkien, o que serve para ampliar o conhecimento dos membros sobre o assunto. Esses *emails*, muitas das vezes, simulam programas conhecidos da televisão, tais como o *big brother*, programas de culinária, ou comerciais de TV, causando assim um efeito lúdico que ameniza discussões que possam ser tidas como maçantes.

Um outro interessante mecanismo de participação encontrado pela a autora no grupo, é o chamado QI Tolkien. Trata-se, nas palavras da própria autora, de:

uma espécie de gincana com provas que requerem criatividade e conhecimento profundo da obra de Tolkien. O jogo contribui, assim, para a divulgação de informações a respeito da obra de Tolkien, a maioria delas de difícil acesso para os membros “comuns” da Sociedade, por tratar-se de dados bem específicos. O QI Tolkien acontece em etapas, e os participantes menos pontuados em cada uma dessas etapas são excluídos do jogo, para que no final haja um vencedor.

Além disso, é comum eleger-se uma personagem da semana para servir como ponto de discussão entre os membros, assim como um “plantão tira dúvidas” pelo qual é responsável alguns membros do conselho, mas que na prática é exercido dentro das próprias listas de discussão podendo qualquer membro responder a alguma pergunta dirigida para lá.

Por fim há ainda a sala de bate-papo que possui uma peculiaridade a mais por ser “aberta”, ou seja, por possibilitar o acesso a quem quiser, sendo assim também um meio de divulgação do grupo, servindo, segundo a autora, como o principal mecanismo para captação de novos membros para o grupo.

Quanto ao quarto critério, a autora pondera que não havendo um gênero próprio para o grupo, há uma apropriação de gêneros pertencentes a diversas comunidades, mas que aqui são utilizados de forma a atender aos objetivos próprios do grupo. A lista inclui os *emails*, bate-papo, “os programas de televisão” e os “comerciais de TV” (visto já no critério anterior).

O que se pode perceber é que, apesar de vislumbrar a possibilidade de unir os critérios 2 e 3, a autora, em separando-os, acaba por possibilitar aparecerem basicamente os mesmos problemas das outras pesquisas anteriores. Em nosso entendimento, se a autora já vislumbrava essa possibilidade deveria ter agido assim, evitando a ocorrência de redundâncias já previstas por ela mesma. Contudo, mesmo juntando os dois critérios, como proposto pela autora, ainda restaria redundâncias em relação à comparação destes com o terceiro, onde deveria também figurar os *blogs*, a lista de discussão própria do grupo, o *chat* e os *emails* citados nos critérios anteriores,

já que todos estes são, além de mecanismos de intercomunicação e participação, também são gêneros usados pelos membros da comunidade.

Quanto ao léxico específico do grupo a autora identificou três tipos: o léxico geral da internet compartilhado pelos membros do grupo, o léxico específico da obra de Tolkien, bastante criativo na nomenclatura de animais, plantas e personagens, dentre outras coisas. E um léxico próprio da comunidade, criado, no mais das vezes, a partir da apropriação de regras criadas para a língua quenya (como o final de palavras em *ë*, por exemplo), inventada por Tolkien para a série de livros “Senhor dos Anéis”.

Quanto à hierarquia, a autora identificou tanto uma hierarquia explícita como uma implícita no grupo. A explícita é exercida, como já visto, pelos membros do conselho Aratar, um grupo de 9 pessoas eleitas pelos membros da sociedade e responsáveis pela administração geral do grupo: cadastro de membros, tira dúvidas e sugestão de discussões etc.

Já a hierarquia implícita é exercida pelo grau de conhecimento sobre os temas abordados nas discussões, sendo que para entrar no grupo não é exigido nenhum grau de conhecimento da obra de Tolkien, mas, é claro, um grau razoável é fundamental para a participação nas discussões, geralmente desempenhadas por membros já experientes e antigos no grupo.

Mais uma vez, como nos outros trabalhos vistos, percebe-se, em nosso entendimento, que a aplicação do modelo original de Swales parece resulta em problemas na análise, sendo que nesse caso, a própria autora parecia já vislumbrar isso em parte, mas, mesmo assim optou por seguir tal qual o modelo proposto.

Numa linha um pouco diferente dos trabalhos sobre comunidades até aqui vistos, os dois próximos, Bonini (2005) e Catunda (2004) analisaram grupos profissionais, que não se situam no meio virtual, ao contrário dos até aqui vistos.

#### 1.2.4. A comunidade discursiva jurídica

Assim como os outros pesquisadores já resenhados, Catunda (2004), apoiando-se na teoria de Swales, procurou caracterizar os juristas brasileiros como uma comunidade discursiva. Já no início de sua análise, assim como todos os outros aqui vistos, a pesquisadora também sentiu a necessidade de investigar a história do grupo, perpassando as primeiras escolas brasileiras de direito e um pouco da organização atual, de forma a poder entender melhor a constituição atual da CD analisada.

Em relação aos objetivos, primeiro critério swalesiano, Catunda (2004, p.63) pondera que

um dos principais objetivos dessa comunidade [a jurídica] decorre do próprio sentido do termo “Direito” que é o de ser conforme a norma jurídica, quer dizer, ser conforme as leis, que são elaboradas pública e explicitamente. Na verdade, esse objetivo está intimamente ligado ao principal propósito do Direito, que é a coação social.

O que nos perguntamos aqui é se de fato podemos estabelecer esse como principal objetivo do grupo, uma vez que acreditamos haver outros tão importantes quanto, de acordo com o tipo de operador do direito<sup>11</sup> que deve, em cumprimento às suas funções próprias, agir de acordo com os objetivos de seu cargo, sendo do confronto desses objetivos relativos a cada parte constante de um processo que garante a equidade e o contraditório, alguns dos postulados máximos da área.

Pensando assim, o objetivo maior dos advogados é defender seu cliente, enquanto da promotoria é acusar o réu, cabendo ao juiz aplicar a lei conforme a especificidade do caso. Dessa forma vemos que não podemos definir um, mas sim um conjunto de objetivos, cada um próprio a cada tipo de operador de direito, o que nos leva imediatamente a refletirmos se podemos de fato analisar esse grupo como uma única comunidade ou se poderíamos fracioná-lo em grupos menores de acordo com cada tipo de operador de direito, por exemplo.

---

<sup>11</sup> Na definição da própria autora, Catunda (2004, p. 62), os operadores do direito são: advogados, promotores, procuradores, juízes, desembargadores e ministros do Supremo.



Quanto aos mecanismos de intercomunicação da comunidade, a autora cita: as audiências e os jornais, revistas e outros meios semelhantes de divulgação de notícias relativas à comunidade.

Para os mecanismos de participação são elencados: os cursos de graduação em direito, o exame da OAB e os diversos concursos públicos destinados ao provimento de cargos da área.

No tocante aos gêneros, a autora cita as diversas peças dos autos, dentre elas o gênero objeto da investigação da autora: o acórdão, sendo identificados, além do mais, a denúncia, a citação, o recurso entre outros.

Relacionando esses três últimos critérios, tal como temos feito, fica-nos a impressão, para nós clara, que a análise apresenta-se com muitas discrepâncias, fruto não do descuido na aplicação do conceito, mas pelo contrário, de sua aplicação tal qual, senão vejamos.

Se pensarmos nos mecanismos de intercomunicação citados: a audiência, jornais e revistas, podemos facilmente perceber que são todos estes gêneros que deveriam figurar, portanto, também no quarto critério. Por sua vez, a audiência citada no segundo critério também deveria figurar no terceiro já que é este um importante meio de contato entre os diversos operadores do direito no exercício de cada um de seus cargos. Por fim, no quinto critério, podemos perceber que estão citados elementos que deveriam figurar também no segundo já que o próprio processo de formação de um membro do grupo, quer seja na graduação ou num concurso, figura como forma de participação dentro da comunidade, uma vez que essa atitude só pode ser tomada tendo o candidato os requisitos mínimos que já o incluem como parte do grupo. Com tudo isso, pensamos, mais uma vez, comprovarmos a redundância da aplicação desses critérios separadamente.

Por fim, nos dois últimos critérios a autora identificou um léxico específico da comunidade jurídica exemplificado em termos como: *lídimo*, *pertenças*, *peitar*, *avença*, *usança* e *defeso* e, por fim, em relação a hierarquia a autora identificou para o grupo

uma hierarquia codificada, baseada no regime legal de constituição do Poder Judiciário estabelecido na Constituição Federal.

O que se pode perceber, salvo a qualidade do trabalho em si, é que, mais uma vez repetiu-se as incongruências encontradas nos demais trabalhos analisados, fruto da aplicação tal qual dos critérios elencados por Swales.

Ainda na linha das comunidades de base profissional, segue-se o trabalho de Bonini (2002) que tem a especificidade de ser o único a procurar propor alterações no modelo original de Swales, ainda que, como veremos, as alterações sugeridas apresentem, em nossa opinião, problemas tão ou quem sabe maiores que o modelo de Swales.

### **1.2.5. A comunidade discursiva jornalística**

Fugindo um pouco a ordem cronológica estabelecida, dado o autor propor uma perspectiva diferente, apresentamos Bonini (2002, p.154) que tentou aplicar os critérios de comunidade discursiva ao grupo dos jornalistas, chegando a conclusão de que, dentro da perspectiva de Swales, esse grupo não poderia ser caracterizado como comunidade discursiva visto que

ao enquadrarmos a comunidade discursiva dos jornalistas nos princípios apontados por Swales (1992), vamos encontrar certas discrepâncias: 1) há um conjunto de objetivos detectáveis, mas que variam bastante de emissores para receptores; 2) não podemos dizer que os mecanismos são exatamente de intercomunicação, mas de comunicação; 3) já que os mecanismos de comunicação não são participatórios, ao menos diretamente, o conjunto de propósitos que os movem não são claramente detectáveis; 4) há uma utilização seletiva e evoluinte destes mecanismos de comunicação, mas obedecendo a critérios vários, incluindo sempre o valor comercial da informação; 5) há um léxico específico para os jornalistas, mas seus leitores não tomam contato com ele e, por outro lado, dependendo da especificidade da comunidade de leitores, há um léxico específico do qual o jornalista se apodera, sem se comprometer com ele, para fazer seu trabalho de transmitir informações; 6) a estrutura hierárquica de entrada e ascensão na comunidade também é muito difícil de ser detectada, se há, uma vez que os jornalistas pertencem a um ambiente institucionalizado com passagem pela academia e os leitores claramente não têm acesso a esse ambiente, a um mesmo *status* comunicacional.

Acreditamos que essa inadequação vista por Bonini deve-se ao fato de que ele concebe a análise do grupo dos jornalistas do ponto das relações que esse grupo estabelece com sua audiência e não das relações mantidas internamente no grupo. Daí o autor concluir que os mecanismos utilizados pelos jornalistas servem mais à comunicação e não à intercomunicação, e que os objetivos são variados em relação aos jornalistas e à audiência, bem como o léxico, que é partilhado pelos membros, mas não pelos leitores. Assim, pensamos que aqui houve uma falha quanto ao enquadramento do objeto, que, em nossa opinião deve ser visto internamente e não relacionado à sua audiência, que, por sua vez é muito diversificada, pertencendo a grupos muito diversos.

Com base nessa suposta inadequação dos conceitos de Swales, Bonini (2002, p. 156) procura redefinir o conceito, dividindo-o em três subcategorias:

- 1) **protocomunidade discursiva**: não chega a ser uma comunidade, mas há ligação pelo intuito comunicativo no sentido mais simples das máximas de Grice (1980). Produz gêneros primários que, não obstante sua universalidade enquanto gêneros humanos, são permeados por peculiaridades culturais.
- 2) **comunidade discursiva simples**: de sustentação de discurso(s), mediante uma prática comunicativa por aparatos de participação equânime, sustentada por propósito(s) comunicativo(s) comum(s). Produz gêneros secundários
- 3) **comunidade discursiva complexa**: de dispersão de discurso(s), mediante um núcleo comunicativo simples ao qual se ligam indivíduos não diretamente participantes. Produz gêneros terciários [que o autor define como transcomunitários, mas sem se ater mais em sua discussão]. (BONINI, 2002, p. 156 [grifos nossos])

Segundo Bonini, com base nessa sua proposta de análise, haveria sim uma comunidade discursiva jornalística do tipo complexa. Contudo, pelo curto espaço dedicado a essas questões, não é possível fazer um juízo de valor mais adequado às propostas do autor, restando perguntas tais como, o que se entende por “não chega a ser uma comunidade”, para o que ele chama de protocomunidade. Ou o que se entende por “participação equânime”, ou “indivíduos não diretamente participantes”? Dessa forma, essas perguntas ficam no ar e ao que parece, pelas generalizações, esse enquadramento de comunidade discursiva mais gera dúvidas do que soluções.

Contudo, concordamos com a visão de que o modelo de comunidade discursiva, tal como proposto por Swales parece não dar conta da complexidade da

comunidade jornalística e concordamos ainda de que esse modelo necessita revisões. Não obstante, a proposta de Bonini não nos parece solucionar tais problemas, tendo ainda a desvantagem de ser ainda mais genérica, isso ocasionado, talvez, pelo curto espaço destinado pelo autor à discussão dessas questões em seu trabalho, pelo que ficamos à espera de desdobramentos.

#### **1.2.6. Sumarizando as discussões**

Como visto, de todos os cinco trabalhos analisados, quatro aplicaram o modelo de Swales tal como proposto pelo autor, apresentando todos incongruências e redundâncias em suas análises, resultado da divisão original dos critérios 2, 3 e 4, que dizem respeito aos mecanismos de intercomunicação, participação e elenco de gêneros respectivamente. Posto isso, cabe aqui indagar se de fato é viável e legítima essa separação original ou se podemos englobar esses três critérios originais em um só ou unir algum destes com um outro já existente.

Ainda outros problemas em comum apresentaram os trabalhos vistos. No caso de Catunda (2004) e Bonini (2002), que lidaram com grupos maiores, perguntamo-nos se de fato esses grupos podem ser descritos como um mesmo grupo, orientado por um mesmo objetivo, ou se esse grupo maior pode ser dividido em grupos menores, apresentando objetivos particulares.

No tocante à comparação entre Bernardino (2000), Araújo (2003) e Gaede (2003), que lidaram com grupos menores, perguntamo-nos se esses grupos são de fato comunidades isoladas ou se estão ligados a grupos maiores, uma vez que como visto, apresentam objetivos comuns a outros grupos semelhantes.

A despeito das lacunas, em sua maioria advindas do próprio conceito aplicado, todos estes trabalhos ofereceram-nos ótimas fontes tanto pela qualidade intrínseca de cada pesquisa, como pela possibilidade de cotejarmos a aplicação do conceito em grupos de origens muito diversas e sujeito cada um às próprias especificidades, o que nos serviu decisivamente na elaboração de nossa proposta de reformulação do

conceito original. Dois fatos particulares nesses trabalhos, que pelo visto passaram despercebidos por Swales, chamaram-nos a atenção.

Primeiro a necessidade sentida por todos os autores em descrever o próprio processo de admissão de um membro na comunidade, o que fez-nos pensar se não seria necessário um tópico a parte dos já citados por Swales que dê conta desse aspecto. Além disso, a necessidade sentida pelos autores em contextualizar a CD, mostrando suas origens e o contexto em que se inserem, outro elemento que consideramos um avanço para a teoria original, visto pensarmos ser essencial para uma boa descrição de uma CD, já que essa também é oriunda e tributária de um contexto maior que, se não poderá ser metodologicamente descrito, por ser geralmente demasiadamente complexo, deve, ao menos ser relacionado nos aspectos mais patentes.

Além desses dois aspectos mais gerais, chamou-nos a atenção uma particularidade no trabalho de Araujo que demonstrou, ainda que sem citar o conceito, a importância do letramento específico requerido pela comunidade, o que fez-nos atentar para o fato da importância do letramento nos processos de admissão e ascensão hierárquica dos membros de uma CD.

Com tudo isso em mente apresentaremos a seguir nossa proposta de reformulação do modelo de Swales baseando-nos nas discussões aqui realizadas e tendo em vista propor alterações que visem evitar os problemas encontrados nos trabalhos aqui analisados.

## *Capítulo 2*

### *Por uma revisão do conceito de comunidade discursiva*

---

*Embora as práticas sociais sejam convenções abstratas inferidas das informações culturais, alguns usos e funções de um determinado tipo de letramento, uma vez naturalizado e institucionalizado em uma dada sociedade, ganham uma significação social extremamente decisiva, inclusive para sobrevivência cívica e política dos seus usuários. Tais práticas se constituem e se consolidam principalmente nas entranhas das micro-interações sociais desenvolvidas por cada indivíduo que, pela sua enunciação, isto é, pela sua elaboração de textos falados e escritos em contextos reais e/ou virtuais formatados em gêneros textuais, busca tecer suas ações no mundo geralmente em consonância com as da rede de relação coletiva mais ampla na qual se insere.*

(XAVIER, 2005, p. 59)

**N**ossa intenção aqui é expormos nossa proposta teórico-metodológica de reformulação do conceito de comunidade discursiva de Swales (1990; 1992; 1998). O caminho que nos levou a suscitar tais idéias pode ser conferido mais propriamente em nosso capítulo anterior, para o qual desde já remetemos nosso leitor. Por ser este um percurso teórico-metodológico, optamos, para evitar redundâncias, em descrevê-lo neste capítulo, mais teórico e que diz respeito à descrição generalizada de CDs, podendo nosso leitor conferir uma descrição metodológica mais específica em nosso capítulo seguinte de metodologia, no qual descreveremos nossa aplicação destes

critérios na CD blogueira que nos serviu de objeto empírico para a exemplificação do que é aqui proposto.

### **2.1. Comunidade discursiva global e comunidade discursiva local**

Como já explicado anteriormente, o conceito original de Swales apresentava um grave problema quanto a sua amplitude, problema esse já exposto pelo próprio Swales (1992) ao indagar-se o que seria uma comunidade discursiva acadêmica, todos os *campi*? Cada *campus* separadamente? Cada área de conhecimento? Cada departamento?

Essa inquietação do próprio autor fez-nos buscar uma resposta a essa pergunta e ao refletirmos acerca da estrutura própria de comunidades complexas como a acadêmica e a que serve de objeto de nossas investigações aqui, os “blogueiros”, identificamos que na verdade esses grupos maiores são organizados em função de múltiplos sub-grupos, orientados cada um por objetivos particulares, mas interrelacionando-se todos por uma gama de traços comuns que vão desde um objetivo maior, partilhado por todos os sub-grupos até outras características como gêneros, valores e léxico também comuns a todos.

Além disso, esses grupos menores organizam-se também de forma hierarquizada num todo maior que os identifica como pertencentes a um mesmo grupo maior e não como diversos grupos independentes entre si. Dessa forma, optamos por subdividir o conceito original de Swales em dois:

**Comunidade discursiva global:** redes sócio-retóricas amplas formadas a partir de múltiplos sub-grupos organizados hierarquicamente e interrelacionados entre si por um ou mais objetivo(s), gêneros, valores e léxico comuns.

**Comunidades discursiva local:** um grupo menor pertencente a uma comunidade global com quem compartilha objetivos, valores, léxico e gêneros, mas que apresenta em sua constituição traços próprios relativos a essas categorias, o que o identifica como sendo um grupo menor formado a partir de objetivos, valores, léxico e gêneros

específicos podendo também ter sua hierarquia própria, mas sempre situando-se também no todo hierárquico maior da comunidade global a que pertence.

Cabe aqui salientar que as nomenclaturas: comunidade global e comunidade local procuram refletir o caráter *latu* e *strictu* de cada grupo, respectivamente, não designando, portanto, “global” ou “local” na acepção de lugar geograficamente estabelecido.

Os mesmos termos podem ser encontrados em Killingsworth e Gilbertson (1992 apud SWALES, 1998), mas com sentidos completamente distintos, sendo para os referidos autores uma comunidade local (ou de lugar) um grupo que possui um *locus* próprio quer seja uma empresa ou uma escola, por exemplo. Já uma comunidade global, para os mesmos autores, seria um grupo, que mesmo não trabalhando junto, une-se por interesses comuns quer sejam esses profissionais ou recreativos, sem que haja, contudo, um lugar específico de encontro.

Como se pode perceber, os autores centralizam suas definições no fator geográfico, sem estabelecer qualquer relação entre os seus dois conceitos de comunidade, o que, como já dito, separa-nos decisivamente do ponto de vista conceitual, embora os termos sejam iguais. Em nossa concepção uma comunidade local está intrinsecamente ligada à comunidade global da qual faz parte e herda a maioria de suas características, diferenciando-se, contudo, no caráter mais específico de elementos como objetivos, valores e elenco de gêneros.

Para uma melhor visualização propomos a seguinte figura resumitiva de nossas idéias sobre a relação entre comunidade discursiva global e suas comunidades locais.



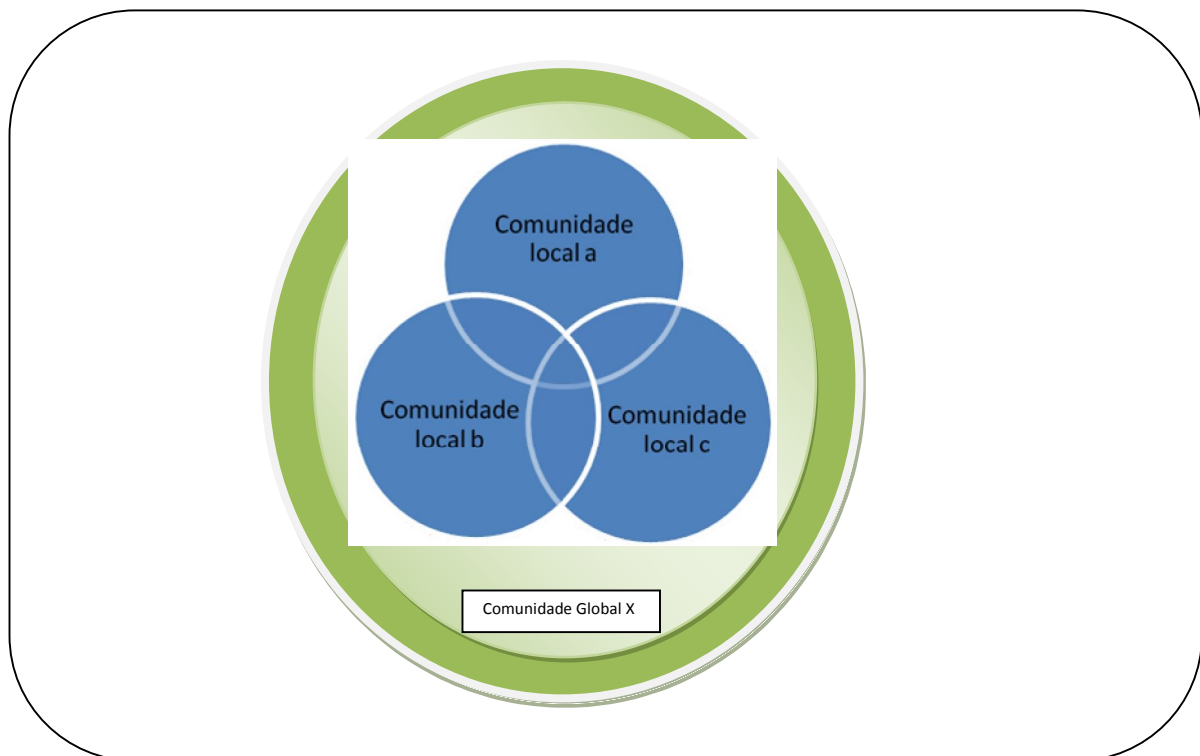


Figura 1: relações entre comunidade global e suas comunidades locais.

Como se pode perceber, a comunidade global é representada pelo círculo verde claro dentro do qual haverá tantas comunidades locais quantas pudermos identificar como partilhadoras dos mesmos objetivos, valores, léxico e gêneros comuns a todos os integrantes do grupo maior. Além de relacionarem-se com o todo maior, cada comunidade local relaciona-se com outras também locais tanto no tocante às características gerais do grupo como mesmo em relação a características particulares, como, por exemplo, gêneros ou léxico específicos.<sup>12</sup>

Cabe ainda ressaltar que também a comunidade global não está à solta no espaço, ela também deve pertencer a um outro contexto maior do qual é tributário (círculo maior da figura). No caso de nosso objeto de pesquisa, os blogueiros, esse círculo maior é a blogosfera que se enquadra por sua vez no ciberespaço, entendido

---

<sup>12</sup> Para uma melhor visualização disso remetemos nosso leitor para o capítulo 7, onde falaremos da comunidade local “bar do escritor”.

como em Levy (1999) como o espaço de comunicação mundial advindo da interconexão de computadores online. Ainda segundo Levy, esse novo espaço de interação humana tem provocado mudanças significativas no processamento de interação e informação, alterando os padrões de sociabilidade, o que tem caracterizado o surgimento de um novo padrão cultural humano a que ele denomina cibercultura.<sup>13</sup>

Como oriundo e estabelecido nesse contexto maior, ciberespaço e cibercultura, a comunidade blogueira é tributária de suas especificidades, o que será melhor demonstrado em nossos capítulos 6 e 7 em que analisaremos essa questão mais de perto.

Temos consciência também de que o ciberespaço não pode ser visto como algo homogêneo, tal como se encontra na figura 1. Contudo, subdividi-lo, nesse momento, seria impossível tanto do ponto de vista metodológico, dado nosso pouco tempo disponível e a necessidade do recorte próprio à pesquisa científica, quanto do ponto de vista teórico, já que não há ainda maiores pesquisas sobre esse contexto maior do ciberespaço. Contudo, acreditamos que estudar um determinado grupo situado nesse contexto ainda incipiente em estudos é, de alguma forma, ajudar a entender esse todo maior, pensamento semelhante a Guimarães Júnior (1997, p, 03):

O ciberespaço não pode ser considerado como homogêneo e "total". Percebemos que, da mesma forma que em sociedades complexas, a experiência de alteridade no seu interior é vivida de maneira bastante intensa. As comunidades virtuais, listas de discussão, grupos de Usenet, *sites* de IRC (Internet Relay Chat) inscrevem, no ciberespaço, tribos de interesses e significados compartilhados. Isto faz com que a compreensão das novas formas de sociabilidade desenvolvidas pelo ciberespaço passe pelo estudo etnográfico destas "tribos".

## **2.2. Dos passos para o reconhecimento e análise de uma CD global e local.**

No tocante aos critérios (que resolvemos nomear "passos") para a descrição de uma comunidade discursiva, vimos que os originalmente elencados por Swales possuem redundâncias que consideramos desnecessárias. Assim, procuramos englobar

---

<sup>13</sup> Outros autores como Ianni (2001) e Marcushi (2002) preferem chamar de cultura eletrônica.

em um mesmo passo, os critérios 2, 3 e 4 originalmente propostos por Swales e que dizem respeito aos mecanismos de intercomunicação, participação e o elenco de gêneros da comunidade respectivamente, acrescentando outros três elementos que dizem respeito ao contexto em que se insere a CD, ao processo de admissão de um novo membro e do conjunto de normas e valores da CD.

Dessa forma, em conjunto nossa proposta teórico-metodológica para descrição de uma CD, desdobra-se em 7 passos a serem seguidos para descrição de CDs em geral, vistos a seguir.

### **2.2.1. Do contexto em que a CD se insere:**

Todos os pesquisadores por nós analisados neste trabalho, tendo se utilizado em suas pesquisas do conceito de CD, sentiram a necessidade de contextualizar suas análises primeiro demonstrando a origem e funcionamento do grupo, pelo que, pensamos ser indispensável esse primeiro passo, o qual inserimos como uma parte indispensável na análise do grupo, servindo como uma forma de situar os leitores sobre o objeto de estudo a ser descrito nos passos seguintes.

### **2.2.2. Do processo de admissão**

Também a maioria dos pesquisadores analisados em nosso capítulo 1, procurou descrever o processo pelo qual um novo membro é admitido no grupo. Essa é uma forma de respondermos à pergunta: o que é um membro da comunidade discursiva x? ou então, quais elementos são necessários para que se considere alguém como um membro dessa comunidade? Assim nesse passo define-se o que se entende por membro de uma determinada CD e o que é preciso para alguém tornar-se um membro, descrevendo o processo que o leva a essa qualificação.

Um outro elemento importante e que perpassará também por outros passos a serem descritos, é a importância de um letramento específico para a admissão de um membro em uma CD. Cada CD promove a imposição de um letramento específico para a admissão de um novo membro, de acordo com seu elenco de gêneros. Só é admitido

em uma CD aqueles que possuem esse letramento específico requerido, ficando de fora, portanto, todos que não se adéqüem a essa condição.

### **2.2.3. Das normas e valores**

Percebermos ainda a necessidade de relatarmos as normas e valores que regem as relações entre os membros, visto que o que em geral, como todo agrupamento humano uma CD desenvolve durante sua história um conjunto de crenças e normas, documentado ou tacitamente estabelecido, que rege as relações entre os membros. Será a apropriação desses valores e dos objetivos do grupo por um indivíduo, somando-se ao letramento requerido, que comporá o sentimento de “pertença” à comunidade.

Percebemos em outras pesquisas que esse relato dos valores ficava demasiadamente disperso, fragmentado, por ser demonstrado por entre os outros tópicos. Dessa forma, e dada a importância desse fator como especificador de um grupo, visto cada comunidade possuir no conjunto valores distintos, consideramos indispensável essa descrição em um tópico próprio que dê ao leitor uma visão mais conjunta das normas e valores específicos da CD analisada.

### **2.2.4. Dos objetivos**

Segundo o próprio Swales (1992) uma Cd possui um conjunto de objetivos formulados publicamente e estabelecidos em parte, ou no todo por seus membros. Como já dito, é a apropriação desses objetivos por um indivíduo um dos fatores que o tornam membro de um grupo. Também esses objetivos serão importantes para a análise do elenco de gêneros, nosso passo a seguir.

### **2.2.5. Do elenco de gêneros e outros mecanismos de participação**

Como já dito anteriormente, os critérios 2, 3 e 4 de Swales (1992) foram agrupados em nossa proposta de reformulação em um único critério pelos motivos já expostos nesse mesmo capítulo. Nesse passo procuramos centralizar nossa análise no

papel desempenhado pelos gêneros nos processos de participação e intercomunicação dos membros. Segundo Swales (1990, p.58):

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva e dessa forma passam a constituir o fundamento do gênero. Esse fundamento modela a estrutura do discurso e influencia e limita a escolha de conteúdo e estilo.

Nessa citação temos a destacar a relação estabelecida pelo autor entre comunidade discursiva, propósito comunicativo e gênero. Segundo o autor, os propósitos comunicativos são frutos de uma comunidade discursiva e moldam toda a estrutura composicional de um gênero. Contudo, apesar de clara essa definição, de forma nenhuma essa relação é estabelecida pelo autor na análise de Cds, pelo que consideramos necessário fazê-lo, visto pensarmos ser de fundamental importância não só elencar o conjunto de gêneros utilizados pela CD, como previa Swales, mas também, e mais importante, demonstrar como os objetivos da comunidade afetam no uso (propósito comunicativo) e na estrutura composicional dos gêneros utilizados, o que certamente é um dos fundamentos que tornam relevante a descrição de uma CD para a análise de gêneros, pelo que consideramos pouco produtiva qualquer descrição de CD que não tenha como objetivo central estabelecer essas relações.

Contudo, como já reconhecido por Swales (1990; 1992; 1998) além dos gêneros são utilizadas estratégias a parte para a participação em uma CD, como encontros entre os membros, telefonemas e outros meios que não constituiriam um gênero na perspectiva com a qual temos encarado esse conceito. A relevância em elencar esses mecanismos está na importância de obtermos um quadro, o mais geral possível, do processo comunicativo de uma CD.

#### **2.2.6. Do léxico**

O léxico também é uma marca importante para o delineamento de um grupo, visto refletir suas necessidades particulares de comunicação. Além disso, como já demonstrado em Swales, o léxico é um dos requerimentos básicos no processo de

admissão de um novo membro, que deve apossar-se do léxico próprio de sua CD. A especialização no léxico da comunidade pode também ser um fator que contribua para a ascensão hierárquica de um membro em algumas CDs. Por tudo isso, e como já justificado por Swales, faz-se necessária uma análise específica do léxico, se possível já relacionando-o com o passo seguinte.

### **2.2.7. Da hierarquia**

Toda CD, explícita ou implicitamente, possui uma estrutura hierárquica identificável, que orienta o processo de admissão e ascensão de um membro no grupo. Descrevê-la é importante para demonstrar as contingências sócio-políticas internas que podem influenciar no processo comunicativo e na própria interação entre os membros.

Nesse ponto, é importante estabelecermos uma diferença importante entre uma CD global e local. Cada CD local possui sua própria estrutura hierárquica, contudo, ela própria está inserida numa estrutura hierárquica maior e é esse tipo de organização que estabelece uma das diferenças entre uma CD global e suas múltiplas CDs locais.

### **2.3. Sumarizando as discussões**

Baseando-nos nesta nossa proposta de percurso teórico-metodológico para descrição de CDs, analisaremos em nosso capítulo 4 um grupo *online* conhecido como blogueiros. Com isso pretendemos oferecer um exemplo de aplicação dessas propostas ao passo que também buscamos refletir a cerca desse novo contexto de interação humana possibilitado pelo desenvolvimento da internet.

A seguir, discutiremos acerca da proposta metodológica de abordagem por nós escolhida para esta pesquisa específica e que serve como exemplo para a aplicação de nossa proposta aqui comentada. Nesse sentido, acreditamos que a etnometodologia, como uma vertente qualitativa da sociologia, adaptada aos objetivos de nossa área: a lingüística, oferece-nos em sua centralidade dada às falas dos sujeitos, um método de

abordagem que se conjuga com o que temos comentado teoricamente até aqui, senão vejamos nosso próximo capítulo.

## Capítulo 3

### Opções Metodológicas

---

*As motivações dos atores sociais são integradas em modelos normativos que regulam as condutas e as apreciações recíprocas. Assim se explica a estabilidade da ordem social e sua reprodução em cada encontro entre os indivíduos. Compartilhamos valores que nos transcendem e governam. Temos a tendência, para evitar a angústia e castigos, a nos conformarmos com as regras da vida em comum.*  
(Coulon, 1995, p. 10)

*N*este capítulo pretendemos esclarecer as opções metodológicas que guiaram a consecução deste trabalho, desde a escolha do objeto de estudo e do referencial teórico até os procedimentos para construção e organização dos dados tendo como fim o relato do caminho percorrido para a análise.

#### 3.1. A escolha do objeto de estudo e do referencial teórico

O objetivo inicial de nossa pesquisa era estudar um grupo específico de internautas que se auto-denominam blogueiros. A escolha desse tema adveio de nosso constante contato com o meio virtual tendo nos chamado atenção a intensa massificação dos blogs que ultimamente já contam com cerca de 2 milhões, só no Brasil. Diante desse contexto perguntamo-nos inicialmente: **O que é um blogueiro? Todos os que publicam blog podem ser ditos blogueiros? Ou ainda, o que é preciso para ser um blogueiro? O que pode ser descrito como comum aos seus membros e que possa identificá-los como sendo um grupo, diferente de apenas um conglomerado de pessoas?** E mais, **o que diferenciaria esse grupo dos demais grupos**



**da internet? Tendo como ponto central, como se dá a comunicação no grupo através do gênero blog?**

Diante desses questionamentos resolvemos, para a análise do grupo, escolher como método o percurso teórico-metodológico desenvolvido por Swales (1990; 1992; 1998). A opção por esse conceito deveu-se, sobretudo, pelo fato de tratar-se de um conceito próprio a nossa área de estudo: teoria de gênero, focalizando as relações nos gêneros utilizados pelo grupo, e por ser também o único, dos que temos conhecimento, que trata com critérios empíricos para a descrição de um grupo, o que acreditamos ser um facilitador na medida em que temos um caminho mais sólido pelo qual trilharmos. Também acreditamos que optar por esse conceito de comunidade discursiva reflete nossa intenção em investigar como as práticas discursivas se solidificam, “ritualizando” tanto as práticas sociais como processos de admissão e hierarquização e como isso se estabelece em um grupo na forma de gêneros e outros artefatos lingüísticos.

Contudo, ao tentarmos aplicar o conceito swalesiano ao grupo escolhido, vimos logo algumas inconsistências que certamente nos levariam a redundâncias desnecessárias e a problemas quanto à amplitude do conceito, como acabou por demonstrar-nos, nossa análise de pesquisas anteriores que se utilizaram desse mesmo conceito: Bernardino (2000), Araújo (2003), Gaede (2003) e Catunda (2004). Buscamos de início autores que tenham vislumbrado os mesmos problemas, tendo encontrado somente algumas reflexões em Gaede (2000) que chegou a questionar a separação dos critérios 2,3 e 4 de Swales, sendo que, contudo, acabou por manter essa separação em sua análise. Não encontrando mais auxílio a essas dificuldades nos encorajamos a buscar por si só nossas soluções.

Como já detalhado em nosso capítulo de fundamentação, optamos aqui por fundir os critérios 2,3 e 4 de Swales em um só, uma vez que, como já vislumbrara Gaede (2003), a participação é também uma forma de intercomunicação entre os membros, ao que acrescentamos que ambas dão-se, quase que totalmente, por meio dos gêneros utilizados pelos membros do comunidade.

Outro questionamento para o qual buscamos resposta foi quanto à amplitude do conceito, em resposta à pergunta: em uma comunidade acadêmica o que seria uma comunidade discursiva, cada área de conhecimento, cada disciplina? Nesse sentido optamos por subdividir o conceito original de comunidade discursiva em: comunidade discursiva global, que corresponde ao máximo de amplitude de um grupo para que possa ser considerado como tal, e comunidade discursiva local: pequenos sub-grupos orientados por objetivos, léxico, gêneros e hierarquia particulares, mas que mantêm todos entre si objetivos, valores, léxico e gêneros mais gerais em comum, organizando-se esses sub-grupos hierarquicamente entre si formando portanto um grupo maior a que denominamos comunidade global.

Procedemos assim inicialmente à análise primeiramente da comunidade global dos “blogueiros” e em seguida particularizamos essa análise no estudo de uma comunidade local intitulada “bar do escritor”, a qual tomamos conhecimento a partir de um convite enviado a nosso perfil no Orkut. Sua escolha deveu-se, sobretudo, pelo fato primeiro, claro, de utilizar um blog como um de seus gêneros e pelo fato de chamar-nos a atenção o caráter particular de sua constituição como grupo. A seguir apresentaremos nossos procedimentos quanto à construção e organização dos dados utilizados em nossa pesquisa.

### **3.2. A construção e a organização dos dados**

Do ponto de vista da construção dos dados, procuramos orientar-nos na perspectiva da etnometodologia, ramo pertencente propriamente à sociologia de base qualitativa, e que procuramos adaptá-la à nossa área de pesquisa: a lingüística, salvaguardando as diferenças de objetivos e apoiando-nos, ao mesmo tempo, nas já previstas correlações entre as duas áreas, como veremos mais adiante.

O termo etnometodologia designa uma corrente da sociologia americana, que surgiu na Califórnia no final da década de 1960, tendo como seu principal marco fundador a publicação do livro *Studies in Ethnomethodology* [Estudos sobre

Etnometodologia], em 1967, de Harold Garfinkel. Segundo o mesmo autor e obra, o termo etnometodologia possui dois sentidos que se completam:

- a) Em etnometodologia a componente metodologia designa o campo de observação, da mesma forma que botânica em etnobotânica;
- b) A etnometodologia, aliás como o termo etno designa, está ligada aos métodos utilizados por um grupo particular.

A etnometodologia enquanto raciocínio sociológico prático vai utilizar métodos equivalentes aos da etnografia, como a observação do campo em um período extenso e a análise de base interpretativa dos dados. Contudo, quanto à forma de abordagem e postura no campo de observação, as duas diferem-se decisivamente. Enquanto um etnógrafo busca inserir-se no grupo, interagindo com os sujeitos em seus contextos de atuação social, daí construindo o sentido do que servirá à sua análise, o etnometodólogo assume a atitude clássica de observador, indiferente ao campo, procurando construir o sentido do contexto, a partir das ações dos atores sociais nas relações de confiança que estabelecem entre si, sem interagir diretamente no fato observado e baseando sua análise posterior sobretudo nas ações significativas oriundas da observação.

Dessa forma, sem nos inserirmos diretamente no grupo, observamos suas interações durante um ano e meio, copiando em telas todas as participações que fossem *a priori* consideradas como significativas, ou seja, representativas dos objetivos e valores do grupo. Foi com base nesses exemplos que procedemos à análise, vista mais adiante.

Como toda teoria, a etnometodologia, elencou uma série de conceitos, oriundos de diversas áreas do conhecimento e que em conjunto traduzem as perspectivas epistemológicas e metodológicas próprias desse método. Baseando-nos nos trabalhos de Votre & Figueiredo (2003) e Coulon (1995) faremos a seguir uma explanação sumarizada desses conceitos caros a etnometodologia, relacionando-os à sua utilização em nossa pesquisa.

### 3.2.1. Prática, realização

As ações sociais somente adquirem sentido em seu próprio contexto, realizadas pelos próprios atores em suas vidas cotidianas a partir de suas relações de confiança. Essas ações são baseadas em regras, negociadas entre os próprios atores e resultantes de suas atividades desenvolvidas.

A importância dada ao contexto fez-nos observá-lo por um período relativamente extenso (cerca de um ano e meio) de forma o mais intensa possível, tendo a preocupação, como uma forma de preservar as relações de confiança do grupo, de manter-nos à distância, observando as interações sempre devidamente anotadas quando nos pareciam significativas, de forma a termos *a posteriori* um conjunto de dados que nos desse uma visão maior do contexto a ser descrito.

### 3.2.2. A indicialidade

O etnometodólogo se interessa pela maneira como os atores se servem da elocução ou da fala para construir um conjunto de ações coordenadas e inteligíveis. Nesse sentido, segundo Cicourel (1977, p 161) os etnometodólogos aproximam-se dos lingüistas visto ambos, cada um em sua própria acepção, tomarem como ponto de partida a produção do discurso. O próprio termo indicialidade foi tomado à lingüística que reflete em termos como “isto”, “eu”, “você”, “etc”, como elementos que transpõem o próprio sujeito e tiram sentido do contexto em que são usados.

Para a etnometodologia, o termo refere-se a expressões que somente ganham significado a partir do conhecimento do contexto onde elas são produzidas. Os etnometodólogos entendem que a linguagem ordinária desenvolvida pelos atores comuns, nas suas ações práticas e corriqueiras do dia-a-dia, fornece a chave para o entendimento dos sentidos das ações que as pessoas desenvolvem nas suas práticas cotidianas. Procurar analisar e compreender o sentido das ações é procurar entender como estas ações são comunicadas e transmitidas socialmente. Desta forma, o pesquisador não deve solapar as expressões indiciais de suas análises, mas ao

contrário, deve privilegiar atenção a elas, de modo a poder absorver o maior conteúdo explicativo possível através das significações contidas nelas.

Dessa forma, trazendo este conceito à nossa pesquisa, todas as interações reproduzidas em telas previamente copiadas, quando analisadas, procuraram ser entendidas do ponto de vista do contexto maior de significação da comunidade. As marcas indiciais, sobretudo o pronome “eu” foram ressignificadas a partir do contexto maior, tendo em conta que o “eu” toma parte de um todo maior, no caso os blogueiros e é reflexo dele como nos mostra o ponto a seguir.

### **3.2.3. A reflexividade**

Segundo Coulon, a reflexividade designa as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social, ou seja, não podem ser encaradas como ações particulares, mas sim como frutos do contexto maior de interação do grupo. Entendido dessa forma, a compreensão das significações das ações só é possível a partir do próprio processo de reflexividade desenvolvido pelos atores, que deve ser captado e recuperado no momento em que são produzidos. Portanto as fontes dos dados para as análises sociais devem ser os próprios atores, em interação efetiva, a partir do processo de relatabilidade, que apresentamos abaixo.

Novamente trazendo à nossa pesquisa, utilizamos, como fontes de dados, situações de interação real entre os participantes em seus próprios contextos, procurando entender sempre as motivações maiores que subjazem às ações particulares de cada caso, isso possibilitado também pela relatabilidade, vista a seguir.

### **3.2.4. A relatabilidade (ou accountability)**

A relatabilidade diz respeito às descrições que os atores fazem de seus processos reflexivos. Não se trata aqui de o ator relatar o acontecido *a posteriori*, mas sim de por suas próprias palavras, produzidas no contexto real de significação, poder-se extrair sua visão de mundo. Como nos dizeres de Coulon (1995, p. 46), “não é a descrição pura e simplesmente da realidade enquanto pré-constituída, mas enquanto

essa descrição em se realizando, fabricando o mundo, construindo-o”. Pensando dessa forma, ao passo que são dotadas de significado e sentido através dos processos pelos quais são relatadas, as ações sociais exprimem o mundo social na sua mais pura essência.

Em nosso caso particular de pesquisa, a relatabilidade deu-nos margem à descrição da comunidade blogueira baseando-nos, ao máximo possível, nas palavras dos próprios atores, captadas a partir da cópia das telas de seus blogs e interpretadas segundo o princípio da reflexibilidade, segundo o qual essas constituíram ações particulares que refletem em si o contexto maior em que estão inseridas.

### 3.2.5. A noção de membro

Nas palavras de Guessier (2003)

Para os etnometodólogos, membro não é apenas um ente que pertence a um determinado grupo, mas ao contrário, é um ente que compartilha a construção social daquele determinado grupo. Em outras palavras, é membro o indivíduo que domina a linguagem comum do grupo, que interage com os demais a partir de redes de significação estabelecidas nos processos interacionais, que compreende o mundo social em que está inserido sem grandes esforços racionais, mas apenas pela **pertença** natural de sua socialização. [grifo nosso]

Essa noção de membro foi-nos bastante cara na descrição do que poderíamos contabilizar como um blogueiro que não é propriamente todo aquele que publica um blog, mas aquele que atenda a noção de membro como vista acima, ou seja, que comungue dos mesmos objetivos e valores do grupo, que tenha esse sentimento de “pertença”.

Dessa forma, excluímos de nossas pesquisas pessoas que publicam blogs ligados a instituições (jornais, empresas etc) uma vez que, nesse caso, baseados na relatabilidade dos objetivos e valores dos blogueiros temos nesse caso outros objetivos e valores pertencentes a outros grupos, quais sejam, o de veiculação de informação de cunho jornalístico e publicidade ou marketing institucional.

Quanto à utilização do *corpus* na pesquisa, optamos por manter os dados originais relativos ao nome do blog e a seu autor, pois, com Komesu (2005, p. 101),

Consideramos que, por circular em domínio público, o conjunto final dos textos obtidos não requeria autorização de seus escreventes, podendo assim ser utilizado para a produção de reflexões científicas, como as propostas neste trabalho

Por uma questão de segurança, dada a instabilidade própria ao meio, decidimos para manutenção dos dados, salvá-los em nosso computador pessoal, ao mesmo tempo em que imprimíamos as telas principais salvando conjuntamente o link de origem.

Para efeito de análise foram utilizados não um *corpus* previamente selecionado, mas um *corpus* aleatório constituído *pari passu* com a pesquisa, sendo utilizados aqueles exemplos que por sua relatabilidade nos propuseram alcançar os objetivos próprios de descrição do grupo em nossa pesquisa.

Entendendo assim, vale ressaltar que não nos coube tão somente empregar aqui um conceito, no nosso caso o de comunidade discursiva, à realidade empírica, com vistas a avaliarmos se é suficiente ou não à execução de nosso objetivo. Mais que isso, nos propusemos de antemão a estabelecer como ponto central da pesquisa o entendimento do grupo social em questão, no nosso caso os blogueiros para o que usamos o conceito de comunidade discursiva como um meio eficaz para execução dessa nossa empreitada.

### **3.3. A análise dos dados**

De uma forma mais geral, nossos procedimentos se dividiram em duas etapas. Uma primeira, puramente teórica, na qual, como já dito, procuramos realinhar os critérios de Swales (1990; 1992; 1998) para a descrição de uma comunidade discursiva e uma outra mais empírica em que procuramos demonstrar a aplicação de nossa revisão do conceito swalesiano na CD global dos blogueiros e em um sub-grupo deste intitulado “bar do escritor”.

Dessa forma, também na parte empírica de nossa análise, baseada nos princípios da etnometodologia, tivemos de dividir nossos procedimentos na análise do grupo maior (comunidade global) e do grupo menor (comunidade local), sendo que foram aplicados os mesmos procedimentos para um e para outro, tendo sido ao final cruzados os resultados obtidos de forma a termos uma comparação entre ambos que nos possibilitasse deduzirmos o geral do específico para cada caso.

Cumprida a primeira etapa de revisão do conceito swalesiano, cujos resultados podem ser conferidos em nosso capítulo 2, passamos então à aplicação de nosso modelo revisto de comunidade discursiva ao grupo objeto de nossas investigações: os “blogueiros”.

Cabe ressaltar que, embora estejamos aqui separando metodologicamente essas duas etapas: teórica e empírica, na verdade, as duas aconteciam quase que simultaneamente, tendo uma sempre influenciado a outra. Assim, por exemplo, nossa decisão em subdividir o conceito de Swales em comunidade discursiva global e local deu-se tanto em nossa análise dos trabalhos anteriores que se utilizaram desse conceito como por nossas próprias investigações em nosso objeto de pesquisa que, ao nosso entender, organizava-se em múltiplos grupos menores (comunidades locais) ligados entre si por fatores já explicados anteriormente e que formavam assim um todo maior (comunidade global), ao que também remetemos nosso leitor ao capítulo 2 de nosso trabalho.

Os procedimentos específicos para a análise desses dois tipos de comunidade discursiva foram, em geral, os mesmos os quais passaremos a descrever primeiramente do ponto de vista da CD global blogueira e em seguida da CD local “bar do Escritor”.

Em nosso primeiro passo para descrição da CD global blogueira procuramos descrever o contexto em que se insere a CD, dando a conhecer aos nossos leitores um pouco sobre a história e o funcionamento dos blogueiros e de seu principal meio de comunicação: o gênero blog. Para isso baseamo-nos em trabalhos anteriores,



sobretudo Komesu (2003) e Miller (2007) e também em pesquisas nossas na *web*, sobretudo, a *wikipedia* e *blogs* que tratavam do assunto.

Quanto ao segundo passo, descrevemos o processo de admissão na CD blogueira demonstrando a partir de que elementos um membro pode definir-se como blogueiro. Vale ressaltar que em nossa pesquisa, baseando-nos em nossa abordagem de cunho etnometodológico, procuramos balizar a noção de membro pelo sentimento de “pertença” (PALÁCIOS, 1998), ou seja, a noção de que um indivíduo se sente como parte de um todo, cooperando junto com os demais membros para uma finalidade comum. Dessa forma, buscamos sempre basear-nos na própria relatabilidade dos membros sobre os elementos indispensáveis para a formação desse sentimento de “pertença”, fazendo ao final um apanhado do que por eles mesmos foi citado e que passa a constituir em nossa pesquisa o cerne do que seja considerado um blogueiro.

Para alcançarmos o objetivo do terceiro passo e visto ser difícil a tarefa de elencar valores de um grupo tão grande e diversificado como os blogueiros, optamos por ater-nos a um único texto (*post*) bastante corriqueiro entre a comunidade: um “código de ética blogueiro”, que nos serviu de base para as discussões desse tópico, procurando evidenciar com dados empíricos ao menos alguns dos elementos citados no texto escolhido.

Quanto ao quarto passo, relativo ao(s) objetivo(s) do grupo, optamos por basear-nos em outras pesquisas anteriores, mais especificamente, o trabalho de Komesu (2005) e Miller (2007), que acreditamos terem dado conta da apreensão de alguns dos objetivos da comunidade. Komesu identificou como objetivo central da comunidade o “fazer ver e ser visto”, já Miller identificou outros cinco objetivos, oriundos do empenho do grupo na auto-exposição. Desses cinco objetivos elencados por Miller resolvemos utilizar dois: validação social e desenvolvimento de relações. Contudo, percebemos na busca pela confirmação desses objetivos baseando-nos em relatos dos membros, que na verdade há outros objetivos percebidos pelos próprios blogueiros além dos apreendidos pelas autoras citadas. Isso fez-nos buscar novos

relatos que evidenciaram um conjunto ao final de cinco objetivos maiores, confirmados em relatos de membros durante nossa pesquisa.

Para o quinto passo de identificação de CDs, o que diz respeito à utilização de um elenco de gêneros e outros mecanismos de participação no grupo, buscamos inicialmente elencar de fato esses elementos. Feito isso, procuramos demonstrar como o objetivo do grupo, formador do propósito comunicativo dos gêneros, influencia na composição dos gêneros e escolha dos demais mecanismos de participação no grupo, servindo o *blog* como exemplo para a análise da influência do propósito comunicativo da CD na constituição de um gênero.

Para o passo número 6, referente ao léxico específico do grupo, utilizamos como fonte principal o *blog blogonarium* organizado e atualizado pelos próprios blogueiros. Além dessa fonte principal, buscamos auxílio em referenciais teóricos para a descrição do léxico mais geral, o internetês e que nos serviram também para a análise do léxico específico da comunidade, demonstrando os processos utilizados para a criação de novas palavras específicas ao grupo.

Por fim, para o sétimo passo, também nos valem de um *blog* como fonte principal de dados: o *blog* <blosque.com> do qual extraímos o modelo hierárquico com o qual decidimos descrever a estrutura hierárquica do grupo. Também foram retirados desse blog os comentários que nos valeram para a reorganização da pirâmide social do grupo, demonstrada ao final.

No que diz respeito à CD local “bar do escritor”, utilizamos para consecução dos objetivos relativos a cada passo de descrição de CDs de entrevistas com o organizador do *blog* “bar do escritor”: Giovani Iemini e com a membro Lena Casas Novas num total de três entrevistas realizadas entre 29/ 08/ 2008 e 03/10/2008 e anexadas como de costume ao final deste trabalho. Dessa forma, buscamos relatos sobre a origem da CD e sua constituição atual, tendo sido utilizando além do mais de relatos deixados no *Orkut* e *posts* do próprio *blog* da CD local.

Além desses procedimentos mais específicos, utilizamos como procedimento geral cópias de telas que passamos a numerar desde a primeira a aparecer no trabalho, acrescentando ainda a cada uma delas uma legenda, a fonte e a data de acesso, como formas de facilitar sua identificação. Nesse tocante é importante salientar que dadas as constantes atualizações dos *blogs*, optamos por datar as figuras com a última data de acesso feita por nós, tendo ainda o cuidado de oferecer datas o mais próximo possível do fechamento de nossa análise.

No tratamento dessas telas, buscamos também numerar seus componentes como uma forma de facilitar a visualização do leitor para aquilo que chamamos sua atenção no texto.

Por fim temos a dizer que durante todo esse processo não deixamos também de servir-nos de nossa própria experiência como blogueiro, que, se não foi utilizada como fonte direta de dados, serviu-nos como orientação, de forma intuitiva, em nosso caminho num meio tão vasto como a blogosfera.

## *Capítulo 4*

### *Descrição da comunidade global dos blogueiros*

---

***Agora Eu sou Blogueira e Ninguém Vai me Segurar!***

*Eu vou pro Blog...  
Eu vou pro Blog...  
Manmanmandar a minha*

*Agora eu sou Blogueira e ninguém vai me segurar [Daquele Jeito]  
Manmandar a minha [Daquele Jeito!]  
Eu, Eu, Eu, Eu, Eu, Eu...*

*A hora do post é a minha diversão  
Vou no Blogblogs vejo a classificação  
Tô subindo no ranking  
Me linka, tu vai gostar  
Agora eu sou Blogueira e Ninguém vai me segurar  
Interney Já chegou....  
...A vez agora é minha!!  
[Daquele Jeito!!]*

*Mi mi é minha!!!!*

*No Lugar de ir pra festa  
Eu vou blog mandar a minha  
Mandar um post legal  
Correr atrás de parceria  
Se com 1 mês você já cansa  
Eu não vou falar denovo  
Minha paixão é meu blog  
Vem que eu vou falar denovo:  
Minha paixão é meu blog  
Vem que eu vou falar denovo:*

*Dona Lau & o Seu Blog manda essa pra você:  
É a tua parceria que eu tenho que agradecer!!!!*

*Manmanmandar A minha!!!  
[Daquele Jeito!!]  
Agora eu sou blogueira e ninguém vai me segurar!!!*

**(Adaptação do funk "Agora eu Sou Solteira" da blogueira Dona Lau, disponível em: <<http://donalaueseublog.blogspot.com/2008/06/agora-eu-sou-blogueira-e-ningum-vai-me.html>>**

**N**este capítulo, baseando-nos em nossa proposta de reformulação do conceito de comunidade discursiva, apresentada no capítulo 2, pretendemos descrever a comunidade global blogueira de acordo com os sete passos que constituem nossa proposta de percurso teórico-metodológico para descrição de CDs descritos em nosso capítulo 2: do contexto, do processo de admissão, das normas e valores, dos objetivos, dos gêneros e demais mecanismos de participação, do léxico e

da estrutura hierárquica que comporão em conjunto a descrição da CD global blogueira apresentados a seguir.

#### 4.1. Origem e evolução dos blog(ueiro)s: do contexto em que se insere a CD

Cabe a John Barger a concepção do primeiro *blog*, intitulado "*Robot Wisdom weblog*" em 1997. Foi também dele a cunhagem do termo *weblog* (web = página da internet + *log* = diário de bordo) identificando-o como sendo uma página da *web* em que um internauta relata uma lista de *links* sobre páginas visitadas e consideradas interessantes na *internet*. Conta ainda a história que foi Peter Merholz quem decidiu alterar o termo *weblog* para "*wee-blog*", o que acabou com o encurtamento definitivo para *blog*<sup>14</sup>. Com o passar do tempo os blogueiros passaram a comentar as listas e *links* uns dos outros, formando um pequeno grupo continuamente interligados, sendo assim um esboço do que seria mais tarde uma das maiores comunidades da *internet*.

Desde esse início, conta Rebecca Blood, uma das pioneiras na criação de *blogs*, os membros já tinham consciência de que amplificavam as vozes uns dos outros quando criavam *links* entre si<sup>15</sup>. Assim, cada blogueiro tinha já desde o início a preocupação e o desejo de tornar-se fonte de *links* para materiais de qualidade.

No ano de 1999 uma revolução se instauraria no meio com o desenvolvimento do *software blogger* da empresa *Pyra Labs* produzido com o fim de automatizar a criação e uso dos *blogs*, sem a necessidade de conhecimento técnico em linguagem html<sup>16</sup>, utilizando-se para isso de uma interface que privilegia a facilitação na criação e publicação, tudo a custo zero. Logo, centenas de milhares de pessoas descobriram esse meio fácil de publicação de suas idéias na *web* e instaurou-se uma verdadeira enxurrada de *blogs* espalhados pelo mundo inteiro. Segundo a *Wikipédia* essa massificação dos *blogs* trouxe controvérsia entre os pioneiros:

---

<sup>14</sup> Fonte: wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>. (Acesso em: 18/09/2008)

<sup>15</sup> Fonte: wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>. (Acesso em: 18/09/2008)

<sup>16</sup> **HTML** (acrônimo para a expressão inglesa *HyperText Markup Language*, que significa *Linguagem de Marcação de Hipertexto*) é uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na Web. Documentos HTML podem ser interpretados por navegadores. Fonte: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/HTML>>. (Acesso em: 02/10/2008)

Essa adoção em massa, e a não utilização dos *links* como o elemento central da forma, causou controvérsia na comunidade original blogueira. Eles acusavam os *blogs* gerados pelos novos softwares de serem simplesmente diários, e não *blogs* – e o que representava os *blogs* “de verdade” eram os *links*. Alguns achavam que com a seleção criteriosa e justaposição de *links*, os *blogs* poderiam se tornar uma importante nova forma de mídia alternativa, agregando informações oriundas de diversas fontes, revelando diferentes pontos de vista e talvez, influenciar a opinião em larga escala – uma visão chamada “mídia participativa”.

Hoje em dia a *blogosfera*, termo que diz respeito à totalidade dos *blogs*, cresce vertiginosamente contando em todo mundo com cerca de 70 milhões de *blogs*, sendo, segundo estimativas, publicados cerca de 120 mil novos *blogs* a cada dia.<sup>17</sup> No Brasil já se contam cerca de 2 milhões *blogs*<sup>18</sup>.

Nessa história, segundo Komesu (2005), os *blogs* evoluíram da simples listagem de *links*, para uma espécie de diário pessoal aberto, contendo data e hora e agrupando as mensagens cronologicamente. Daí, eles evoluíram ainda mais e se tornaram uma alternativa popular para a *home-page* tradicional, já que os *blogs* não necessitam, como aquela, de conhecimentos específicos, tais como os de linguagem HTML, por exemplo, conseguindo mesmo assim agregar múltiplas semioses além do texto, tais como imagens (fotos e até animações) e som (músicas sobretudo).

É importante salientar que cada vez mais, os *blogs* têm assumido outras funções, além de servir de diário, sendo inclusive utilizado por grandes empresas e jornais como meio rápido para a atualização das informações, além de já ser utilizado também por alguns professores que vêem nessa ferramenta um auxílio à prática pedagógica.

Dessa forma excluímos de nossas pesquisas pessoas que publicam *blogs* ligados a instituições (jornais, empresas etc) ou de cunho pedagógico uma vez que, nesses casos pensamos serem outros os objetivos, quais sejam, o de veiculação de informação de cunho jornalístico, publicidade, marketing institucional ou no último caso, auxílio

---

<sup>17</sup> Dados apresentados no estudo “state of blogosphere” <<http://technorati.com/weblog/blogosphere/>> (acesso em: 18/09/2008)

<sup>18</sup> <[http://www.cultura.gov.br/foruns\\_de\\_cultura/cultura\\_digital/na\\_midia/index.php?p=20645&more=1&c=1&pb=1](http://www.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/cultura_digital/na_midia/index.php?p=20645&more=1&c=1&pb=1)> : (acesso: 18/09/2008)

para a aprendizagem, o que pensamos ligarem esses tipos de *blogs* a outras possíveis comunidades, quem sabe jornalística, empresarial, de professores etc. Essa nossa opção surgiu a partir da análise dos dados obtidos e que compõem o quadro de admissão de um novo membro na CD global blogueira, o que passaremos a discutir a seguir.

#### **4.2. "Eu sou blogueiro?": do processo de admissão na comunidade.**

Não é simplesmente publicar um *blog* que faz de alguém um blogueiro, isso porque um *blog* em si é isolado e como bem propriamente diz Swales (1992, p. 10) "sem intercomunicação não há comunidade", o que por analogia poderíamos entender que "sem intercomunicação também não se pode dizer que alguém faz parte de uma comunidade".

Os dados nos mostram que, na comunidade blogueira, a intercomunicação é feita através de duas estratégias principais a partir do próprio *blog*: a postagem, que chama a visitação e os comentários de outras pessoas e a *linkagem* de outros *blogs*. São essas as duas principais estratégias que fazem o *blog* "circular" na comunidade e atraem os visitantes, objetivo máximo dos blogueiros, como veremos mais a frente.

Ao que parece   só quando o *blog* ganha visibilidade na comunidade, por meio de visita es, comentários e *linkagem* com outros *blogs*, que o seu autor ganha o sentimento de "pertenc a" (PALÁCIOS, 1998), sentindo-se parte de um todo (WEBER, 1987) que   a comunidade blogueira. Na falta disso os usuários de *blogs* não se sentem membros da comunidade como podemos perceber nos três exemplos a seguir.



(Figura 2 *post* “eu sou blogueiro?”. Fonte: [HTTP://batalhanaval.brogui.com/p=60](http://batalhanaval.brogui.com/p=60). Acesso em: 17/10/2008)

Nesse primeiro exemplo, o próprio título e subtítulo do *blog*, “batalha naval” e “um tiro na água” respectivamente, dizem muito a respeito do que temos a comentar. Ambos fazem referência a um antigo joguinho infantil clássico “batalha naval” no qual os participantes devem posicionar seus barcos dentro de um mapa com coordenadas horizontais e verticais, marcando esse posicionamento. O oponente tem a tarefa de procurar atingir os barcos do opositor adivinhando a coordenada em que se situam. Um “tiro na água” faz referência, portanto, ao erro cometido no joguinho. Dessa forma, o autor procura expressar sua angústia em não acertar o alvo. Lembrando que alvo e objetivo são palavras de sentido muito próximas<sup>19</sup>, pensamos que isso pode ser entendido como a angústia do autor em não conseguir ganhar visibilidade no meio, um dos objetivos da comunidade blogueira, como veremos mais adiante.

<sup>19</sup> Em inglês inclusive tem-se uma palavra comum a ambas: “aim”.



A pergunta central, na figura acima, “eu sou blogueiro?” é respondida logo abaixo pelo próprio autor: “não”. Segundo o próprio autor ele não consegue se sentir um blogueiro por não entender “nada de blogs”, entendamos isso como, por não ter letramento digital suficiente para produzir um *blog* nos moldes que se espera, com “todas as coisas coloridas que tem num blog”. Na verdade esse postulante a blogueiro já tem sim algum conhecimento de *blog* que o possibilitou criar o seu próprio, inclusive apresentando algum caráter de personalização como veremos mais adiante e além do mais, também como poderemos perceber em mais uma fala sua adiante, ele já conhece o léxico específico do grupo como, por exemplo: *post*, *skin*.

Também essa falta de sentimento de pertença à comunidade é expressa no comentário logo abaixo da pergunta-título: “Qualé? Eu tenho um blog meia boca, com meia dúzia de *posts*. Dá pra contar os comentários que recebi nos dedos dos pés”. Por não atualizar seu *blog* com freqüência e por não ser visto pelos outros membros do grupo, através de visitas e comentários, o autor não se sente ainda parte da comunidade, um blogueiro.

Veja que ao final da tela a falta de letramento digital, um outro importante valor para o grupo, como veremos, causa ainda mais angústia ao autor ao dizer que:

A *skin* desse *blog* não ajuda muito. Não consigo escrever com letras grandes. Dammit!!! E meu *blog* nunca aparece na droga dos “Últimos *posts*” na página inicial do BroguiBlogs. Dammit!!!!!!

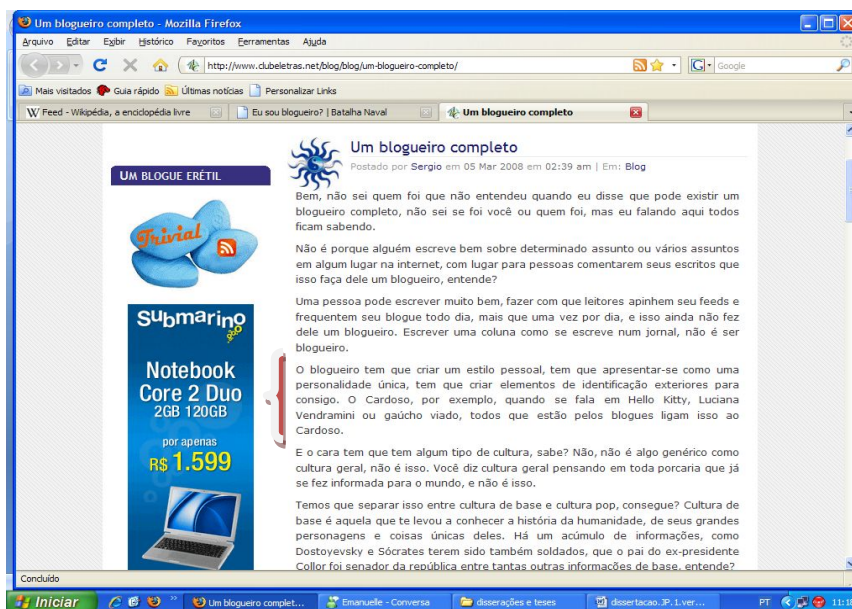
Desse trecho podemos perceber que o autor novamente expressa sua inadequação aos objetivos e valores da comunidade por não sentir ter letramento suficiente para personalizar seu *blog*, alterando a *skin* (cores e disposição dos elementos na tela) e o tamanho das letras. Isso nos mostra que um mínimo de letramento digital suficiente para alterar o plano composicional pré-moldado do *blog* de forma a ajustá-lo a necessidades específicas, também é necessário para admissão no grupo.

Cabe ainda ressaltar que esse letramento digital requerido pelo grupo deve ir além das capacidades de simples navegação, visto que os *blogs*, como já dito, são pré-

moldados, cabendo ao usuário apenas optar por um modelo. Contudo, ao que tudo indica, o que se espera de um blogueiro é que esses moldes sejam personalizados de forma que seu *blog* tenha as especificidades estruturais comuns à maioria, mas que ao mesmo tempo apresente um estilo mais individual.

Veja que o autor tem sim um letramento digital que o permite navegar adequadamente e o permitiu criar seu próprio *blog*, inclusive alterando a figura original de uma ferramenta do gênero o “*feed*”<sup>20</sup> ao seu próprio conteúdo, ao simbolizá-la por uma bóia. A figura da bóia faz alusão à expressão *bóia de salvação*, o que mostra seu alto grau de letramento ao relacionar figura e conteúdo, pois ele simboliza o *feed* como sua “bóia de salvação” através da qual espera não naufragar de vez no mar alto da blogosfera.

Ainda na linha da importância do letramento digital para o grupo, podemos perceber sensação semelhante ao do nosso último exemplo no *blog* reproduzido abaixo, senão vejamos:



(Figura 3 – post “um blogueiro completo. Fonte: <http://www.clubeletras.net/blog/blog/um-blogueiro-completo/>. Acesso em: 18/10/2008)

<sup>20</sup> Falaremos um pouco sobre essa ferramenta no tópico sobre o elenco de gêneros e mecanismos de participação mais adiante.

No trecho marcado o que se pode perceber é que para além da personalização do plano composicional do *blog*, um “blogueiro verdadeiro” deve possuir um estilo de escrita próprio que o faça fugir do lugar comum, fazendo-o diferente dos outros milhares que ocupam o mesmo espaço. Também a autora não se sente blogueira por não atender a esses critérios como visto abaixo:

Ah, tudo bem para eles, estão na deles. Mas eu pelo menos, não digo que estou escrevendo um blogue. Eu não sou blogueiro porque acho que só seria, se reunisse boa parte das qualidades que falei. Faltar uma ou outra, até que pode, cada um é cada um, né?

Como se pode perceber, a autora concorda com a idéia de que não é ter um *blog* que faça de um indivíduo um blogueiro, ou seja, um membro da comunidade discursiva dos blogueiros. É preciso que este *blog* seja identificado como único, marcado pelo estilo individual do autor, que pode até não participar de todas as características propostas, como dito pela autora, mas que deve fazer com que em sua composição ele seja visto como “um” e não “mais um”.

Contudo, essa imposição de um estilo individual, tal como entendida pela autora, não valida a inclusão como membro ou não da comunidade. Ter um *blog* que seja visto como único faz do autor um “blogueiro completo”, como dito no título do *post*, o que nos faz crer que seja não uma definição do que seja ou não blogueiro, mas do *status* do blogueiro na hierarquia do grupo, como veremos mais adiante.

O que se pode perceber disso tudo é que o letramento cumpre um importante papel na admissão e ascensão de um membro em uma comunidade discursiva, fato esse já percebido, sem mencionar o conceito, em Araújo (2003), que, como já visto pesquisou uma comunidade estabelecida em uma sala de bate-papo da Uol. Segundo o autor (2003, p.112):

O curioso é que, pelo menos no caso específico destes *internautas*, não é de qualquer maneira que o grupo “*se reúne pra conversar na net*”, é preciso compreender algumas peculiaridades do gênero *chat* como saber abreviar as palavras, escolher um *nickname* colorido e estilizado com criações e/ou adaptações de símbolos para corresponder às letras. Quando um *nickname* não se apresenta dessa forma, os membros do grupo dizem que o apelido está nu (“sem roupinha”). Além de saber criar um *nickname* com essas características, o usuário precisa conhecer as opções lexicais do grupo,

conforme podemos observar nessa frase imperativa, retirada de (16):  
 “Aprenda o dicionário ou caia fora”.

Como se pode perceber na passagem acima, é preciso um letramento digital específico que possibilite a um pretendo membro tananan interagir com a comunidade, sendo que isso não só no que diz respeito à navegação no *chat*, mas mais particularmente, ao modo como os membros lidam com seu *nicknames*, o que nos mostra que o letramento, somente mencionado intuitivamente em Swales no tocante ao conhecimento do léxico, é um fator importante para admissão de um membro em uma determinada CD, pois sem o mínimo letramento convencionalizado pela comunidade essa admissão torna-se inviável.

Voltando nossa atenção aos requerimentos para admissão na comunidade blogueira, analisemos a seguir o *blog* “yamazaki” reproduzido na tela abaixo:

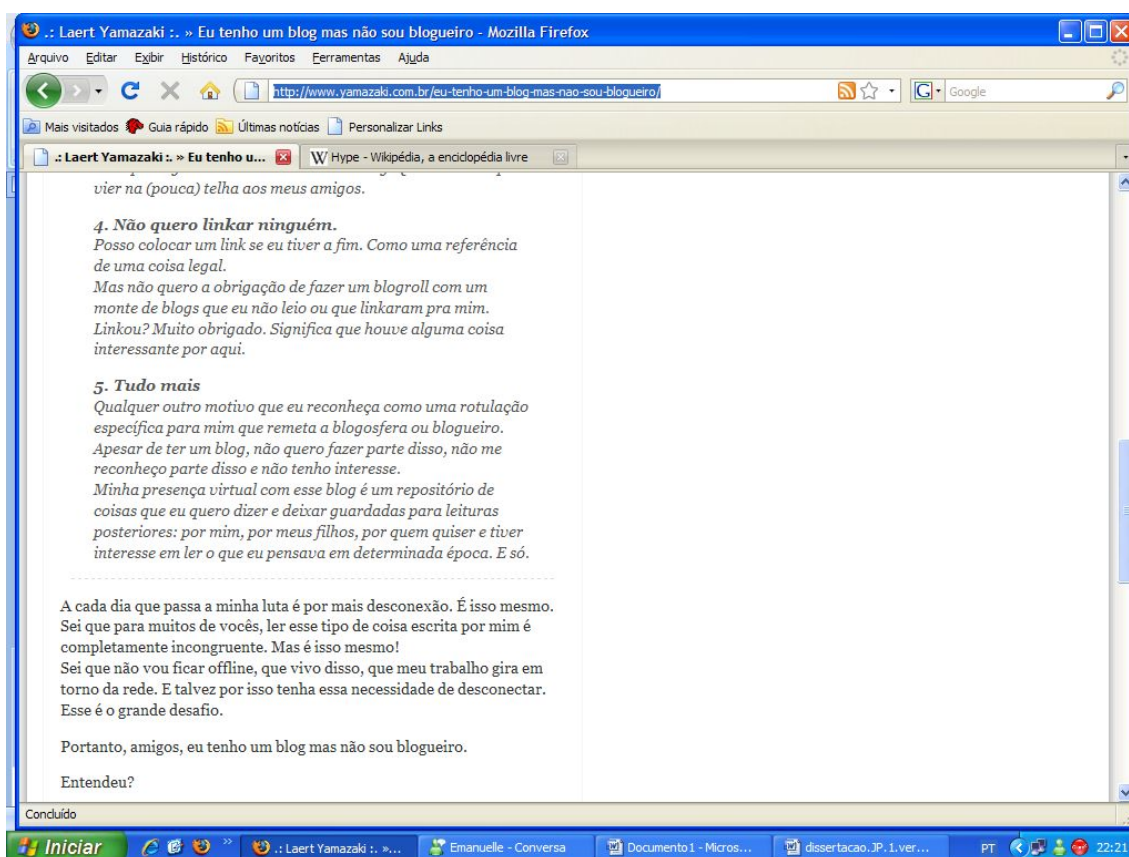


(Figura 4 –tela 1 do *post* “tenho um blog mas não sou blogueiro. Fonte: <  
<http://www.yamazaki.com.br/eu-tenho-um-blog-mas-nao-sou-blogueiro/>>. Acesso em: 18/20/2008)

O autor desse *blog* também expressa sua inadequação ao meio blogueiro por não apresentar as características mínimas esperadas para um membro da comunidade. Semelhantemente ao nosso primeiro exemplo visto aqui, este também

não se considera blogueiro por não atualizar com frequência seu *blog* com novos *posts* e por não ter visitas. Neste último caso, o autor critica aqueles que usam de *hypes* como estratégia para chamar visitas. “*Hypes*” são os assuntos de postagem mais procurados nos mecanismos de busca de *blogs* como a *technorati*<sup>21</sup> e o *blogblogs*<sup>22</sup>. Muitos blogueiros utilizam-se dessa lista e *postam* sobre assuntos que figurem como os mais procurados como um meio de garantir visitas em seu *blog*.

Na tela seguinte podemos visualizar mais uma parte desse *blog*:



(Figura 5 - tela 2 do *post* “tenho um blog mas não sou blogueiro. Fonte: < <http://www.yamazaki.com.br/eu-tenho-um-blog-mas-nao-sou-blogueiro/>>. Acesso em: 18/20/2008)

Nesta outra tela o autor diz não ser blogueiro por não “querer *linkar* ninguém” ponderando que:

<sup>21</sup> <http://www.technorati.com/>

<sup>22</sup> <http://blogblogs.com.br/>

A cada dia que passa a minha luta é por mais desconexão. É isso mesmo. Sei que para muitos de vocês, ler esse tipo de coisa escrita por mim é completamente incongruente. Mas é isso mesmo!

Pode-se perceber que mais do que uma inadequação, essa é uma opção do autor que procura construir seu *blog* com outros valores alheios à comunidade blogueira. Isso o impede, conscientemente, de ter o sentimento de “pertença”, preferindo pôr-se à margem numa atitude aparentemente de rebeldia.

Sumarizando tudo até aqui visto podemos perceber que alguns requisitos mínimos devem ser respeitados para que um indivíduo adquira o sentimento de “pertença” à comunidade, quais sejam: atualizar periodicamente seu *blog*, ter o *blog* visitado e comentado também de forma periódica, possuir *links* que dêem acesso a outros *blogs* de forma que deiticamente o *blog* seja apontado para dentro da blogosfera e, finalmente, possuir um letramento digital suficiente para ser capaz de personalizar o *blog* tornando-o mais atraente do que os simples modelos já definidos pelo servidor. São, em conjunto, estes os elementos, que apontando para a apropriação dos valores e objetivos da comunidade, fazem com que um indivíduo adquira o sentimento de “pertença” e possa se considerar um blogueiro. Contudo, ao finalizar esse processo o blogueiro encontrará nova dificuldade adiante no que diz respeito à manutenção de sua posição na CD e a sua ascensão na hierarquia dos membros, visto os valores que compõe o grupo, como veremos a seguir.

#### **4.3. “O início é difícil, e vai continuar assim, então se você acha que vai ser moleza é melhor nem tentar”:** Das normas e valores

A frase que dá título a esse tópico é bastante exemplificativa do modo como os membros percebem o grau de competição em sua comunidade. Em geral os valores da comunidade blogueira refletem essa preocupação, procurando contrabalanceá-la com alguma ética, de forma a que não se torne uma competição sem princípios em que no fim percam todos pela queda na qualidade. Basearemos nossa exposição sobre esse ponto nas discussões sobre o “código de ética blogueiro”, um *post* muito recorrente na comunidade, sobretudo, em *blogs* que visem iniciar os interessados em blogagem.



Esse código, aqui conseguido no *blog* “outrolado”, cuja tela inicial está copiada abaixo, parece-nos refletir bem as normas e valores do grupo.



(Figura 6 - Código de ética blogueiro. Fonte: <[http://outrolado.com.br/Artigos/codigo\\_de\\_etica\\_blogueiro\\_50\\_dicas](http://outrolado.com.br/Artigos/codigo_de_etica_blogueiro_50_dicas)>. (Acesso em: 15/10/2008))

Como podemos perceber no texto logo abaixo do título do *post*, esse código compõe-se de 50 dicas destinadas não só a blogueiros iniciantes, mas também a experientes. Seu objetivo geral é refletir as próprias regras mais tácitas desenvolvidas pela comunidade no sentido de refrear um possível “vale tudo” na busca por visibilidade. Por ser bastante extenso, e até repetitivo em alguns pontos, procuramos sumarizar os pontos principais agregando os pontos semelhantes.

**4.3.1. “31<sup>23</sup>. Post o máximo que puder( volte ao item 3)”, mas “03. Não tenha medo de ficar alguns dias sem postar, pois melhor não postar, do que postar algo que não interesse ao seu visitante.”**

Essas duas primeiras dicas dizem respeito a um valor já visto no tópico anterior e que é uma dos principais para o grupo. Um blogueiro deve manter seu *blog* sempre atualizado, ou seja, deve sempre estar postando com o máximo de frequência possível. Isso se deve a duas causas que estão ligadas a tentativa de dar visibilidade ao *blog*:

<sup>23</sup> Os números referem-se à numeração do código disponível no blog consultado.

geralmente os servidores que hospedam *blogs* disponibilizam uma ferramenta que indica os últimos *blogs* atualizados e outra ferramenta com os mais atualizados em determinado período, às vezes na última semana ou no último mês. Essa é uma forma de atrair mais visitantes, mas que deve estar, evidentemente, ligada à qualidade dos *posts* porque *posts* de má qualidade não só quebram a expectativa do visitante como fazem o *blog* perder credibilidade e por consequência visitantes.

**4.3.2. “33. Copiar e colar, NUNCA” ou “28. Aqui se faz, aqui se paga, Se você não deu credito ao verdadeiro "dono" da matéria provavelmente um dia isto irá acontecer com você.”**

Para evitar a perda de credibilidade nunca deve-se copiar (“kibar’ no vocabulário bloguês) o *post* de outro *blog* sem que se dê os devidos créditos. Os dados evidenciam que este é um valor tão importante para o grupo que foi cunhado um termo especial para designar o ato de violação desta regra.

**4.3.3. “04. Não fique com medo das criticas em comentários feitos em seu blog e evite apagados, pois as criticas devem servir para que você melhorar, e apaga-las não irá ter benefícios nenhum, pelo contrario, quem fez este comentário que você apagou não irá comentar de novo.” Ou “8. Se a pessoa que comentou deixar alguma forma de contado como E-mail, Faça o possível para responder e agradece-lo pois se ele deixou esta forma de contato ele quer comunicar-se com você.”**

Esses outros dois dizem respeito à busca pela manutenção dos visitantes do *blog*. Todo blogueiro procura contar com um grupo de visitantes próprios que regularmente visitem e comentem em seu *blog*. Dessa forma, mesmo que o comentário seja de crítica, este deve ser visto com bons olhos porque faz o blogueiro refletir sobre sua prática alterando o que não for agradável, no velho jargão do “cliente tem sempre a razão”.



**4.3.4. “14. Comente os blogs que você achar interessante, pois do mesmo jeito que você gosta que comente os seus posts, os outros blogueiros também gostarão.”**

Da mesma forma o blogueiro não deve ficar preso ao seu mundo, deve ele também visitar outros *blogs*, vendo as novidades e comentando já que também ao deixar seu comentário o blogueiro deixa o *link* para seu próprio *blog*, mais uma estratégia para procurar mais visualização.

**4.3.5. “12. Não desista se seu blog tiver poucas visitas e comentários, pois você só ira alcançar um bom numero de visitação com o tempo.” Ou “ 35. O inicio é dificil, e vai continuar assim, então se você acha que vai ser moleza é melhor nem tentar”.**

O caminho até de fato se tornar um blogueiro aceito na comunidade, com visitas e comentários, é difícil e mesmo depois de conseguido deve-se sempre ter em mente que isso pode mudar, o que exige sempre muita persistência e criatividade de um blogueiro.

**4.3.6. “34. Leia os blogueiros profissionais e aprenda”**

Os blogueiros que possuem grande visibilidade no meio, os chamados “gurus”, devem sempre ser tomados como exemplos de sucesso no meio e por isso são fonte constante de aprendizado para os demais, tanto em termos de novidades sobre mudanças na estrutura dos *blogs* como mesmo em termos de assuntos a serem tratados nos *posts*.

**4.3.7. Pra começar a blogar não tem idade.**

Mesmo com todas essas dificuldades não há idade para blogagem de sucesso, qualquer um pode conseguir ter sucesso no meio, basta ter criatividade e persistência como visto. Um caso bem interessante que demonstra a veracidade disso é a blogueira srta-lele que mesmo contando com apenas 19 anos, como demonstra seu perfil, tem

seu blog “mundo das patricinhas”<sup>24</sup> entre os 10 mais visitados de seu servidor<sup>25</sup>, o *spaceblog*.

Como visto, a CD durante as próprias interações entre os membros desenvolveu um conjunto de normas e valores que em parte refletem os objetivos do grupo, e em parte servem para refrear um possível “vale tudo” na procura por visibilidade no meio. Mas, diante de tantas dificuldades, o que faria alguém se aventurar nesse meio? Ou seja, qual o objetivo de quem pretende tornar-se um blogueiro?

#### **4.4. Tens alguma coisa a dizer ao mundo? Queres partilhar os teus conhecimentos/sentimentos? Desabafar? Dos objetivos do grupo.**

Segundo Swales (1992, p. 10):

Uma comunidade discursiva tem um conjunto de objetivos que podem ser reconhecidos. Estes podem ser pública e explicitamente formulados como também genérica ou parcialmente estabelecidos pelos membros. Eles podem ser consensuais, ou podem ser separados mas contíguos.

Como se pode perceber nessa definição, pessoas unem-se por compartilharem objetivos comuns quer sejam recreativos ou profissionais, como lembra o autor na referida obra. Cabe lembrar ainda que, como reconhece o próprio Swales, esse(s) objetivo(s) comum (ns) compartilhado(s) não implica(m) necessariamente em um consenso entre os membros. Na verdade é mais comum haver divergências dentro dos grupos, sendo que isso em si não invalida o grupo como tal já que há, pelo menos, um mesmo objetivo comum a todos. O que seria objetivos específicos, particulares a sub-grupos dentro de uma esfera maior é o que fundamenta nossa proposta de dar um tratamento bifurcado à análise de CDs tal como já explicitado por nós no capítulo de fundamentação teórica.

---

<sup>24</sup> <http://mundodaspatricinhas.spaceblog.com.br/>

<sup>25</sup> Na última data de acesso nessa pesquisa, 20/10/2008, o blog “mundo das patricinhas” ocupava a sexta posição entre os mais visitados. Fonte: <<http://www.spaceblog.com.br/con/blogs-mais-consultados/>>

Vale ressaltar ainda que, segundo o autor, esses objetivos podem ou não ser estabelecidos pelos membros, dependendo da comunidade em questão. Assim, por exemplo, em comunidades mais fechadas como acadêmicas ou profissionais, o estabelecimento dos objetivos é geralmente feito antes do ingresso de novos membros. Ainda segundo Swales (1992), estes objetivos podem estar escritos em documentos ou simplesmente estabelecidos tacitamente entre os membros, como é o caso da comunidade em questão em que não encontramos um documento regulador que estabeleça os objetivos do grupo, ficando, portanto, esse acordo estabelecido de forma tácita.

Em busca de resposta a esse critério, deparamo-nos com a conclusão de Komesu (2005), um dos melhores estudos sobre *blogs*, segundo a qual os *blogs* (e os blogueiros consequentemente) “têm como objetivo *“fazer ver e ser visto pelo outro”* (2005, 145). Semelhante a Komesu, Miller avalia os blogs do ponto de vista do exibicionismo promovido pelo gênero e pondera que (2007, p.21)

A blogagem empenha-se na auto-exposição e, como mencionamos anteriormente, o blog trabalha para unir em uma forma retórica reconhecível as quatro funções da auto-exposição: auto-clarificação; validação social; desenvolvimento de relações e controle social.

Podemos perceber cotejando as duas autoras que ambas estão de acordo quanto ao objetivo maior de um blogueiro: o *“fazer ver e ser visto pelo outro”* ou, nos dizeres de Miller o “empenho na auto-exposição”. Miller aponta ainda outros objetivos a mais: auto-clarificação, validação social, desenvolvimento de relações e controle social.

Concordamos com as autoras que esse, de fato, estes são de fato objetivos da comunidade, contudo, aprofundando um pouco mais nossas pesquisas e, baseando-nos na perspectiva etnomedológica de nosso trabalho, pudemos perceber outros objetivos relatados pelos membros, como se pode perceber nos dizeres de um importante *metablog*<sup>26</sup> exemplificado na tela abaixo:

---

<sup>26</sup> Metablogs são blogs especializados em discutir temas referentes a blogs como novidades tecnológicas, tendências etc.



(Figura 7 – post “porquê criar um blog, motivos?”. Fonte: < <http://www.dicasparablogs.com/motivos-porque-criar-um-blog/>>. Acesso: 15/10/2008)

Esse *post*, que procura estabelecer motivos pelos quais criar um *blog*, dá-nos luz a outros objetivos da comunidade, além do já citado, quais sejam: a necessidade de auto-expressão e o desenvolvimento de relações, esse último já citado por Miller. Tendo em conta nossa perspectiva etnometodológica e agregando a isso as descobertas de Komesu e Miller, elencamos um total quatro objetivos que em conjunto formam os objetivos maiores do grupo: **“fazer ver e ser visto (ou desejo de auto-exposição nos dizeres de Miller)”**, **“necessidade de auto-expressão”**, **“ de validação social”**, e **“desenvolvimento de relações”**. A seguir exemplificaremos e discutiremos cada um desses objetivos em tópicos particulares.

#### 4.4.1. Necessidade de auto-expressão

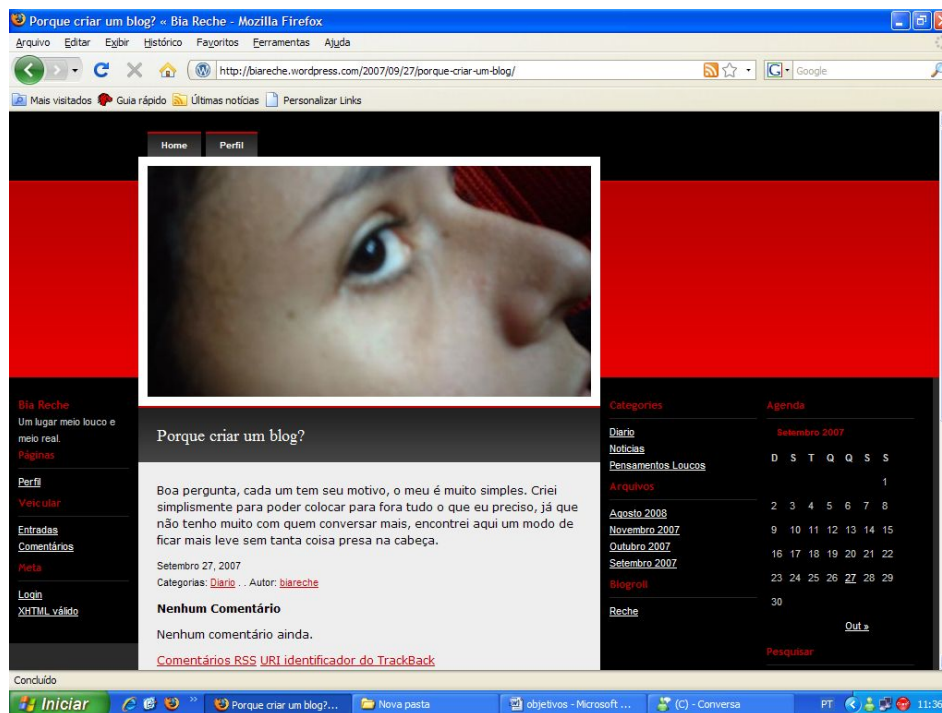
O primeiro dos motivos elencados no *metablog* visto acima para a publicação de um *blog*: a necessidade de auto-expressão (tens alguma coisa a dizer para o

mundo?) não está nessa posição à toa, acreditamos. Esse, de fato, parece ser o primeiro motivo pelo qual alguém procura criar um *blog*.

Esse objetivo, no caso dos blogueiros, está intrinsecamente ligado ao “fazer ver e ser visto”, comentado a seguir, e ambos foram muito bem analisados por Komesu (2005) e Miller (2007) que concluíram serem esses objetivos, frutos de condicionantes sócio-culturais que têm alterado as relações público e privado, impelindo as pessoas a um exibicionismo que caracterizaria o fundamento do *blog*.

Miller pondera que condicionantes sociais como a auto-exposição de intimidades de grandes celebridades como no escândalo Clinton-Lewinsky ou a morte da Laid Diana, além de um *voyerismo* de programas como os “*reality shows*” têm suscitado um tipo de comportamento, que Komesu caracterizou como “publicização de si”, que possibilita o aparecimento dos *blogs*.

Dessa forma, como visto na tela acima, parece ser a necessidade de auto-expressão o que motiva inicialmente uma pessoa a publicar um *blog*. Em geral, dentro do contexto da globalização, as pessoas imaginam falar para o mundo, ou ao contrário, desabafar, longe das pressões de seu contexto particular, mas certamente todas motivadas pelo alargamento exponencial da blogosfera e pela facilidade de publicação de um *blog*, quase sempre a custo zero. Isso tudo cria um contexto propício para essa necessidade de auto-expressão, via internet, *blog*. Um dos milhares de exemplos que poderíamos citar como tributários dessa necessidade de auto-expressão está no *blog* abaixo reproduzido:



(Figura 8 – Post “porque criar um blog?”. Fonte: <http://biareche.wordpress.com/2007/09/27/porque-criar-um-blog/>. Acesso em: 15/10/2008)

Como se pode perceber, a autora tem como objetivo simplesmente desabafar, “colocar para fora tudo o que eu preciso”. Esse objetivo, tão bem analisado por Komesu e Miller, é exatamente o que, segundo as autoras, está condicionado pela inversão público-privado na sociedade atual. Por que alguém desabafaria tornando públicos seus problemas? É aí que entra um outro objetivo de um blogueiro, que metodologicamente vem aqui separado, mas que, pensamos, ser tão somente a outra face desta mesma moeda, senão vejamos.

#### 4.4.2. “fazer ver e ser visto” (ou da busca pelo auto-exposição)

Um blogueiro nunca cria um *blog* se não for para que este seja visitado e comentado por outras pessoas, é isso o que os dados de nossa pesquisa nos permitem afirmar, sobretudo em função da perspectiva etnometodológica com a qual levamos a cabo nossa investigação acerca da comunidade discursiva dos blogueiros. Ao buscarmos encontrar, em situações de interação espontânea entre os membros da comunidade, algo que ratificasse a conclusão de Komesu e Miller que concluíram ser

esse desejo de auto-exposição o principal objetivo de um “blog(ueiro)”, deparamo-nos com o blog “fiscomaluco”, campeão de visitas no mês de novembro<sup>27</sup> que parece validar o objetivo apontado por Komesu e Miller em seu *post* “*Blogueiros estão loucos por visitas, que chatice...*” reproduzido na tela a seguir:



(Figura 9 – “Blogueiros estão loucos por visitas, que chatice...” Fonte:

<http://biareche.wordpress.com/2007/09/27/porque-criar-um-blog/>. Acesso em: 17/10/2008)

Podemos perceber que o objetivo do “fazer ver e ser visto” apontado por Komesu e Miller é ratificado nas palavras de um blogueiro já experiente e estabelecido

<sup>27</sup> Fonte: <<http://fiscomaluco.com/wordpress/2007/12/04/fiscomaluco-bateu-recorde-de-visitacoes-em-novembro/>> (Acesso em 12/10/2008)

no grupo. Para ele o “temos que aparecer” medido pelo número de visitantes “o principal indicativo de um *blog*” tem se sobrepujado à qualidade dos temas abordados. Dessa forma, várias “artimanhas” têm sido usadas para esse fim, entre elas polemizar, criticando *posts* de blogueiros muito visitados somente a fim de ganharem visibilidade, o que fere o código de ética blogueiro, como visto no tópico anterior.

Essa busca pela auto-exposição, medida pelo número de visitantes e comentários deixados, é um meio pelo qual se atinge um outro objetivo também igualmente muito caro aos membros: a validação social, como visto a seguir.

#### **4.4.3. Da validação social**

A validação social está intrinsecamente ligada, como já comentado, aos objetivos da auto-expressão e do “fazer ver e ser visto” e será sempre uma das principais preocupações de um blogueiro quer seja esse iniciante ou mesmo experiente. Essa validação é medida pelo grau de visibilidade do *blog* na comunidade, ou seja, do grau de auto-exposição do *blog*, através do número de visitas, comentários e *links*<sup>28</sup> para outros *blogs*. Em geral quanto maior o número desses três elementos mais famoso fica o *blog*, ou seja, mais validação social é garantida, sendo nesse caso particular o objetivo maior dos membros figurar nas listas de mais acessados, o que garante ao blogueiro um elevado status social dentro da comunidade.

Como já visto anteriormente, um membro iniciante só se sente um blogueiro a partir do momento em que seu *blog* obtém essa validação social dentro da comunidade, ou seja, quando o *blog* conquista alguma visibilidade dentro da blogosfera através de visitas, comentários ou quando este é *linkado* por outros *blogs* amigos. Sem esses elementos um indivíduo não se sente membro do grupo.

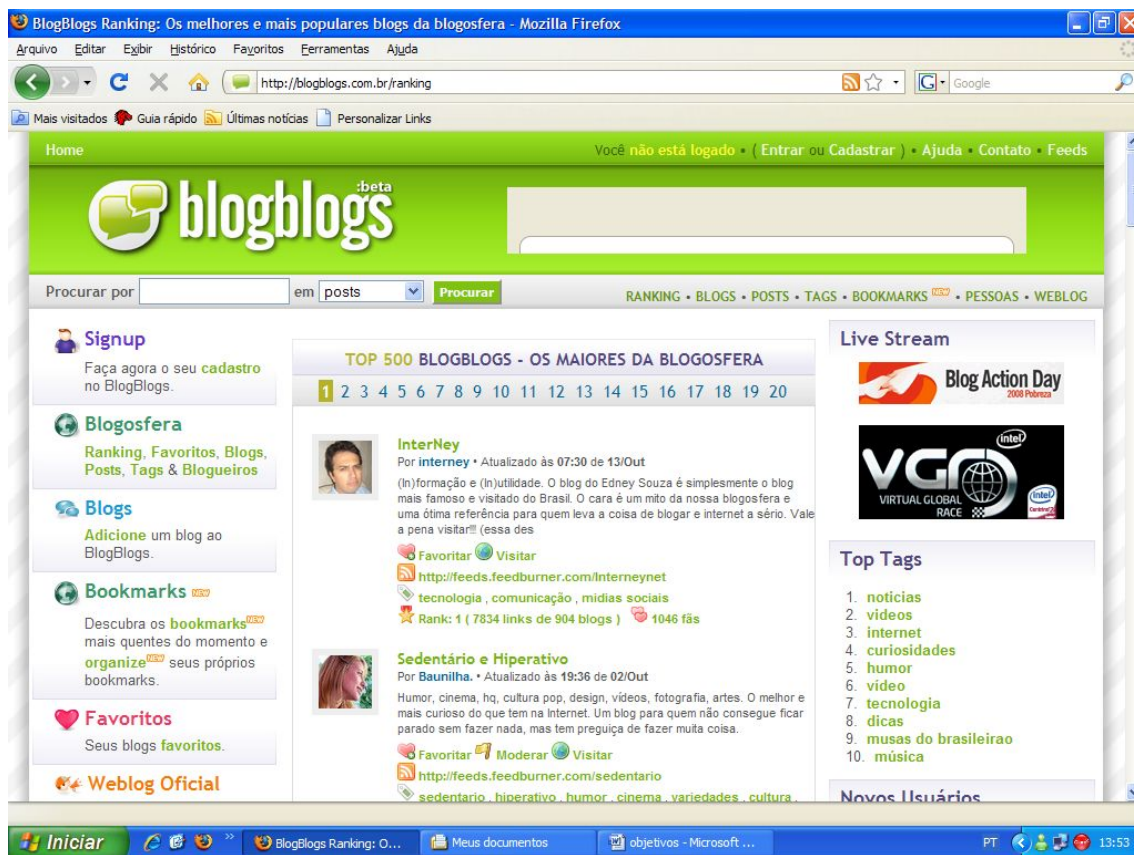
Mesmo assim, um “blogueiro” já estabelecido no meio, ou mesmo aqueles já experientes, não estão isentos dessa angústia por obter cada vez mais validação social.

---

<sup>28</sup> Mais adiante quando comentaremos a organização composicional do gênero *blog*, voltaremos a tratar, de forma mais específica, cada um desses elementos.



Como já dito o alvo é figurar nas listas de *blogs* mais acessados ou comentados oferecidas por diversos servidores como o Uol, blogspot, sapo etc. No Brasil o principal agregador de *blogs*<sup>29</sup> é o blogblogs cujo *ranking* de *blogs* está exemplificado na tela abaixo:



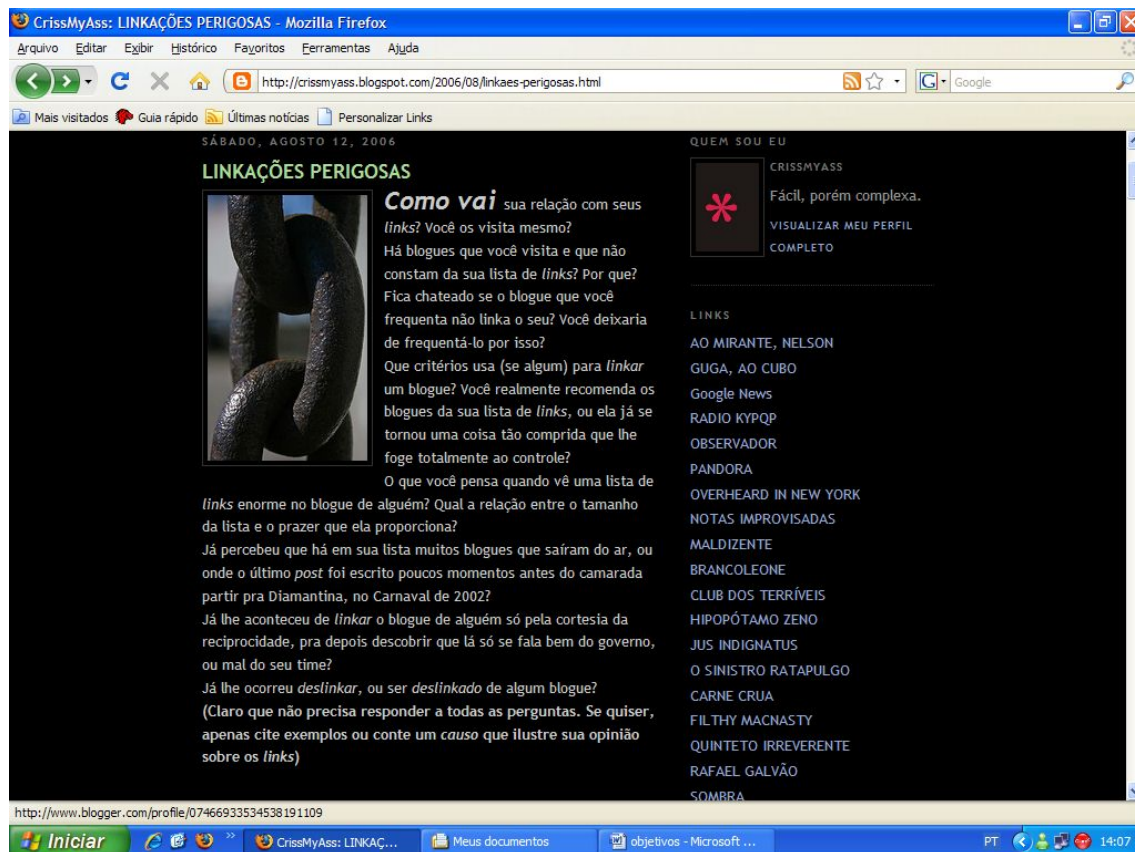
(Figura 10 – tela inicial *blogblogs*. Fonte: <http://blogblogs.com.br/>. Acesso em: 16/10/2008)

Pode-se ver logo ao centro um *ranking* de *blogs* baseado no número de visitas, comentários e *links* de cada um. Dessa forma, para que um *blog* figure nessa lista precisa ter esses três elementos em um nível muito elevado, por exemplo, o número 1, *interney*, possui 7834 links que ao mesmo tempo lhe dão visibilidade, por fornecerem outros caminhos pra que se chegue nele, também confere a esses outros um certo *status* por figurar entre os favoritos do *blog* mais visitado do Brasil. Isso nos exemplifica um pouco um outro objetivo da comunidade, a busca pelo desenvolvimento de relações, comentada a seguir.

<sup>29</sup> Agregadores de blogs são páginas da web especializadas em buscas de blog, sobretudo por assunto.

#### 4.4.4. A busca pelo desenvolvimento de relações

A melhor maneira de desenvolver as relações do *blog* promovendo sua visibilidade no meio é através de sua *linkagem* com outros *blogs*. No *post* abaixo “*linkações perigosas*” o blogueiro Criismyass tece alguns comentários sobre a *linkagem* em *blogs* que nos servirão de ponto de apoio nessa discussão:



(Figura 11 – Linkações perigosas. Fonte: < <http://crissmyass.blogspot.com/2006/08/linkaes-perigosas.html>>. Acesso em 17/10/2008)

Nesse interessante *post* sobre o tema *linkagem*, o autor estabelece a seguinte pergunta a ser respondida por visitantes de seu *blog*: Que critérios usa (se algum) para *linkar* um blogue<sup>30</sup>? Em geral baseado-se nas discussões suscitadas por essa pergunta na sessão comentários podemos obter três pontos de vista:

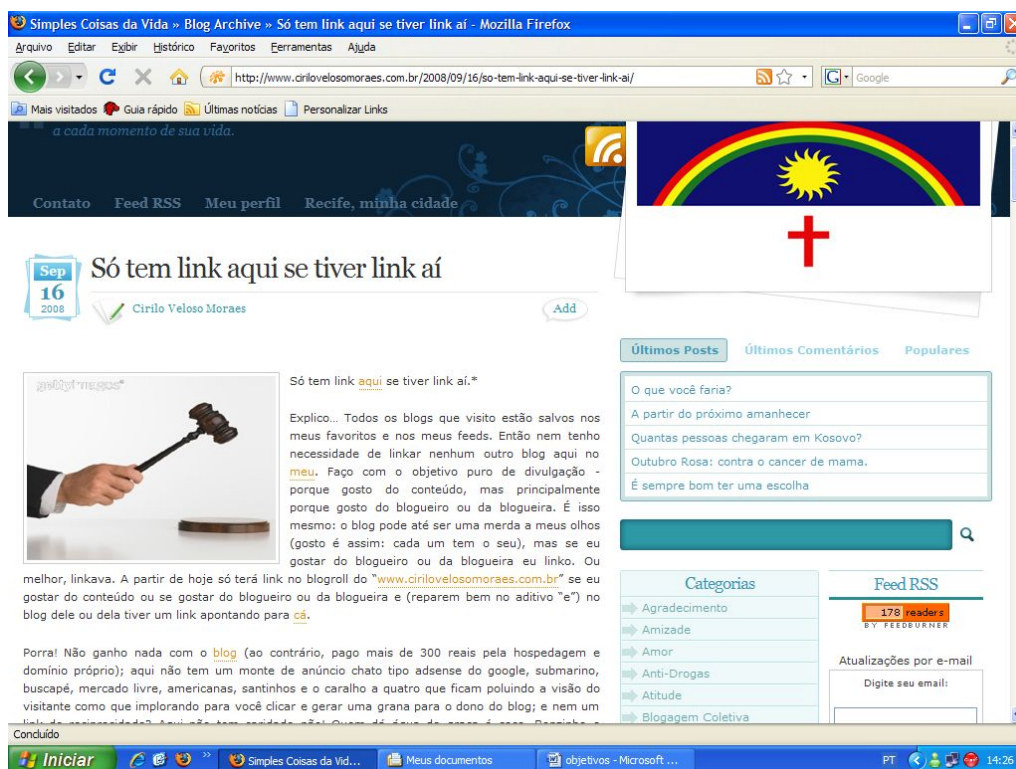
- a) Os que linkam como uma forma de listar favoritos ou *blogs* amigos

<sup>30</sup> A variante “blogue” é uma tentativa de aporuguesamento do termo inglês.

O próprio *blog* que nos serviu de ponto de partida nessa discussão é um bom exemplo desse tipo. Olhando para os *links* à direita da figura por o número acima, podemos perceber que são poucos e que dizem respeito a vários temas, aos quais, por algum motivo a autora se sente atraída, o que a faz disponibilizar em seu próprio *blog*.

b) Os que *linkam* esperando reciprocidade, só para obter mais audiência

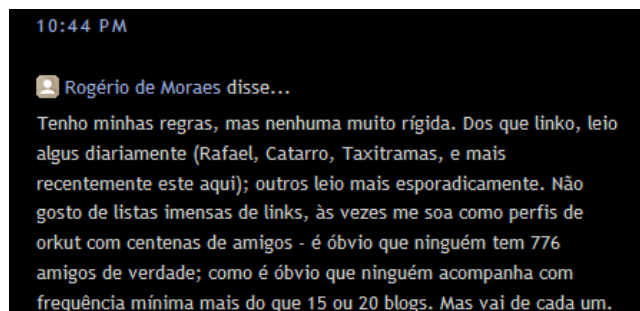
Exemplo é o *blog* a seguir:



(Figura 12 – só tem link aqui se tiver link aí. Fonte:

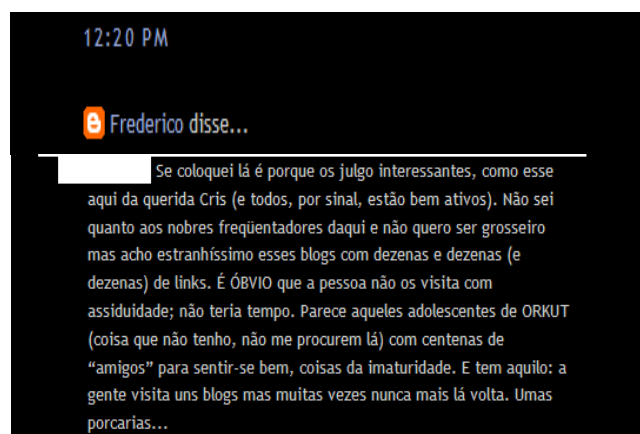
<http://www.cirilovelosomoraes.com.br/2008/09/16/so-tem-link-aqui-se-tiver-link-ai/>. Acesso em: 17/10/2008)

Nesse *post* o autor reclama da falta de reciprocidade de *blogs* os quais havia *linkado* e esperava o mesmo para o seu. Por ser freqüente a negativa nesse caso, ele resolveu tomar a atitude que é muito freqüente no meio: só *linkar* aqueles que forem recíprocos. Vale ressaltar que dentro da comunidade o fato de obter-se muitos *links* parece não ser bem visto como pode-se perceber nos comentários abaixo tirados do *blog* Crissmyass visto acima:



(Figura 13 – comentário de Rogério Moraes. Fonte: < Fonte: < <http://crissmyass.blogspot.com/2006/08/linkaes-perigosas.html>>. Acesso em 17/10/2008)

Ou



(Figura 14 – comentário de Frederico. Fonte: < <http://crissmyass.blogspot.com/2006/08/linkaes-perigosas.html>>. Acesso em 17/10/2008)

Essa busca por elencar *links* e mais *links* só para garantir maior visibilidade parece não estar de acordo com os valores da comunidade, motivo pelo qual ser tão criticado.

- c) Os que procuram fazer de seus links um círculo de *blogs* com temas afins, formando assim uma espécie de círculo de discussões sobre um (ou às vezes mais de um) tema em comum.

Como exemplo, encontramos o *blog* a seguir, cujo tema é a “wicca”:





(Figura 15 – blog círculo cultural wiccano. Fonte: < <http://circuloculturalwiccano.blogspot.com/>>. Acesso em: <18/10/2008>)

Na lista de *blogs* e *sites* à direita, podemos perceber que o tema “wicca” é o único presente. Ao clicar em algum desses *links*, abre-se uma nova página que, por sua vez, o cita como *link* recomendado. Essa atitude, cada vez mais comum, procura estabelecer um “nicho” de *blogs* com temáticas afins, o que certamente tem se constituído em mais uma forma de busca de visibilidade atraindo visitantes que tenham gostos ou pensamentos semelhantes. Acreditamos ser essa em uma tendência na blogagem cada vez mais interessada no conagraçamento de idéias semelhantes entre os membros

Há ainda nesse caso, os que simplesmente relacionam-se pessoalmente, como visto no *blog* abaixo:



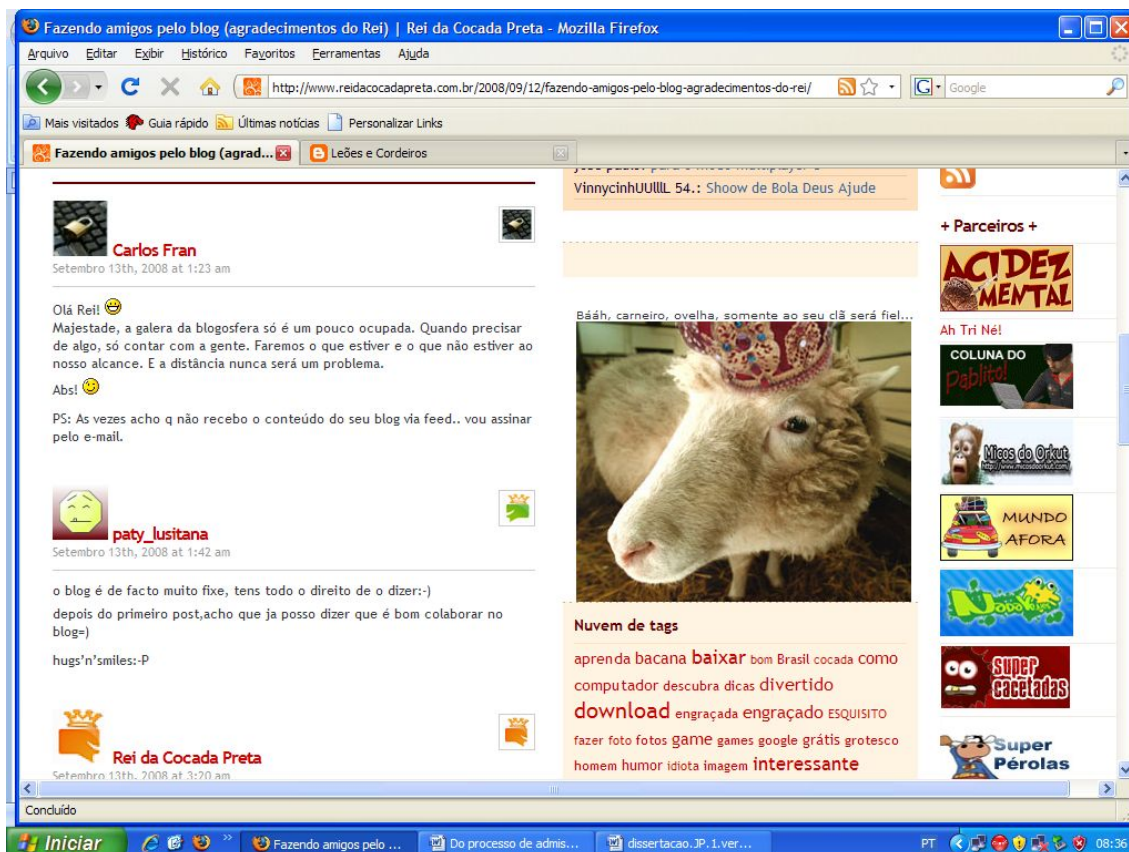
(Figura 16 – blog “o rei da cocada preta”. Fonte: <

<http://www.reidacocadapreta.com.br/2008/09/12/fazendo-amigos-pelo-blog-agradecimentos-do-rei/>>.

Acesso em: 15/10/2008)

No exemplo visto, o autor do *blog* posta uma mensagem de agradecimento aos amigos que obteve através de seu *blog* “o rei da cocada preta”. Cada nome citado está também *linkado*, bastando clicar em qualquer um para irmos para seus *blogs* pessoais. Percebam que o “rei da cocada preta” chega a fazer propaganda de um *blog* amigo o “leões e cordeiros” de sua amiga blogueira “Beth”. Essa é a ferramenta chamada *trackback* que permite com que as citações e comentários deixados sejam acompanhados da *linkagem* que possibilita o acesso direto a outro *blog*, uma estratégia muito utilizada pelos membros para promover a maior visualização de seus *blogs*, utilizando-se para isso de um círculo de amigas a que Primo e Recuero (2003) denominam *webrings*, contudo esse é um assunto mais apropriado ao próximo tópico.

Abaixo, na sessão comentários, os amigos também puderam agradecer pela homenagem.



(Figura 17 – comentários do blog “o rei da cocada preta”. Fonte: <  
<http://www.reidacocadapreta.com.br/2008/09/12/fazendo-amigos-pelo-blog-agradecimentos-do-rei/>>.  
 Acesso em: 15/10/2008)

Como se percebe, o *blog* também pode ser utilizado como uma meio de fazer novas amizades, muitas vezes mesmo independente de ser ou não um *blog* com temática afim. Mais e mais isso tem se tornado uma tendência entre os blogueiros, interessados estes em também fazer amizades e trocar experiências como enfatizam em geral os comentários acima de agradecimento.

Na verdade acreditamos que esses objetivos comentados podem isoladamente serem encontrados em outras comunidades da internet. Contudo, o que os torna específicos da comunidade blogueira é o conjunto formado por todos esses objetivos que como visto formam um todo em que, embora separados aqui metodologicamente, estão intrinsecamente interligados, aparecendo a todo tempo um como consequência do outro.

Segundo a proposta swalesiana de gênero, os objetivos da comunidade devem moldar a estrutura de seus gêneros utilizados, ainda que em suas propostas de comunidade discursiva, o autor não tenha levado isso em consideração na análise. Como uma forma de procurar testar essa hipótese de Swales, no tópico a seguir, elencaremos o conjunto de gêneros utilizados pela comunidade discursiva blogueira e em seguida tomaremos seu principal gênero, o *blog*, como exemplo para testar se de fato os objetivos da comunidade ocupam assim tão grande relevância na estrutura de seus gêneros.

#### **4.5. “Soltos no mundo?”: do elenco de gêneros e demais mecanismos de participação**

Como já explicitado em nosso capítulo de fundamentação teórica, optamos aqui por juntar os critérios 3, 4 e 5 de Swales em um único critério, anulando a divisão proposta pelo autor entre mecanismos de intercomunicação, mecanismos de participação e gêneros. Isso por que, de acordo com nossa visão, em geral as comunidades estabelecem sua participação principalmente através de gêneros, além do mais, como já concluído por Gaede (2003), a intercomunicação é uma forma de participação, pelo que não haveria a necessidade da divisão entre esses dois elementos.

Na comunidade em questão, não restam dúvidas sobre seu principal gênero e mecanismo de participação, já que o próprio nome do grupo advém do nome *blog*, o qual veremos um pouco sobre sua organização no tópico a seguir.

##### **4.5.1. Criando e entendendo um blog**

Como já mencionado anteriormente, nem todo aquele que publica um *blog* pode ser considerado um blogueiro. Isso se deve a dois motivos: primeiro porque é preciso que o pretendente passe pelo processo de aceitação no grupo, finalizado quando o membro, através de alguns requisitos próprios à comunidade, adquire o sentimento de “pertença” que o faz sentir-se um blogueiro. Além disso, o *blog*, ao que tudo indica, e apesar do nome estar intrinsecamente ligado à comunidade blogueira, é um gênero utilizado por outras comunidades, como, por exemplo, uma possível



comunidade jornalística, geralmente ligada a instituições, e que o utiliza, por sua facilidade de atualização, como meio mais rápido do que o *site* ou o jornal convencional para divulgar notícias, ou seja, o utiliza com um propósito distinto daquele mobilizado pela comunidade blogueira como já visto anteriormente.

Não obstante isso, certamente o primeiro passo para tornar-se um blogueiro é criar um *blog*. Esse primeiro passo é bastante simples contando o interessado com algumas dezenas de servidores<sup>31</sup> para isso e uma centena de *blogs* que procuram ajudar aos interessados a iniciarem-se na *blogagem*<sup>32</sup>. O mais utilizado e mais simples *software* para criação de *blogs* é o *Blogger* cuja tela inicial está reproduzida abaixo:



(Figura 18 – tela inicial do servidor Blogger. Fonte: <<https://www.blogger.com/start?hl=pt-BR>>. Acesso em: 17/10/2008)

Como se pode perceber em (1) à direita o processo é muito simplificado bastando seguir três passos para já ter um *blog* pessoal. O interessado contará no terceiro e último passo com alguns modelos já pré-moldados bastando optar por um.

<sup>31</sup> Uma boa lista de servidores pode ser obtida em: <http://www.interney.net/blogfaq.php?p=6490966> . (Acesso em: 15/10/2008)

<sup>32</sup> Uma boa fonte para iniciantes é blog: <<http://www.interney.net/blogfaq.php>> . (Acesso em: 15/10/2008)

O *layout* escolhido pode a qualquer momento ser trocado por outro e ser adicionado com ferramentas que não constavam no original. Pronto! O *blog* já está construído faltando apenas hospedá-lo em algum servidor. Geralmente, os próprios servidores responsáveis pela criação de *blogs* também servem para hospedá-los, ou se não, indicam um que assim o faça. Na grande maioria, os servidores não cobram por esse serviço (ainda!...) e geralmente lucram com a difusão de propagandas e venda de ferramentas extras para o *upgrade* do *blog*.

Todas essas facilidades quanto à criação e manutenção, aliadas às possibilidades de auto-expressão e visualização pessoal num meio de crescente massificação como a *internet*; acrescidas ainda do apelo pessoal, próprio dos *blogs*, e das grandes possibilidades de interação promovidas por esse meio, têm causado uma verdadeira avalanche de *blogs* na grande rede.

Sifrey<sup>33</sup>, em entrevista concedida à revista *Época* (2007), levantou que já seriam mais de 28 milhões de *blogs* no mundo e que esse número dobra a cada seis meses e meio, chegando-se a se falar inclusive numa chamada *blogosfera*<sup>34</sup>.

Em geral, os *blogs*, do ponto de vista estrutural apresentam alguns elementos básicos, que passaremos a comentar tendo como exemplo a tela abaixo reproduzida do *blog* “solta no mundo” da escritora carioca Márcia do Valle.

---

<sup>33</sup> David Sifry é americano e criador do site *technorati*, primeiro site de busca especializado em *blogs*. Atualmente tem lidado com as possibilidades de negócios envolvendo o uso de *blogs* por grandes empresas. (cf. [www.Revistaepoca.globo.com/edg\\_artigo\\_todomundovaiterumblog.htm](http://www.Revistaepoca.globo.com/edg_artigo_todomundovaiterumblog.htm))

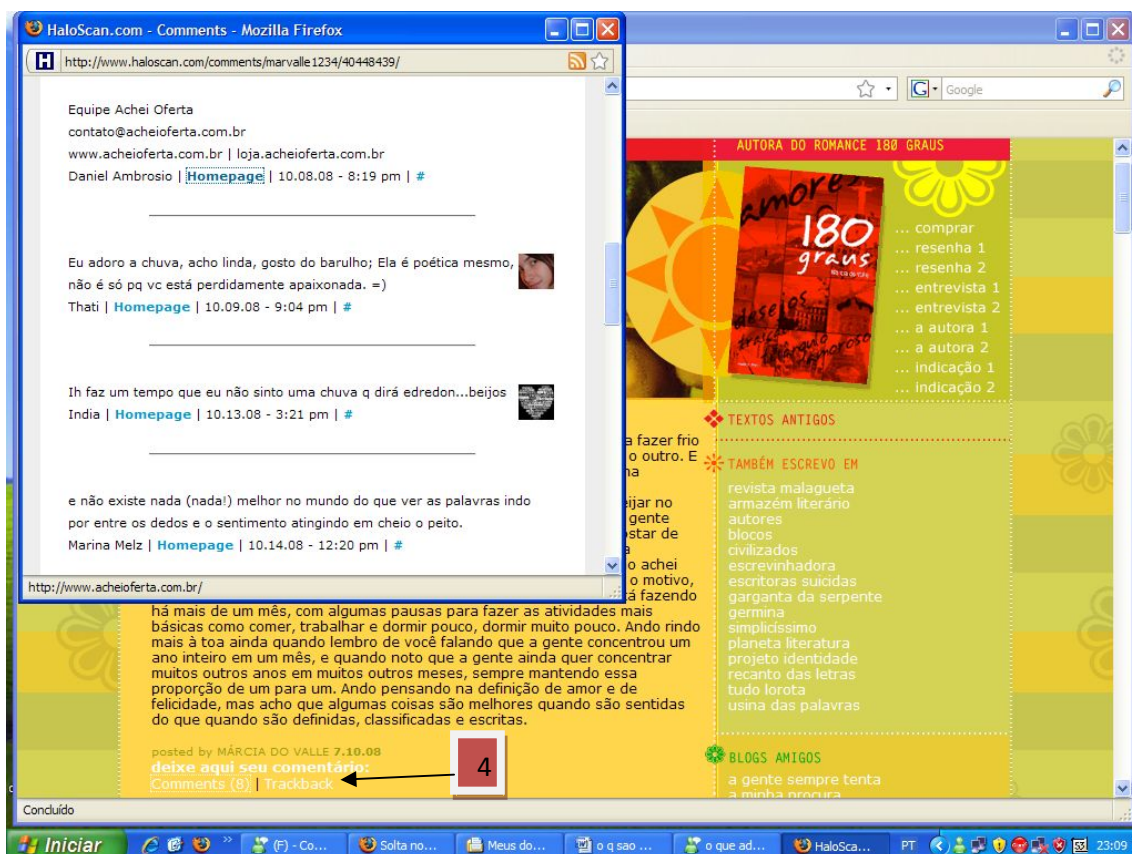
<sup>34</sup> O termo é um neologismo e diz respeito à coletividade dos *blogs*, entendidos como um grupo. Outros termos com idéia semelhante e também usuais são: *blogtopia*, *bloguespaço*, *bloguniverso*, *blogsilvânia* e *blogstão*. Interessante notar é que esse termos foram cunhados praticamente no mesmo contexto entre a guerra dos E.U.A contra o Afeganistão e início da II guerra do golfo e procuravam inicialmente dar conta da comunidade de *blogs* sobre guerras, os *warblogs*. (cf. *blogosfera* in [www.wikipédia.com](http://www.wikipédia.com))



(Figura 19 – Tela inicial do blog “solta no mundo. Fonte: < <http://www.soltanomundo.blogger.com.br/>>.

Acesso: 15/10/2008)

Em 1, na parte central, podemos ver o mais recente texto publicado pela autora em seu *blog*, ou, usando o léxico da comunidade blogueira, seu mais recente *post*. A orientação em geral é essa, aparecendo primeiro, mais acima na barra de rolagem, o mais recente *post*, com data de publicação e ficando os demais, sempre do mais recente para os mais antigos, mais abaixo na rolagem. Cada *post* é acompanhado de sua data de publicação e, em geral, pela ferramenta de comentários, vista em 2, através da qual qualquer visitante pode deixar uma opinião sua sobre o que foi postado, bastando para isso clicar nesse espaço apontado em 2 na figura acima. Cada *post* tem seu próprio espaço de comentário independente, todos os comentários deixados podem ser vistos clicando em 3, a partir do que se abrirá uma nova janela menor, vista na figura abaixo:



(Figura 20 – comentários do blog “solta no mundo” Fonte: <

<http://www.soltanomundo.blogger.com.br/>>. Acesso: 15/10/2008)

Em 4, podemos visualizar uma ferramenta igualmente importante e que Primo e Recuero (2003, 03) chamam a atenção: a ferramenta de *trackback* que segundo os autores:

permite que outros posts, em outros blogs, que fizeram referência a um texto sejam linkados junto dele, de modo a mostrar ao internauta a discussão que está sendo realizada em torno do assunto também por outros blogs. Para os autores são exatamente essas ferramentas que fazem do blog um sistema que traz uma organização diferenciada para a web (RECUERO, 2003, p.4).

Essa ferramenta, segundo Recuero (2002, p.6), auxiliam na criação de *webrings*:

círculos de blogueiros que interagem através de comentários e trackbacks, construindo uma rede hipertextual dialógica e complexa. Esses webrings podem dar origem a criação de comunidades virtuais, pois representam mais que um grupo de links, um grupo de pessoas que estabelecem relações entre si.

Isso tem possibilitado a criação de redes de blogs com temáticas afins, como o caso do *blog*, apenas citado pelos autores, *Blogueiros de pelotas*<sup>35</sup>, que foi criado e constitui ponto de encontro de “blogueiros” da cidade de pelotas.

Acreditamos que a criação de pequenos grupos de discussões sobre temas afins, possibilitados pelas ferramentas de comentário e de *trackback* têm-se constituído cada vez mais numa constante entre os todos os *blogs*, o que tem possibilitado o surgimento de pequenas comunidades, orientadas por interesses e características particulares, o que também nos serviu de pista para caracterização desses grupos de acordo com nossa proposta de comunidades discursivas locais.

Como um resumo para o visto, Komesu (2005, p. 99) pondera que:

O *blog* pode ser definido, portanto, como uma página web, composta de parágrafos dispostos em ordem cronológica (dos mais aos menos atuais colocados em circulação na rede), atualizada com frequência pelo usuário. O dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais (escritos) e não-verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um link e sua publicação na web, de maneira rápida e eficaz, às vezes, praticamente simultânea ao acontecimento que se pretende narrar.

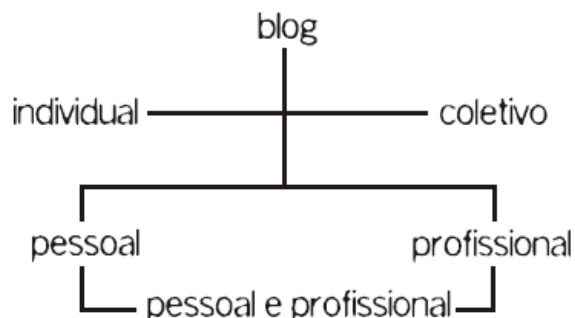
A autora procura ainda uma classificação dos *blogs*, reconhecendo a dificuldade enfrentada em vista da diversidade de conteúdos temáticos e o hibridismo próprio do gênero que pode englobar traços de outros gêneros como listas de discussão, *home-pages*, *chats* entre outros. A autora fundamenta-se, em sua classificação, em dois fatores: (p.108):

- a) o número de enunciadores: individual ou coletivo
- b) o tema: pessoal, profissional e pessoal - profissional

Com base nesses critérios Komesu propõe, baseada na análise duma amostra de 150 *blogs* escolhidos aleatoriamente, o seguinte esquema:

---

<sup>35</sup> <http://www.bloggeirospe.tk>



Fonte: Komesu (2005, p.109)

Assim, para autora:

No **blog pessoal** (Tipo1), o tema predominante é a *esfera íntima* da vida do(s) escrevente(s). (KOMESU, 2005, p. 109)

Já o segundo tipo:

O **blog profissional** (Tipo2) Assim classificamos os textos que se propõem a emitir opiniões e comentários sobre os mais diversos assuntos, ou a trabalhar um mesmo e único tema, de modo profissional, a exemplo dos escreventes que aspiram à carreira como colunistas de jornal ou escritores literários, por exemplo. (KOMESU, 2005, p. 118)

Por último, o terceiro tipo:

Apresentamos, por fim, a definição de **blog pessoal e profissional** (Tipo3), que associa *posts* de conteúdo pessoal, a respeito dos acontecimentos vividos pelo(s) escrevente(s) às notas informativas, devidamente comentadas por ele(s). (KOMESU, 2005, pp. 122- 123)

É importante salientar que essa classificação da autora parte do princípio de excluir de sua pesquisa *blogs* de cunho mais institucional, lidando só com os que tenham caráter eminentemente pessoal, sendo que aqui o termo “profissional” diz respeito tão somente aos temas a serem abordados.

Em nossa pesquisa, assumimos posição semelhante a de Komesu (2005) ao excluir *blogs* de cunho institucional ou pedagógico em suas pesquisas. Baseado em nossa abordagem etnometodológica, assumimos uma visão mais restrita da

caracterização de um blogueiro, entendido por nós não como todo aquele que publica um *blog*, mas sim: **um (ou mais de um, no caso de *blogs* coletivos) indivíduo que possui um *blog* de cunho pessoal hospedado em algum servidor utilizando-o com certa frequência com vistas a auto-promoção e a divulgação de idéias pessoais.**

Dessa forma excluímos de nossas pesquisas pessoas que publicam *blogs* ligados a instituições (jornais, empresas etc) ou de cunho pedagógico uma vez que, nesses casos pensamos serem outros os objetivos, quais sejam, o de veiculação de informação de cunho jornalístico, publicidade, *marketing* institucional ou no último caso, auxílio para a aprendizagem, o que pensamos ligarem esses tipos de *blogs* a outras possíveis comunidade, quem sabe jornalística, empresarial, de professores etc.

Um fator importante a ser considerado é a influência dos propósitos comunicativos da CD na constituição de seus gêneros, visto ser uma das premissas da análise de gêneros de base sócio-retórica. Dessa forma, buscaremos no tópico a seguir analisar como os propósitos da CD blogueira são definidores da constituição do blog como gênero.

#### **4.5.2. Os propósitos comunicativos da CD blogueira na constituição dos blogs**

Segundo Swales (1990, p.58):

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva e dessa forma passam a constituir o fundamento do gênero. Esse fundamento modela a estrutura do discurso e influencia e limita a escolha de conteúdo e estilo.

Como se pode perceber dessa definição, o autor parece propor uma definição de gênero triangulando-o com os conceitos de comunidade discursiva e propósito comunicativo. Seria dessa forma, a comunidade discursiva a formadora do propósito comunicativo que por sua vez fundamenta o gênero, moldando-o em seu conteúdo e estilo. Se tomarmos propósito comunicativo pelos objetivos da comunidade blogueira, podemos então exemplificar esses objetivos (propósitos) também na forma composicional do gênero blog.



Com base nisso procuramos nesse tópico, ainda que de forma sucinta já que isso não faz de per si parte de nossos objetivos de pesquisa, relacionar como o propósito comunicativo da comunidade blogueira afeta na constituição composicional dos *blogs*.

Como já mencionamos, os objetivos da comunidade global blogueira são os seguintes: **fazer ver e ser visto (ou desejo de auto-exposição nos dizeres de Miller)**”, **“necessidade de auto-expressão”, “de validação social”, e “desenvolvimento de relações”**. O que temos observado é que todo o trabalho de construção desse gênero está definitivamente orientado em busca desses objetivos que constituem a comunidade global, senão vejamos, um exemplo de *blog* que nos dá uma boa visão sobre o que estamos falando.



(Figura 21: tela 2 do blog solta no mundo. Fonte: <http://www.soltanomundo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 18/09/2008)

O blog em questão intitulado “solta no mundo” é escrito pela escritora carioca Márcia do Valle. Nele a autora publica textos seus, o que de por si já atende ao primeiro objetivo de um blogueiro, qual seja, a necessidade de auto-expressão. Entendemos que esse nome dado ao blog reflete bem a angústia sentida por qualquer

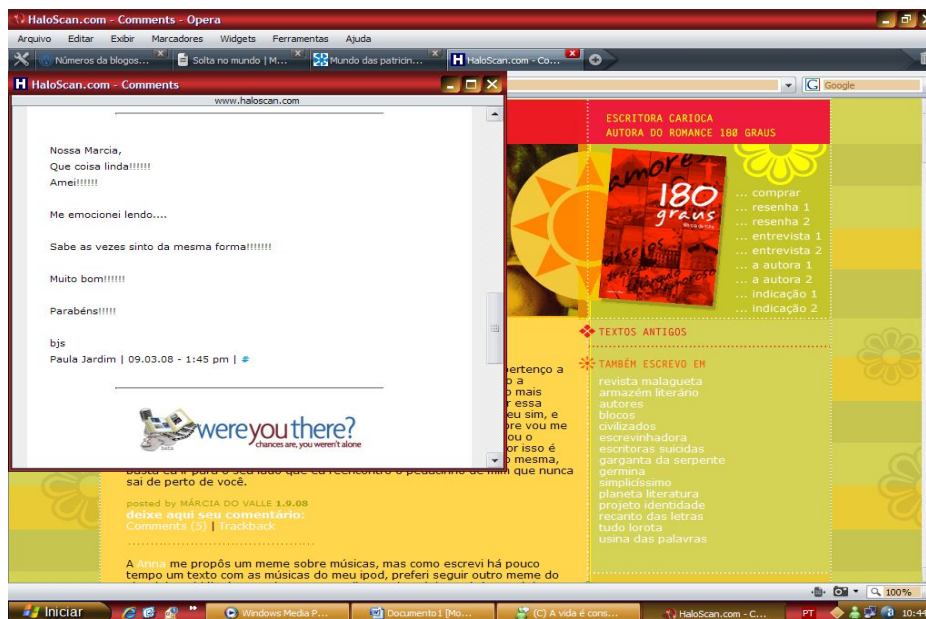


“blogueiro”, inclusive os mais experientes, que tem consciência da infinidade de outros blogs existentes e de que se fazer ver nesse meio tão profuso requer grande esforço na constituição de algo que possa, de alguma forma, atrair público, o segundo dos objetivos elencados em nosso terceiro critério e que, como já comentado anteriormente está intrinsecamente ligado à necessidade de auto-expressão, sendo que todo blogueiro escreve para ser lido e comentado. Para diminuir o efeito dispersivo ocasionado pelo meio tão prolixo da blogosfera, e lograr o intento de “fazer ver e ser visto”, múltiplas são as estratégias utilizadas, que individualmente ligam-se também aos outros objetivos do grupo, como poderemos perceber na análise deste e de outros blogs a seguir.

Nesta primeira tela podemos ver à direita em (1) uma lista de links que, se forem acionados, levam a outras páginas que também contam com a participação da escritora. Clicando em qualquer um deles, abre-se uma nova página, podendo o leitor então conferir seu conteúdo e buscar pelas participações da autora. Dessa forma, alarga-se o campo de visualização na medida em que se obtém vários meios de acessar ao conhecimento dos textos da escritora-blogueira, o que mais uma vez reforça o objetivo de auto-expressão já comentado.

Abaixo do texto central, em (2), podemos ver uma das principais ferramentas do blog: a ferramenta de comentário. Esta ferramenta serve para que qualquer visitante poste um comentário seu sobre o que está escrito no blog. Cada um dos textos é seguido por essa ferramenta, esperando, portanto, que os comentários sejam específicos para cada texto, ensejando assim a participação constante dos leitores.

Relacionando-se isso com os objetivos do grupo, podemos perceber que essa ferramenta promove tanto *o fazer ver e ser visto*, marcando as visitas que queiram deixar comentário, como ao mesmo tempo visa à *validação social*, por ser o número de comentários deixados no blog um dos principais valores visados pela comunidade que também define o *status* e posição hierárquica de um membro a partir do número de comentários deixados. Clicando nessa ferramenta de comentários abre-se uma nova janela reproduzida abaixo:



(Figura 22: comentários do blog solta no mundo.

Fonte: <http://www.soltanomundo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 18/09/2008

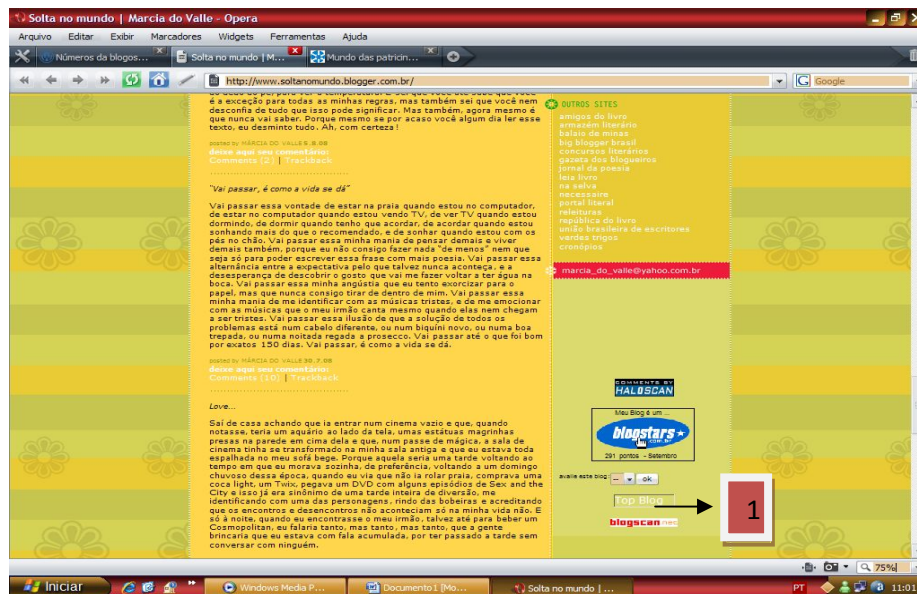
Percebamos que o fato de essa nova janela se abrir em tamanho bem menor que a principal na verdade é uma estratégia discursiva através da qual o blogueiro busca não apenas focalizar a atenção do leitor para seu conteúdo, mas também refrear-lhe uma possível fuga, caso fosse sobreposta a página por outra. Talvez seja por isso que, nessa nova janela, podemos ver um comentário feito por Paula Jardim cujo conteúdo faz elogios ao texto da escritora. A figura nos permite entrever, ainda, que, além do comentário de Paula Jardim, há outros quatro comentários<sup>36</sup> só para o texto deixado pela escritora carioca. Segundo nossa interpretação, o comentário favorável deixado serve como mais uma forma de validação social, já que essa opinião poderá ser visualizada por qualquer visitante do blog.

Descendo um pouco mais na barra de rolagem da página principal podemos ver outras partes interessantes reproduzidas nas duas telas abaixo:

<sup>36</sup> A visualização dos demais comentários faz-se rolando a barra de rolagem demonstrada na figura em questão.



(Figura 23: tela 3 do blog solta no mundo

Fonte: <http://www.soltanomundo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 18/09/2008)

(Figura 24: tela 4 do blog solta no mundo

Fonte: <http://www.soltanomundo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 18/09/2008)

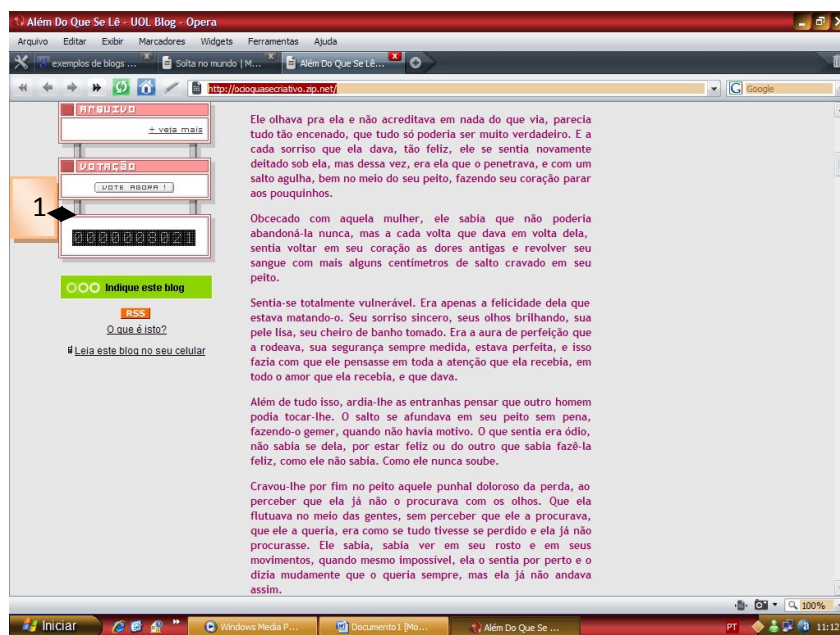
À direita da primeira tela acima em (1) podemos ver mais uma outra característica dos blogs orientada pelos objetivos centrais de um blogueiro: uma lista de blogs amigos. São links para outros blogs que geralmente tem em comum uma mesma temática, ou que ao menos, são escritos por pessoas próximas ao autor(a). Essa lista bem como uma outra menor sobre outros sites encontrada na tela mais

abaixo, tem por princípio básico fazer circular o blog da autora, visto que nos outros blogs, geralmente aparecerá também o blog da autora numa lista semelhante, o que ajuda na formação de *webrings* (círculos de blogs), geralmente orientados por temas afins. Essa lista de links disposta ao lado, também é influência de um duplo objetivo blogueiro. Por um lado serve para validação social, uma vez que quanto mais blogs linkados, mais visibilidade é adquirida, logo mais *status* poderá ser alcançado. Também essa lista cumpre o objetivo de “desenvolver relações” que ajudem a promover a visualização, visitando o blog amigo ou mesmo deixando comentários.

Por último temos a destacar na segunda tela acima a ferramenta de avaliação do blog, vista em (2), em que qualquer visitante pode dar uma nota para o blog visitado elevando assim o blog dentro das listas de blogs com maior pontuação e que pode ser conferida nos links oferecidos pela própria autora: “blogstars” e “top blog”, o que também promove a validação social do blogueiro.

Tudo isso, em conjunto, ameniza a angústia de visibilidade que ao que parece é (ou foi) sentida pela autora o que justifica o próprio nome dado ao blog em análise. Com todos esses links e ferramentas o blog não está mais “solto no mundo”, mas sim participa de uma genuína comunidade discursiva, os blogueiros, coadunando com seus objetivos e inserindo-se em um dos muitos temas possíveis.

Clicando em um dos blogs oferecidos na lista da autora, o blog *além do que se lê*, temos outro exemplo de ferramenta própria de um blog e orientada por essa busca de visualização e validação social: o contador de visitantes, visto em (1) à esquerda na tela reproduzida a seguir.



(Figura 25: blog *s além do que se lê*.  
 Fonte: <http://ocioquasecriativo.zip.net/>. Acesso em: 18/09/2008)

Essa ferramenta contabiliza o número de visitantes que já passaram pelo blog e serve assim como termômetro para quem o escreve, podendo o autor do blog ficar consciente do alcance dos temas propostos. Isso ajuda para promover o blog na medida em que é muito comum agregadores de blogs possuírem listas dos mais visitados, baseando-se nesse tipo de contador.

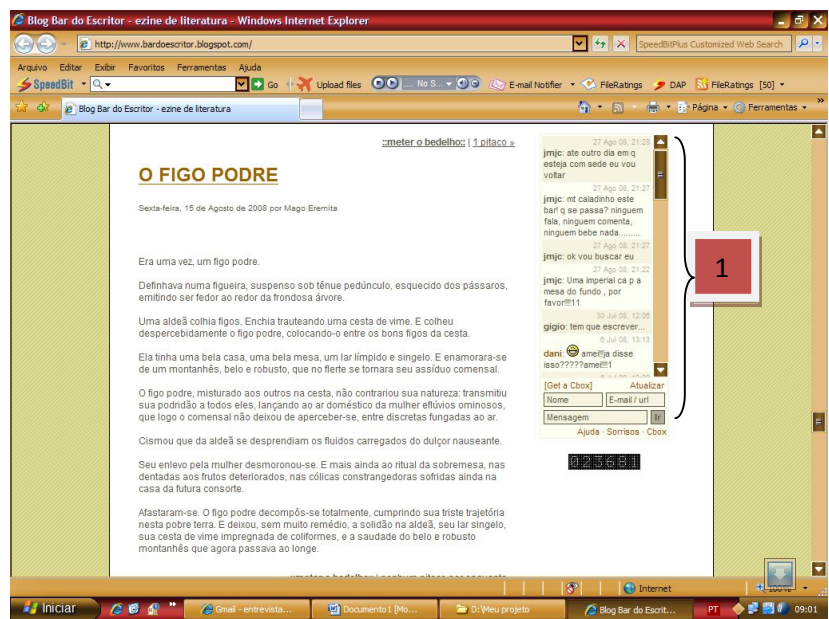
Como se pode perceber todas essas estratégias estão orientadas pelos objetivos centrais do grupo e servem a consecução destes, o que pensamos mais uma vez comprovar a necessidade de interrelacionarem-se esses passos de forma que se possa oferecer uma visão metodologicamente mais bem definida do objeto, divizível apenas do ponto de vista metodológico.

Uma das peculiaridades dos *blogs* é sua capacidade de transmutar outros gêneros que passam a constituir parte de seu plano composicional em casos específicos pelo que acreditamos não invalidar sua constituição como gênero, visto que os *blogs* possuem um padrão próprio já descrito por Marcuschi (2004) e Komesu (2006). Dessa forma analisaremos a seguir o elenco de gêneros, para além dos blogs,

utilizados pela CD blogueira, observando como muitos deles são transmutados pelos *blogs* em casos específicos.

#### 4.5.3. Do elenco de gêneros

Como já dito, os blogs têm uma facilidade, possibilitada por sua evolução tecnológica, de absorver outros gêneros, como podemos perceber nas telas abaixo sumarizadas que nos servirão para nossa discussão ao final do tópico:

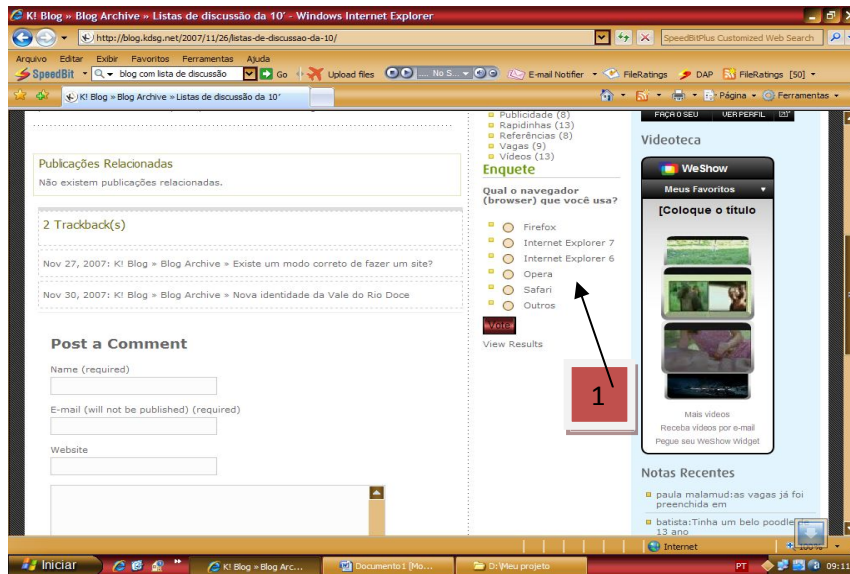


(Figura 26: blog *Bar do escritor*. Fonte: <http://bardoescritor.blogspot.com/>. Acesso em: 20/09/2008)

À direita do texto central em (1) podemos ver um pequeno *chat* que pode ser usado pelos blogueiros para conversas síncronas, utilizando-se inclusive de meios específicos desse gênero como *emoticons* e *nicknames* casuais por exemplo.

Outro gênero muito usado em blogs é a enquete, como visto em (1) no exemplo abaixo:

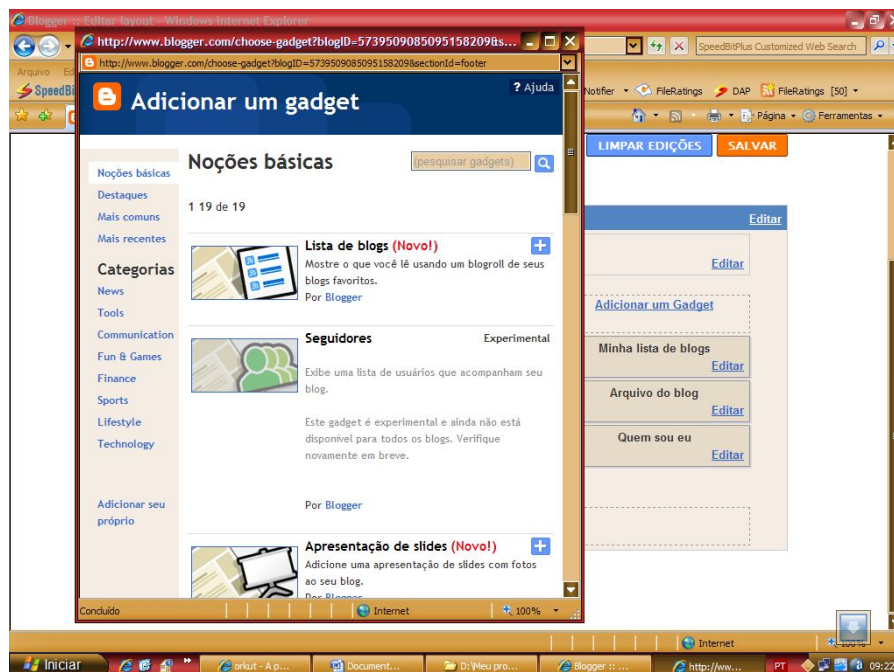




(Figura 27: blog *ki blog*. Fonte: <http://blog.kdsg.net/2007/11/26/listas-de-discussao-da-10/>.

Acesso em: 20/09/2008

O conteúdo para personalizar um blog oferecido pelo hospedador de blogs blogger Brasil ([www.blogger.com.br](http://www.blogger.com.br)) inclui diversos recursos (*gadgets*) que vão desde listas (filmes favoritos, músicas etc), até links para vídeos do youtube, slides feitos pelo autor do blog entre outros.



(Figura 28: recursos (*gadgets*) oferecidos pelo servidor blogger. Fonte: [www.blogger.com.br](http://www.blogger.com.br).

Acesso em: 20/09/2008)

Dessa forma, podemos dizer que praticamente todos os outros gêneros digitais podem figurar, em casos específicos, no plano composicional dos blogs. Contudo, ao contrário do ponto de vista de autores como (PEREIRA, 2007) que defendem a idéia de que essa característica de absorver gêneros faz dos blogs um suporte e não um gênero em si, acreditamos que essa propriedade não invalida o estatuto de gênero dos blogs visto ser uma característica de muitos outros gêneros já consagrados como a carta e o romance (BAKHTIN, 2000), o e-mail (PAIVA, 2004) e o chat (ARAÚJO, 2004), por exemplo.

Basicamente todos os gêneros conhecidos podem absorver e ressignificar, em casos específicos, outros gêneros. Por exemplo, em uma carta, podemos encontrar uma receita, ou uma notícia etc. Contudo, esses outros gêneros, acreditamos, têm seus propósitos comunicativos subordinados ao propósito comunicativo do gênero em que se situam.

Acreditamos que ao contrário do ponto de vista de autores como (PEREIRA, 2007) que defendem a idéia de que essa característica de absorver gêneros faz dos blogs um suporte e não um gênero em si, acreditamos que essa propriedade não invalida o estatuto de gênero dos blogs visto poder ser uma característica de muitos gêneros classificados como secundários (BAKHTIN,[1953] 2000 ) que por serem mais complexos são capazes de transmutar outros gêneros, absorvendo-os, sem contudo perder suas características principais.

Dessa forma, acreditamos que os blogs absorvem gêneros como chas, fóruns e outros com fins restritos, relacionados à consecução de objetivos específicos, subordinados ao propósito maior dos blogs, o que ao final das contas não chega a interferir diretamente no status de gênero dos blogs, uma vez que, como já visto, mantém-se seu propósito comunicativo, e além do mais, como já dito por Marcushci (2005), os blogs possuem história, composição e função próprias que não se confundem com as dos outros gêneros por ele absorvidos.



Em geral, esses gêneros servem aos dois propósitos elencados por Swales como próprios aos mecanismos de participação: o incremento da informação e o feedback, na medida em que ampliam os canais de participação dos membros ao passo que também restringem o conteúdo de informação, devido, sobretudo, às restrições impostas pelo propósito comunicativo específico de cada gênero ou as restrições próprias dos demais mecanismo de participação, que servem assim todos para a manutenção do sistema de crenças e valores do grupo.

#### 4.5.4. Outros mecanismos de participação na CD blogueira

Além dos gêneros existem outros mecanismos que promovem o intercâmbio de informações e a participação dos membros da CD global blogueira. Nesse sentido temos a destacar o papel desempenhado pelo *orkut* e pelos encontros presenciais de blogueiros que passaremos a analisar a seguir.

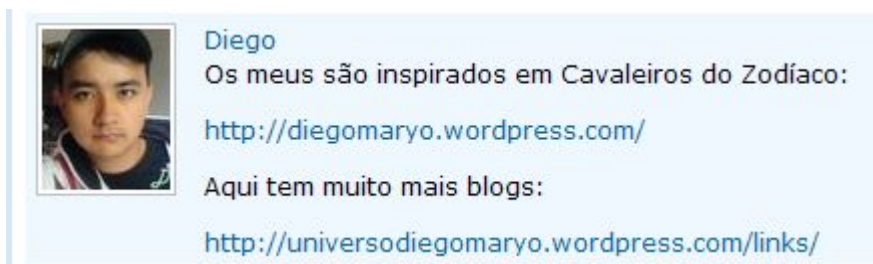
Dentro das diversas comunidades do *Orkut* podemos encontrar várias que tenham *blog* como seu objetivo, quer seja divulgando esse gênero, ou mesmo informando à comunidade eventos e novidades. Como exemplo, vejamos a tela inicial da comunidade “sou blogueiro/sou blogueira:



(Figura.29 Tela inicial de uma comunidade blogueira do *Orkut*. Fonte:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=26008597>. Acesso em: 08/11/08)

Essa comunidade do *Orkut* tem como objetivo promover a integração da comunidade blogueira utilizando um outro meio que, para nós ao menos, não constitui um gênero: o *Orkut*. Podemos perceber em (1) tópicos que visam tanto a divulgação de novidades como o tópico “*templates*”, que visa a divulgar para a comunidade uma nova série de modelos (*templates*) de *blogs* e que também serve para divulgação de *blogs* como no tópico “divulguem seus *blogs*”. Neste tópico qualquer visitante pode deixar um recado no qual promova seu *blog*, inclusive com o *link* como no caso abaixo:



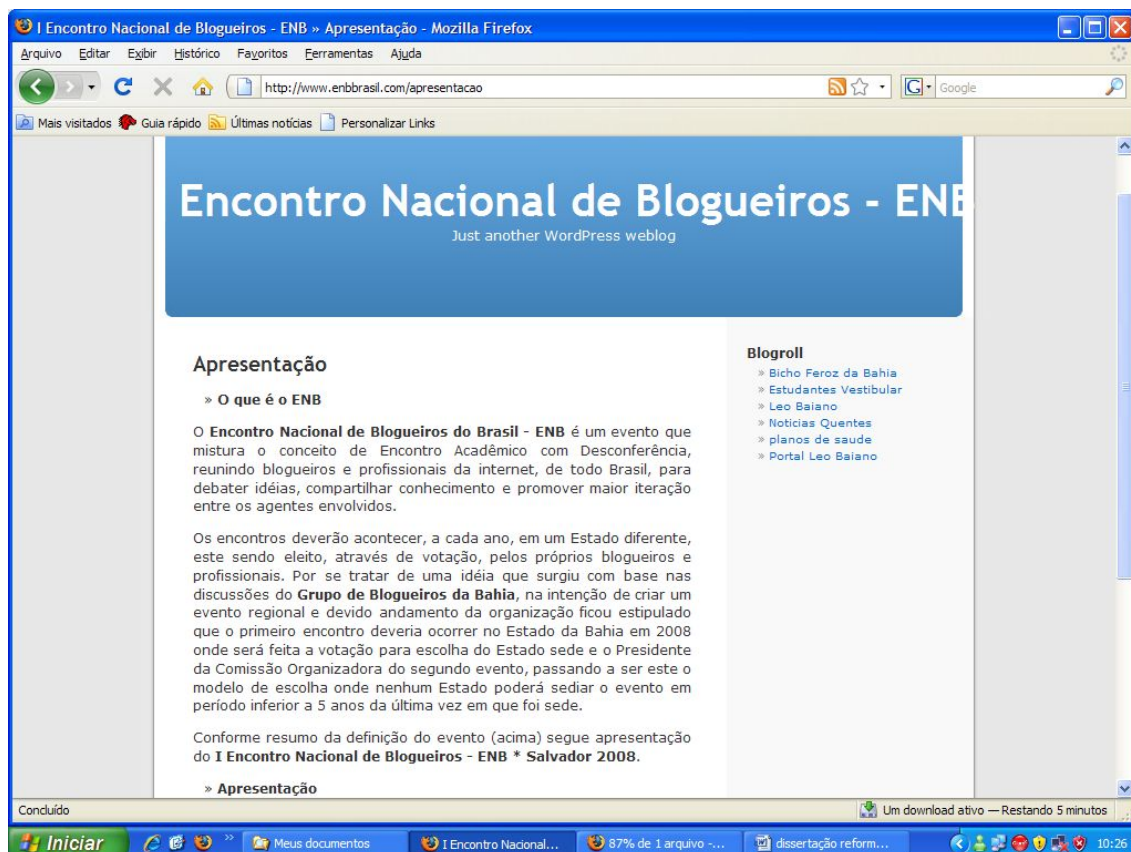
(Figura 30 divulgação de *blog* no *Orkut*. Fonte:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=26008597&tid=2598127703605070683&start=>

1. Acesso em: 08/11/2008)

Veja que essa é mais uma maneira de a comunidade promover seu crescimento e o *feedback* de informações, tal como dito por Swales (1990; 1992) sobre a importância desse tipo de mecanismos para a CD.

Um outro importante mecanismo de participação na CD global blogueira são mais recentemente os encontros de blogueiros realizados por todo o país, tendo inclusive uma primeira edição nacional a ser realizado em Salvador ainda este ano, como demonstra o *post* a seguir do *blog* que procura divulgar esse evento:



(Figura 31 encontro nacional de blogueiros. Fonte: <http://www.enbbrasil.com/apresentacao>. Acesso em: 08/11/2008)

Além deste, outros encontros, mais comumente regionais, foram realizados por praticamente todo o país como: o encontro de blogueiros do rio<sup>37</sup>, de Fortaleza<sup>38</sup>, de Recife<sup>39</sup>, só para citar alguns exemplos.

Esses encontros, da mesma forma que as comunidades do *Orkut* visam o crescimento do grupo e o *feedback* entre os membros, chamando a atenção da sociedade, mesmo os que não os conhecem *online* para a existência dessa comunidade, como já dito, uma das maiores da internet atualmente.

<sup>37</sup> Fonte: <http://blog.fabioseixas.com.br/archives/2007/07/encontro-de-blogueiros-no-rio.html> Acesso em: <08/11/2008.

<sup>38</sup> Fonte: <http://blog.blogueisso.com/2007/08/16/i-encontro-de-blogueiros-de-fortaleza-chamada-geral/>. Acesso em: 08/11/2008.

<sup>39</sup> Fonte: <http://inovavox.com/2008/02/23/i-encontro-de-blogueiros-de-recife/> Acesso em: 08/11/2008.

Como toda comunidade com alguma história, os blogueiros também desenvolveram ao longo de suas interações um vocabulário próprio, que também é um fator decisivo em sua identificação, visto ser, no conjunto, diferente do vocabulário de outras comunidades. No tópico a seguir veremos como esse vocabulário blogueiro, por vezes já chamado de “bloguês” constitui-se em parte como reflexo do meio *internetiano* e em parte como reflexo já da própria história da comunidade, senão vejamos.

#### 4.6. “Vc ja kibou um mème hj usando miguxês?” Do léxico específico dos blogueiros

A frase que dá título para essa sessão é também título de um dos textos do blog intitulado *blogonarium*. Ela é bem representativa das especificidades lexicais da comunidade discursiva blogueira, refletindo, em parte, o meio em que está instaurada a comunidade, a internet, e em parte também fruto de cunhagens próprias de termos bem representativos do grupo, como veremos a diante.

A importância do estudo do léxico para descrição de uma comunidade discursiva está no fato de que ele reflete a especificidade do meio em que ocorrem as interações. Como explica Swales (1990), cada membro, para adquirir um certo grau de conhecimento relevante para sua sobrevivência dentro da comunidade, precisa apropriar-se do léxico que caracteriza o seu grupo social. Nesse sentido, para o estudo do léxico próprio dos blogueiros, e tendo em conta a prolixidade do meio, utilizaremos para essa análise um blog destinado a agrupar os termos próprios dos blogueiros, intitulado *blogonarium*<sup>40</sup>.

A idéia dos organizadores iniciais desse blog é juntar em um só espaço os termos e expressões próprias do meio blogueiro, para isso eles contam com a participação dos próprios membros da comunidade, incentivando a intervenção desses

---

<sup>40</sup> <http://cabanca.net/blog/blogonarium-participe-da-construcao-do-dicionario-sobre-blog/> outro blog com objetivo semelhante é <http://blog.locaweb.com.br/archives/26>. (Acessos em 17/10/2008)

seja enviando sua contribuição através do formulário de **comentários**, ou mesmo, complementando definições de palavras já publicadas.

Dessa forma os organizadores utilizam da própria interatividade proporcionada pelo blog para captar as participações dos membros da comunidade, que podem enviar novas contribuições deixando comentário ou mesmo alterar o texto já publicado.

Até o momento da construção de nosso *corpus*, este blog já contava com 34 verbetes na tela principal mais outros tantos deixados em comentários. Essa é uma maneira encontrada pela própria comunidade para manter atualizados seus próprios membros em função das rápidas inovações surgidas na blogosfera. Interessante aqui é observar o comentário a esse respeito deixado por uma blogueira nessa mesma página, vejamos na tela abaixo reproduzida:



(Figura 32. Comentário 1 ao blogonarium.

Fonte: <http://cabianca.net/blog/blogonarium-participe-da-construcao-do-dicionario-sobre-blog/>.  
 Acesso em: 02/10/2008)

O comentário de Fabíola Mello vem justamente ao encontro do que íamos comentando até aqui, ou seja, o blogueiro utiliza-se da própria estrutura voltada para a rápida atualização e interatividade proporcionadas pelo gênero e cumpre dois objetivos interrelacionados: promove a ascensão de membros neófitos pondo-os a par das especificidades do grupo, ao mesmo tempo em que deixam atualizados os membros mais experientes mantendo assim seu *status*, que poderia rapidamente degradingar tal as mudanças rápidas que acontecem na blogosfera.

Analisando os 34 verbetes e levando-se em conta também ao máximo nossa observação de campo em outros blogs, podemos definir três tipos de léxico que em conjunto formam o léxico blogueiro: um léxico mais geral da internet, alguns termos de uso mais geral, mas que são ressignificados no meio blogueiro e termos próprios da comunidade, todos comentados a seguir:

#### 4.6.1. Do léxico internetês

Embora cada vez mais os blogs tenham se notabilizado por uma escrita mais de acordo com o padrão gramatical da Língua Portuguesa, muitos ainda apresentam uso do chamado internetês, variação lingüística muito usual no ciberespaço e caracterizada por algumas características próprias já definidas por pesquisadores lingüistas como Araújo (2008a;b) e Komesu (2008). Dentre as características apontadas por estes pesquisadores, aqui sumarizados, temos a destacar as seguintes:

- Uso de abreviações que em sua origem está ligada à tentativa de agilizar a interação:  
Ex. Vc = você ; hj = hoje etc.
- Aglutinações: Ex. tadoro = te adoro; koe = qual é
- Alongamentos vocálicos que visam à expressão emotiva.  
Ex. Te adooooo!!!!;
- Troca do acento agudo por “h”. Ex. jah = já; estah = está

Uma vertente do internetês cada vez mais encontrada no meio virtual e também usada por alguns blogueiros é o chamado miguxês. Segundo a Wikipédia essa nova variação do internetês caracteriza-se por:

- Substituição de *s* e *c* por *x*, simulando a palatização da fala infantil: *você, vocês* > *vuxeh vuxeix*;
- Omissão de diacríticos, ou sua substituição, em alguns casos, pela letra *h* (acento agudo) ou *n/m* (til): *será, árvore, não* > *serah, arvore, nawn/naum*
- Substituição de *i* por *ee*, por influência da língua inglesa: *gatinha* > *gateenha*;
- Substituição de *o* ou *e* por *u* e *i*, em especialmente em sílabas não-tônicas: *quero* > *keru*.
- Substituição do dígrafo *qu* e da letra *c* por *k*, e de *u* não-silábico por *w*: *quem, escreveu* > *kem, ixkrewev*

(Fonte: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Migux%C3%AAs>>)

Um *post* muito *sui generis* que pode exemplificar o uso do miguxês é o encontrado no blog Gabriel Meissner, nele o autor fez uma “tradução” de um trecho

da obra *Além do bem e do Mal* de Nietzsche para o tipo de escrita online, mostrando o que seria uma evolução, senão vejamos:

Veja só este trecho do livro *Além do bem e do mal*, de Nietzsche:

O sancta simplicitas! Em que curiosa simplificação e falsificação vive o homem! Impossível se maravilhar o bastante, quando se abrem os olhos para esse prodígio! Como tornamos tudo claro, livre, leve e simples à nossa volta! Como soubemos dar a nossos sentidos um passe livre para tudo que é superficial, e a nosso pensamento um divino desejo de saltos caprichosos e pseudoconclusões!

Quem raios pode entender isto hoje em dia?! Vamos ver como ele ficaria em miguxês arcaico:

o sancta simplicitas!! em q curiosa simplificacao e falsificacao vive o homem!! impossivel se maravilhar o bastante, qdo se abrem os olhos pra esse prodigio!! como tornamos tudo claro, livre, leve e simples a nossa volta!! como soubemos dar a nossos sentidos 1 passe livre pra tudo q eh superficial, e a nosso pensamento 1 divino desejo de saltos caprichosos e pseudoconclusoes!!

Muito melhor, não? E fica ainda melhor escrito em muguxês moderno:

u sancta simplicitas!!!! em ke kurioza simplificassaum i falsificassaum vivi u homem!!!! impossiveu c maravilhah u bastanti...qdu c abrem us olhus p essi prodigiu!!!! komu tornamus tudu klaru...livre...levi i simples a nossa volta!!!! komu sobemus dah a nossus sentidus 1 passi livre p tudu ke eh superficiau...i a nosso pensamentu 1 divinu diseju d saltus kaprixosus i pseudoconclusoes!!!!

Mas insuperável mesmo é a sua versão em neo-miguxês:

u SANCTAh SimPliciTAXXx!!!! EM KI KuriozaH sImPliFiCaXXAUM I faLSiFICAXXAuM VivI U homem!!!! ImPoXXivEu Si marAVILHah U BAstANTi...QDU sI ABreM UxXx olHuxXx pRAH eXXI pRodIgiU!!!! KOMU tOrNamuxXx TUDU KlARu...LIVre...Levi I SiMpLEXXx a NOXXAh VoLTAH!!!! KoMu sobeMuxXx dAH a NOXXuxXx SeNtiDuxXx 1 pAXXi LIVrE prAh TUdU ki Eh suPerficIAu...i A NoXXOH pEnSAMENTU 1 DiViNu DiIsejU Di SaltuxXx KaPRixXxoSUXXx i pSeuDoConCLUseXx!!!!

(Figura 33 – Nietzsche em miguxês.

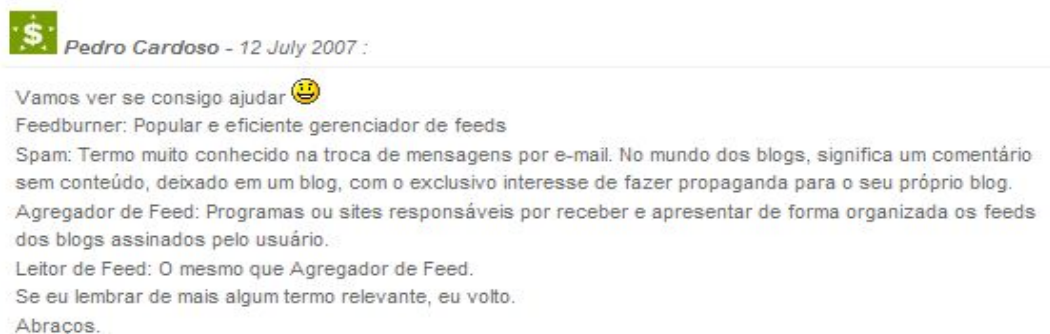
Fonte: <<http://gabriel-meissner.blogspot.com/2008/08/nietzsche-em-miguxs.html>>

Acesso em: 18/10/2008)

Nesse interessantíssimo *post*, podemos ver a “evolução” do internetês (miguxês arcaico e moderno) para o que ele chama de miguxês pós-moderno. Tem-se ainda a ressaltar o tom irônico do autor ao perguntar “quem entenderia uma coisa dessas?”, aliás, como já mencionado tanto o internetês como o miguxês, sobretudo, são hoje em dia cada vez menos encontrados nos blogs que se têm notabilizado pelo uso maior da variação padrão. Tendo em conta, por exemplo, apenas nosso *corpus* podemos perceber que a grande maioria utiliza a variante padrão da língua, sendo encontrados, raríssimos casos de uso de outras variantes como o internetês ou miguxês por exemplo.

#### 4.6.2. A resignificação de termos gerais da internet

Também podemos encontrar termos de uso geral que quando usados no meio blogueiro adquirem um significado especial como demonstra o comentário de Pedro Cardoso abaixo:



(Figura 34 – segundo exemplo de comentário ao blogonarium. <http://cabanca.net/blog/blogonarium-participe-da-construcao-do-dicionario-sobre-blog/>. Acesso em: 02/10/2008)

O termo *spam*, conforme explicação do blogueiro acima, não é bem propriamente do meio específico dos blogueiros, pois está mais ligado à troca de e-mails, sendo que nesse caso *spam* é tido como qualquer e-mail que seja destinado a muitos destinatários ao mesmo tempo com conteúdo propagandístico em geral. No contexto das práticas na comunidade blogueira, no entanto, este termo é resignificado como “um comentário sem conteúdo, deixado em um blog, com o exclusivo interesse de fazer propaganda para o seu próprio blog.”



Vemos aí mais uma vez a realização do objetivo máximo de um blogueiro, o fazer ver-se, ainda que seja utilizando-se para isso de meios não bem reconhecidos pela comunidade, como meros comentários vazios de importância. Isso por que o que um blogueiro espera de um comentário é a valorização de seu próprio texto, o compartilhamento de idéias semelhantes que o levem a um reconhecimento dentro do grupo, como já comentado anteriormente.

Outro termo de origem diversa é “même”. Vejamos a explicação da Wikipédia para a origem desse termo:



(Figura 35: definição de même na Wikipédia.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>. Acesso em: 03/10/2008)

De acordo com a figura, même é outro termo que tem origem bem diversa daquela que passou a ser a oficial entre os blogueiros, pois ganhou dentro desse novo contexto um significado especial aliado aos círculos de blogs que fazem circular *post* com idéias semelhantes. Essa é mais uma forma encontrada pelos membros de fazer circular suas idéias, trazendo visibilidade maior para se blog.

Além desses, podemos dizer que termos como “comentário” e “post”, por exemplo, também não podem ser ditos específicos dos blogueiros por serem encontrados em diversos outros grupos da internet. Contudo, podemos dizer que no contexto blogueiro estes termos ganham uma importância tão relevante em suas interações que, podemos dizer, assumem um sentido mais especial, uma carga semântica maior que acreditamos, ainda sem que possamos demonstrar com um exemplo propício, que esses termos têm designação especial para essa comunidade.

#### 4.6.3. Os termos específicos dos blogueiros

Além desses dois tipos já comentados, a comunidade blogueira apresenta termos próprios que traduzem seus contextos de interação, ainda que muitos já estejam alargando seus usos, passando a serem utilizados por outras comunidades. A grande maioria dos termos encontrado em nosso *corpus* são compostos a partir do próprio termo “blog”, o que, mais uma vez, prova a centralidade desse gênero para a comunidade. Assim temos, por exemplo,

:: Blogagem Coletiva ::

Contribuição de **Poliane Latta**: Blogar em coletividade, ou seja, vários blogs se juntam para falar do mesmo tema no mesmo dia!

:: BlogBlogs ::

Contribuição de **Kaká**: rank de blogs brasileiros.

:: Blogosfera ::

Contribuição de **Wagner Fontoura**: Blogosfera, numa definição bastante sintetizada, seria a grande rede social (ou grande comunidade) formada pelos blogs (weblogs) das mais diversas naturezas.

:: Problogger ::

Contribuição de **Manoel Netto**: Pessoa que vive dos rendimentos obtidos com seus textos em blogs. É considerado problogger todo aquele que trata o blog como um negócio e/ou dele se sustenta.

:: Blogroll ::

Contribuição de **Alex**: área reservada em um blog onde é colocada uma lista de links favoritos e recomendados pelo autor como forma de divulgação de preferências de leitura e de publicidade de blogs parceiros ou não.

:: Blogverso ::

Contribuição de **Rafael Reinehr**: termo cunhado pela blogueira Maria Elisa Guimarães para definir o Universo Blogueiro e tudo que diz respeito a ele. É utilizado em substituição à Blogosfera, termo adaptado do inglês “blogosphere”, e é termo genuinamente brasileiro.

(Figura 36 – verbetes com Raí “blog” no blogonarium. Fonte: <<http://cabanca.net/blog/blogonarium-participe-da-construcao-do-dicionario-sobre-blog/>>. Acesso em: 02/10/2008)

Outro termo específico da comunidade e de origem bastante interessante é o verbo “kibar” que significa *plagiar, copiar*, e tem origem no título de um blog chamado “kibe loco<sup>41</sup>” que se notabilizou em copiar *posts* de outros blogs sem dar-lhes o devido crédito<sup>42</sup>. Contudo, esse termo já ultrapassou as fronteiras próprias desse grupo e, pouco a pouco, já está tornando-se um termo mais geral usado por diversos outros grupos da Internet.

Dessa forma podemos concluir que os blogueiros por situarem-se no ciberespaço refletem em seu léxico em parte esse contexto maior através do uso de termos mais gerais. Ao mesmo tempo, ao absorver alguns desses termos ressignificamos ao seu próprio contexto de interação enquanto que cunha termos específicos que também por situarem-se num contexto maior, o ciberespaço, passam a ser utilizados por outros grupos também.

Por fim, como último dos critérios para a caracterização de uma comunidade global, falaremos a seguir sobre a hierarquia dos blogueiros, tendo em conta que o léxico, como já dito ocupa também relevância no aspecto hierárquico do grupo, uma vez que seu conhecimento faz parte tanto do processo de admissão de um novo membro como do *status* do membro dentro do grupo.

#### **4.7. “O que é mais fácil: ser guru da blogosfera ou subir o monte Everest?”: a estrutura hierárquica da CD global blogueira.**

Swales (1992) define que uma CD tem uma estrutura hierárquica implícita ou explícita que conduz os processos de admissão e ascensão dentro da comunidade discursiva. Trazendo essa discussão para nosso objeto de estudo vemos que no caso da comunidade global dos blogueiros não há uma hierarquia explícita, visto não haver qualquer indício de regulamentação sobre admissão ou ascensão dos membros. Dessa forma, toda a estrutura hierárquica dessa comunidade global estabelece-se

---

<sup>41</sup> <http://kibeloco.blogspot.com/>

<sup>42</sup> Fonte: <<http://serfranco.blogspot.com/2008/05/origem-do-termo-kibar.html>>

implicitamente, embora esteja claro para qualquer blogueiro, mesmo iniciante, o peso dessa hierarquia tanto na iniciação como na ascensão dentro da comunidade.

Na página *blosque.com* há uma tentativa de um blogueiro de estabelecimento de uma pirâmide hierárquica entre os membros da comunidade, vejamos abaixo a tal pirâmide e os comentários deixados a ela por seu mentor para que possamos tecer nossos próprios comentários:



(Figura 37. Pirâmide hierárquica dos blogs.

Fonte: <<http://blosque.com/2008/01/hierarquia-dos-blogs-e-estagnacao.html>> Acesso em: 17/09/2008)

Como pode-se perceber a pirâmide social do grupo, tal como imaginada pelo blogueiros, compõe de quatro classes comentadas a seguir.

A **base** é composta pelo que ele nomeia de “blogueiros” cuja definição mostramos subsequetemente:

**Blogueiro** - Qualquer um que tem um blog. Mas sobretudo quem está começando, quem ainda é desconhecido ou conhecido por uns poucos; blogs obscuros, de visitação restrita e comentários mais ainda.

Aqui se incluem também todos os que não estão preocupados com nada mais que escrever, os que não levam o blog à sério, os que levam à sério mas ainda não chegaram à lugar nenhum, e vários etcéteras.

(Figura38.Hierarquia dos blogs 1.

Fonte: <<http://blosque.com/2008/01/hierarquia-dos-blogs-e-estagnacao.html>> Acesso em: 17/09/2008

A designação “blogueiro”, para os que compõem a base, não pensamos estar bem de acordo com o senso comum, para o qual este termo costuma designar a totalidade da comunidade e não uma subdivisão dessa. Dessa forma, procuramos utilizar outros termos que reflitam melhor o entendimento de blogueiro para a

comunidade e dêem mais a entender o caráter de principiante com os quais se identificam os que compõe a base da pirâmide, como por exemplo, neófito ou mesmo iniciante. É importante salientar que não é qualquer um que crie um blog que passa a integrar essa base, é preciso que se cumpra o processo de admissão já comentado anteriormente para que um membro passe a figurar na base da pirâmide.

O segundo degrau da pirâmide é composto pelos “estabelecidos”, conforme explicação que se segue:

**Estabelecido** - Quem já conseguiu estabelecer seu blog; tem um número razoável de visitas diárias, comentários e inbound links.

Conta com um número também razoável de leitores fiéis, seu nome/nome do blog é mais ou menos conhecido pela blogosfera afora, e já tem uma boa quantidade de conteúdo publicado.

(Figura 39. Hierarquia dos blogs 2.

Fonte: <<http://blosque.com/2008/01/hierarquia-dos-blogs-e-estagnacao.html>> Acesso em: 17/09/2008)

Nesse caso, compõem esse degrau aqueles que, sobretudo, não sucumbiram às dificuldades em encontrar visualização nesse meio tão profuso de ideais. Aqueles que já conseguiram um “nicho”, apresentando links que o conectem com mais pessoas da comunidade, que têm uma certa visitação em seu(s) blog(s) e recebem comentários sobre suas postagens. Segundo os dados aqui em análise, como veremos mais adiante, apesar do esforço necessário, não é tão difícil chegar a esse patamar, bastando para isso perseverança e dedicação à causa.

O terceiro patamar é ocupado por um grupo já mais seleto, os chamados “reconhecidos”. Para compreendermos o sentido desse termo na comunidade, observemos a figura abaixo:

**Reconhecido** - Aqui temos os blogueiros famosos, gente que já está na estrada há algum tempo. Suas visitas diárias se contam aos milhares (às vezes, dezenas de milhares).

Recebem MUITOS comentários e tem MUITOS assinantes de feed; gente que é referência dentro da sua área, e que recebe uma enorme quantidade de links. São aqueles que “chegaram lá”, digamos.

(Figura 40. Hierarquia dos blogs 3 Fonte: <<http://blosque.com/2008/01/hierarquia-dos-blogs-e-estagnacao.html>> Acesso em: 17/09/2008)

Aqui tomam parte os casos de blogs que já figuram nas listas dos mais visitados ou comentados, blogs que já adquiriram um *status* de modelos e têm reconhecimento dentro da própria comunidade. Chegar a esse nível, como veremos adiante, é visto como muito difícil pelos próprios membros o que torna esses “blogueiros” exemplos a serem seguidos, tanto em termos de construção de seus blogs como até mesmo em sugestão de temas.

O mais elevado patamar é o de “guru”, cuja definição é tão jocosa quanto quase tudo na blogosfera:

Guru - Bem, a não ser que você seja o **Interney** ou o **mestre Inagaki**, você não se encaixa nesta categoria. 😊

(Figura 41. Hierarquia dos blogs 4

Fonte: <<http://blosque.com/2008/01/hierarquia-dos-blogs-e-estagnacao.html>> Acesso em: 17/09/2008)

Este patamar chega a ser tão elevado que é visto como impossível a um iniciante atingi-lo. Os membros citados figuram quase sempre como os blogs mais visitados do país e são tidos quase como modelos máximos a ser seguidos mesmo pelos que já atingiram patamares mais altos como o próprio blogueiro que sugeriu essa pirâmide.

Como se pode perceber, a escalada da pirâmide social dos blogueiros está sujeita e orientada, sobretudo, pelo objetivo principal de um blogueiro, o “fazer ver e ser visto” já comentado em nossa análise sobre os objetivos da comunidade. Como já dito, esse objetivo é, em si, tão forte para essa comunidade que orienta praticamente tudo em relação ao comportamento, escolhas e valores dos seus membros.

A ascensão dentro da comunidade se dá então pelo processo de reconhecimento do blog. Quanto mais visitas, quanto mais comentários, mais links, mais visibilidade e, portanto, mais *status* para o criador do blog. Contudo, como mesmo reconhece o autor do texto visto acima em uma outra parte de sua página, esse processo é difícil, veja um recorte de sua página na tela abaixo:





(Figura 42. A difícil escalada dos blogs

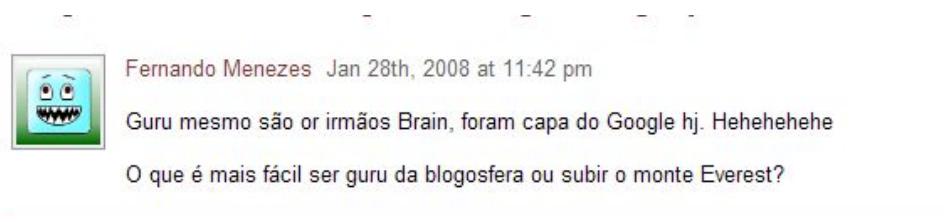
Fonte: <<http://blosque.com/2008/01/hierarquia-dos-blogs-e-estagnacao.html>> Acesso em: 17/09/2008)

Como se pode perceber a ascensão dentro do grupo é vista como uma “escalada difícil” representada à esquerda por uma figura de um alpinista escalando um terreno bastante íngreme. Acreditamos que, de fato essa é uma boa representação da visão de um neófito ao tentar entrar para a comunidade. Isso se dá, sobretudo, pelo fato de que, em geral, os que se iniciam como blogueiros são pessoas comuns sem muita noção de *marketing* ou *webdesign*, o que torna a aprendizagem sobre as rotinas e expectativas dentro do grupo mais penosas, gerando muitas vezes um alto grau de desistência. Segundo o próprio autor do texto acima “A maioria dos blogs nunca sai desse lugar; seja porque são abandonados e morrem aí, ou por falta de competência.”

Vale salientar que essa dificuldade não parece ser sentida somente pelos neófitos, mais sim, até mesmo por membros experientes, já que a cada nova etapa, novos desafios são lançados, gerando sempre a necessidade de mudanças e contínuo

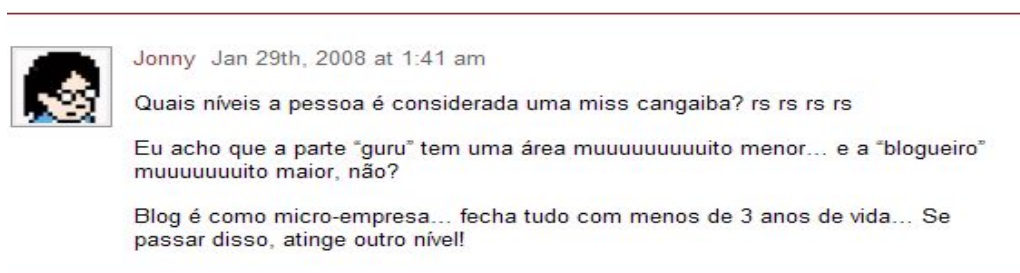
esforço para que o blog não caia na “estagnação” que parece ser tão temida por quem mais que tudo quer “fazer-se ver e ser visto” por cada vez mais pessoas.

Abaixo do texto aqui analisado, foram deixados vários comentários por outros blogueiros o que é sempre natural, já que o desejo de partilhar as idéias está imbuído nos valores próprios da comunidade como já visto. Em geral os comentários parecem concordar, com a visão do autor, como o tecido por Fernando Menezes, abaixo:



(Figura 43 – Comentário 1 no blog: Blosque.com. Fonte: <http://blosque.com/2008/01/hierarquia-dos-blogs-e-estagnacao.html>. acesso em: 15/10/2008)

A pergunta: “*O que é mais fácil ser guru da blogosfera ou subir o monte Everest?*” parece mesmo resumir a idéia geral dos blogueiros sobre a dificuldade de ascensão no grupo. Outro comentário, abaixo, da idéia também sobre a consciência sobre a disposição hierárquica dos blogueiros, senão vejamos:



(Figura 44 – Comentário 2 no blog: Blosque.com. Fonte: <http://blosque.com/2008/01/hierarquia-dos-blogs-e-estagnacao.html>. acesso em: 15/10/2008)

De fato, pelos próprios comentários postados pelos blogueiros, pode-se perceber que o número dos que alcançam o nível mais alto (guru) é muito pequeno e o que requereria uma disposição bastante diferenciada da pirâmide nesse sentido. Outro questionamento levantado à pirâmide está no comentário abaixo:





Ale Rocha Jan 29th, 2008 at 12:54 pm

Nospheratt, minha dúvida está no nível "estabelecido". Quantas visitas diárias, em média, determinariam um blog neste estágio? E, no caso de blogs monetizados, qual seria a média mensal de rendimentos?

Parabéns pelo artigo.

(Figura 45 – Comentário 3 no blog: Blosque.com. Fonte: <http://blosque.com/2008/01/hierarquia-dos-blogs-e-estagnacao.html>. acesso em: 15/10/2008)

De fato, a dúvida parece ser justificável, já que é difícil medir essa ascensão pelo número de visitas e comentários no blog. Consciente desses problemas a autora do texto se justifica:



Nospheratt Jan 29th, 2008 at 2:56 pm

**Ostrock:** Isso te dá muita tranquilidade, não?

**Jonny:** Miss Cangaíba é a partir do reconhecimento, creio eu. 😊

E sim, as proporções da pirâmide não estão "anatomicamente corretas". No topo deveriam caber só uns 2 gurus, e na base porrilhões. 😊

É isso aí, amigo. Desiste e fracassarás. 😊

**Ale Rocha:** Eu diria que no mínimo, 1000 únicos por dia - a partir daí é possível considerar-se estabelecido; mas é preciso levar em conta o resto dos critérios que expliquei ali.

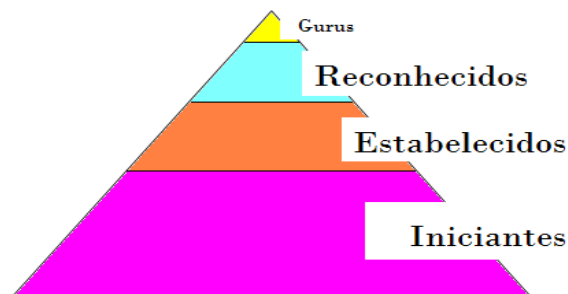
A questão monetária é difícil de quantificar, pois varia MUITO segundo o tópico do blog. Acho que nesse estágio você ganha "alguma coisa", que pode ir desde uns poucos dólares por mês, até uma graninha pra torrar nos fins de semana. Mas isso é pura especulação.

E te recomendo ler a resposta que o Fernando indicou, lá tem outros pontos de vista sobre isso. 😊

(Figura 46 – Comentário 4 no blog: Blosque.com. Fonte: <http://blosque.com/2008/01/hierarquia-dos-blogs-e-estagnacao.html>. acesso em: 15/10/2008)

Acreditamos que estabelecer um número exato para a posição de um (blog)ueiro nesse ou naquele degrau não é viável. E de fato, como já reconheceu a própria autora, a disposição da pirâmide não está bem de acordo com o *estado* da blogosfera. Isso tudo, nos faz, reconhecendo o pioneirismo e a boa idéia sugerida pela

autora, propomos uma reestruturação dessa pirâmide com base nas intervenções dos outros blogueiros ao modelo primeiramente proposto, na figura abaixo:



(Figura 47 – Realinhamento da pirâmide hierárquica blogueira)

Como se pôde perceber, a hierarquia blogueira é relativa ao grau de visibilidade conquistado pelo blog. Mais uma vez percebe-se a influência dos objetivos da comunidade nos demais elementos característicos do grupo. São os objetivos que moldam os gêneros utilizados, que conduzem o processo de admissão, que estabelecem os valores e normas do grupo e que definem a hierarquia entre os membros.

#### 4.8. Sumarizando as discussões

Como conclusão, podemos perceber que de fato os blogueiros podem ser caracterizados como uma comunidade discursiva. Contudo, pode-se perguntar: será que todos que se enquadram nessa perspectiva apresentam no conjunto todos esses mesmos elementos? Acreditamos, na verdade, que existam múltiplos sub-grupos inseridos na comunidade global blogueira, cada um necessitando descrições mais específicas nas quais devam ser cruzados essas características gerais da CD global com características de comunidades orientadas por uma especificação dos objetivos gerais da CD blogueira, de forma a termos uma visão mais pormenorizada das comunidades pesquisadas.

Dessa forma, seguiremos com a análise de uma CD local pertencente à CD global blogueira: o “bar do escritor”. É importante frisar novamente que aplicaremos os mesmos critérios para descrição da CD local, cruzando ao final seus resultados com

os obtidos na análise da CD global de forma a termos um apanhado do que seja comum e do que seja específico à CD local.

## *Capítulo 5*

### *A comunidade local “Bar do Escritor”*

---

*Uma mesa de bar onde escritores famosos, anônimos, publicados, impublished e impublisháveis trocam impressões sobre textos dos colegas e de outros escrevinhadores.  
(post inaugural do blog bar do escritor. 27/12/2006.  
Disponível em: <  
[http://bardoescritor.blogspot.com/2006\\_12\\_01\\_archive.html](http://bardoescritor.blogspot.com/2006_12_01_archive.html)>)*

Como já explicitado em nosso capítulo de fundamentação teórica, uma comunidade global pode ser formada de múltiplos sub-grupos a que denominamos comunidades local. Estes grupos estão ligados uns aos outros no tocante a objetivos, gêneros e léxico em comum. No caso em questão a comunidade “bar do escritor” forma parte da comunidade global dos blogueiros uma vez que se identifica com o grupo maior tanto em termos de objetivos como gêneros e léxico. Contudo, como já comentado anteriormente, uma comunidade local possui especificidades no tocante a sua constituição que a torna diferente de outras também pertencentes a uma mesma comunidade global, e é a partir dessas especificidades que julgamos necessária essa separação metodológica. A partir de agora, esperamos juntar dados empíricos que nos dêem sustentação naquilo que temos comentado teoricamente, analisando, como já comentado, a estrutura da comunidade de lugar “bar do escritor”.

#### **5.1. “o bar está aberto”: do contexto da comunidade local**

Em entrevista realizada com seu organizador Giovani Iemini ele conta que o: “Bar do escritor (doravante BDE)” na verdade surgiu inicialmente como uma

comunidade do Orkut<sup>43</sup> que data de 3 de agosto de 2005 e que em setembro de 2008 já contava com 2.550 membros. Ainda segundo o autor, sua intenção inicial era

criticar *escrevinhadores* da *internerd* que se achavam a última maravilha da arte, para pessoas como eu, que acho que sempre posso crescer e a melhor maneira de fazer isso é recebendo críticas. (anexo 1)

Abaixo temos a tela inicial da comunidade no Orkut:

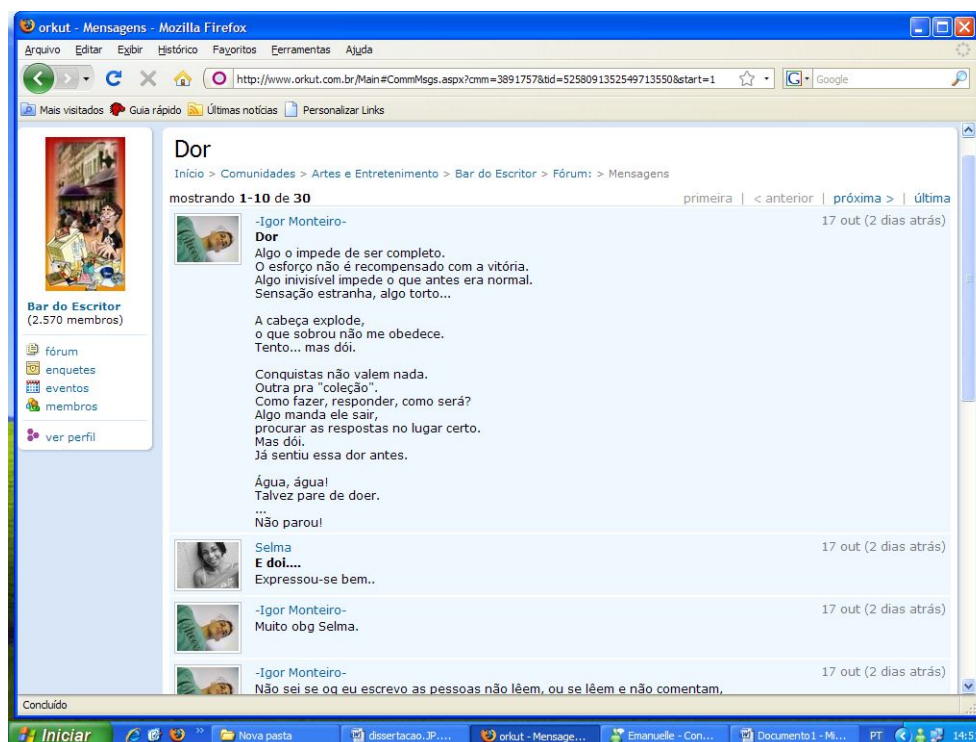


(Figura 48 – Orkut do “bar do escritor”. Fonte:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=3891757>. Acesso: 19/10/2008)

Para participar é simples, basta enviar um pedido para os organizadores clicando em participar (1). Cada membro pode postar seus textos na sessão fórum (2), nela ficará o texto disponível para as críticas como visto na tela abaixo:

<sup>43</sup> <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=3891757>



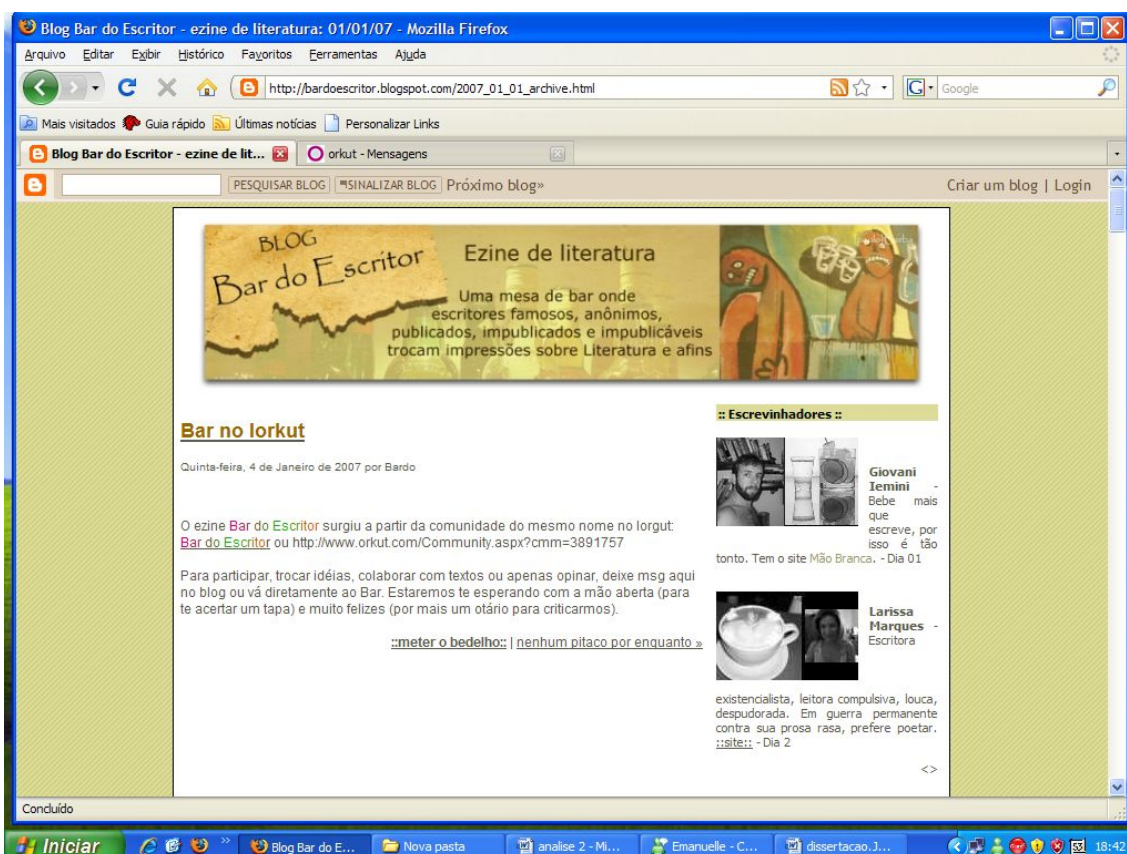
(Figura 49 – Fórum do Orkut do “bar do escritor” – Fonte: < <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=3891757&tid=5258091352549713550>>. Acesso em : 17/10/2008)

Nesta tela vemos o texto publicado pelo membro Igor Monteiro, abaixo dele seguem-se os comentários deixados pelos outros membros a respeito do texto como se pode perceber com a intervenção de Selma. Dessa forma os membros interagem criticando os textos uns dos outros, objetivo maior da comunidade, como veremos adiante.

A decisão por criar um blog para essa comunidade, segundo o autor, era organizar “os textos do fórum no orkut que eu achava mais legais”. Contudo, ao correr do tempo, isso deixou de acontecer e hoje a participação na comunidade dá-se por ambos, sendo hoje em dia o *blog* o gênero e mecanismos de participação central para esta CD local.

**5.2. “ Para participar, trocar idéias, claborar com textos ou apenas opinar, deixe msg aqui no blog ou vá diretamente ao Bar”: do processo de admissão.**

Hoje a participação na comunidade dá-se sobretudo através do *blog*, como demonstra a tela a seguir:



(Figura 50 – post 2 do blog “bar do escritor”. Fonte: [http://bardoescriptor.blogspot.com/2007\\_01\\_01\\_archive.html](http://bardoescriptor.blogspot.com/2007_01_01_archive.html). Acesso em: 17/10/2008)

Chamamos a atenção novamente para a importância do letramento no processo de admissão em uma CD. Nesse caso além do letramento digital, comum para qualquer membro da CD global blogueira, que possibilite postar um texto ou comentar algo já postado, o membro tem de possuir também um letramento específico à essa CD local que o possibilite entre outras coisas, ler criticamente um texto avaliando-o do ponto de vista literário ou mesmo produzindo um texto próprio.

Como visto a entrada na comunidade é bastante simples optando o interessado em utilizar o *blog* ou o *Orkut* para isso. É possível que por isso alguém veja uma certa



dubiedade em relação a caracterização dessa comunidade, seria o BDE uma comunidade do *Orkut* ou uma comunidade blogueira?

Acreditamos que por partilhar dos valores e objetivos dos blogueiros esta comunidade deve ser enquadrada como uma comunidade local blogueira, sendo o *Orkut*, o *Blog* e um site, mecanismos de participação da comunidade que procura com isso estender seu campo de visibilidade, atitude muito comum no meio *internetiano*. O próprio costume de comentar *posts* deixados que havia ainda no *Orkut* parece validar ainda mais essa nossa opinião já que esse comportamento é bem típico da comunidade blogueira e não das que fazem parte do *Orkut*.

Em entrevista concedida a nós via *email*, uma membro, Lena Casas Nova, do grupo relatou seu processo de admissão, vejamos um pouco o que ela nos disse:

Conheci a comunidade do Bar do Escritor através de “fã” que mais tarde tornou-se um amigo virtual. Como tinha uma pagina só de poesias na internet, muitos admiradores entravam em contato comigo, e, este que se um amigo mais “intimo”, indicou-me essa comunidade no *Orkut*. A admissão foi instantânea, logo quando clickei em “participar da comunidade”. Li as regras, e comecei a participar dos fóruns. Confesso que não era o que eu esperava, mas fui me adaptando aos poucos ao ambiente. Achava os “escrevinhadores” arrogantes e egocêntricos. Cheguei a comentar com esse meu amigo sobre isso, ele resistiu há muitas “tomatadas” até que ganhou respeito dos membros, quanto a mim, preferi não me expor muito, postava poucas poesias para criticas! Lá, funciona como um laboratório, onde se pode aprender muito com o conhecimento tácito dos membros.

Uma coisa que nos chama a atenção na fala de Lena é em relação a seu comentário sobre o processo para se ganhar respeito no grupo, feito depois de muitas “tomatadas” como dito pela entrevistada. Acreditamos que isso também faz parte do processo de admissão no grupo e só depois de cumprida essa etapa é que de fato quebra-se o estranhamento, relato por ela, podendo-se então alguém considerar -se dizer membro da comunidade.

É claro que, como qualquer grupo estabelecido, o BDE produziu suas próprias normas e um conjunto de valores que também em parte refletem a comunidade global e em parte são específicos dessa comunidade local como veremos no tópico a seguir.



### 5.3. “Se não quiser ser ofendido, não entre!”: das normas e valores

Ao contrário da CD global blogueira, essa CD local procura estabelecer regras mais documentadas, ainda que não haja um só documento para isso. Uma primeira parte, mais geral das normas de funcionamento já pode ser visualizada no primeiro *post* do blog reproduzido abaixo:



(Figura 51 – *Post* de inauguração do blog “bar do escritor”. Fonte: <[http://bardoescriptor.blogspot.com/2006\\_12\\_01\\_archive.html](http://bardoescriptor.blogspot.com/2006_12_01_archive.html)>. Acesso em 17/10/2008)

Neste *post* podemos perceber que o valor maior da comunidade é realmente procurar ser crítica com relação aos textos postados e o “*Pode ofender? Se não quiser ser ofendido, não entre!*” reflete bem o tipo de comportamento esperado dos membros que devem ser críticos e ao mesmo tempo receptivos em relação a críticas de seus textos. Contudo, esse caráter aparentemente agressivo da comunidade encontra limitações, como podemos perceber na tela inicial do Orkut da comunidade onde está repetido esse mesmo texto abaixo reproduzido:



(Figura 52 – Página inicial do Orkut do “bar do escritor”. Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=3891757>. Acesso: 19/10/2008)

O acréscimo “*críticas só ao texto*” procura balizar bem que tipo de crítica é esperada pelos membros, nada de ataques pessoais devendo-se centralizar as discussões no texto postado.

Novamente trazendo a entrevista feita com a membro Lena Casas Novas ela relata que

eles não criticavam as poesias baseando-se em conceitos. Eram críticas superficiais de mais. Acredito que hoje há uma certa maturidade em relação às críticas. Quando entrei tinha apenas 400 membros e, atualmente, já passam dos 2500.

Pelo comentado no trecho acima, é possível constatar certa insatisfação da entrevistada por considerar por vezes pouco criteriosas as críticas, embora reconheça que a comunidade amadureceu quanto a isso proporcionalmente ao seu desenvolvimento. Isso se deve ao fato de serem pessoas comuns, em geral interessadas por literatura, mas sem formação nessa área, ao contrário dela.

No tocante à postagem de algum texto na comunidade, o membro deve apenas respeitar o limite de um *post* por dia, isso certamente para evitar exageros e dá chances a todos. Os textos postados também devem obedecer algumas regrinhas elencadas pelo organizador Giovani Lemini no post abaixo:

O Bar do Escritor não adotará nenhum estilo obrigatório a ser seguido, as publicações poderão ser feitas de maneira livre. Acredita-se que não existe forma certa ou errada para se expressar, apenas exigimos que os colaboradores se expressem, seja através de um pensamento (próprio ou de 3º - com a devida citação), uma figura (expressiva), uma frase, uma indicação, um conto, uma crônica, uma poesia. Ressalvo, o importante é POSTAR de maneira ética, respeitando a norma culta, sem desmoralizar ou baixar o nível dentro da casa. Evitar o uso dissimulado do "internetês - vc, td, blz, kra, ksa, vlw, msg, q qto, bju "

Para os poetas ou cronistas alerta: Não fiquem engessados num só estilo.

(Figura 53 –Informativo sobre o blog “bar do escritor”. Fonte:

<<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=3891757&tid=2517894198976743984&kw=blog>>. Acesso em: 18/10/2008)

Como se pode perceber a comunidade procura contemplar todos os gêneros literários, ficando o autor livre para postar em qualquer estilo. Contudo, no tocante à variedade lingüística a ser utilizada, a regra é bastante clara, não devendo os autores utilizarem do internetês, escrevendo seus textos no padrão gramatical do português. Acreditamos que isso se dá pelo próprio caráter literário da comunidade que, por isso, parece não ver com bons olhos as abreviações dos internautas.

Acreditamos que esse conjunto de normas e valores da comunidade reflete bem seu objetivo, o que passaremos a discutir no tópico a seguir.

#### **5.4. Estaremos te esperando com a mão aberta (para te acertar um tapa) e muito felizes (por mais um otário para criticarmos): Dos objetivos da comunidade BDE**

Em sendo uma comunidade de lugar agregada, portanto, a um grupo maior: a comunidade global dos blogueiros, o BDE possui o mesmo objetivo geral que o interliga as demais comunidades de lugar desse mesmo grande agrupamento humano. Esse objetivo geral, como já explicitado nesse mesmo capítulo na sessão sobre a comunidade global dos blogueiros, é o “fazer ver-se e ser visto” (KOMESU, 2005). Contudo, vemos aqui que esse objetivo não pode ser encarado da mesma forma do que em outras comunidades de lugar entre os blogueiros. Aqui ele é especificado no

“fazer ver-se e ser visto” através da literatura, formando para isso um grupo de idéias semelhantes em quanto a sua visão como membros da comunidade global.

No caso do BDE o objetivo é documentadamente explícito, como podemos ver na figura 47 vista acima. Esse objetivo de troca de experiências, de circulação de idéias pessoais vai bem ao encontro daquilo já comentado quando analisada a comunidade global dos blogueiros, uma vez que se pode constatar esse valor de partilha e conagração como sendo um dos principais para toda a comunidade global.

As regras de comportamento dentro da comunidade também são bem específicas e explicitadas na mesma tela reproduzida acima. A simples não aceitação delas já é motivo suficiente para o não enquadramento no grupo: *“Se não quiser ser ofendido, não entre!”*. Parece mesmo que criticar é a função principal dos membros que não devem ter pena na hora de darem suas opiniões sobre os textos postados: *“Aqui é o local para detonar aqueles que escrevem mal”*.

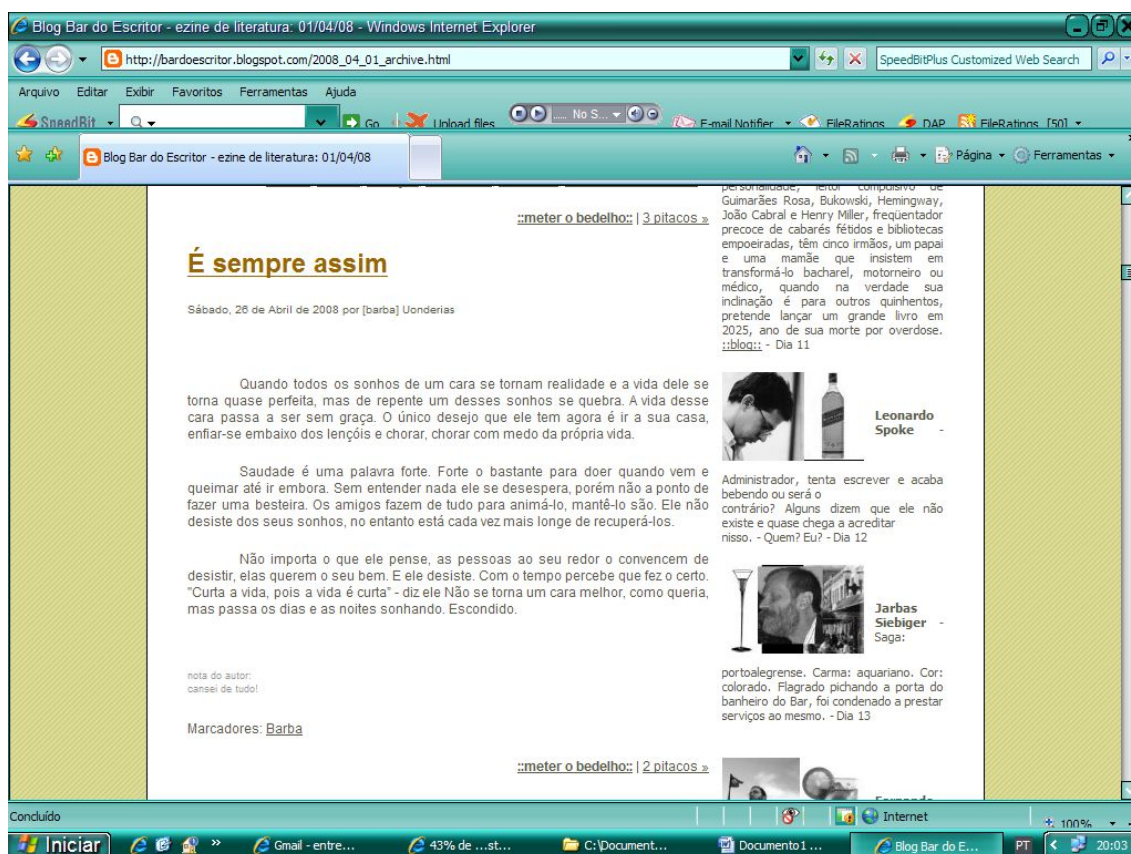
Com isso tudo, devia-se imaginar que aqui temos o inverso do que normalmente se encontra em uma comunidade de blogueiros, uma vez que, em geral, há uma grande preocupação em cativar os leitores a sua participação e visitas constantes. Contudo, acreditamos ser isso tão somente uma outra estratégia que atrai exatamente por ser desafiadora. Nada melhor para quem escreve do que submeter seu texto a uma crítica feroz de outros que estejam em situação semelhante, no caso autores ainda desconhecidos no meio literário, o que constitui-se em mais uma especificidade desta CD local. Como já comentado anteriormente esses objetivos são os principais na escolha dos gêneros a ser utilizados pela comunidade, como veremos a seguir.

### **5.5. Quem escreve mal? Todos que não são ricos nem famosos com suas letras: dos gêneros**

O gênero principal da comunidade BDE é naturalmente o blog pelo qual se estabelece boa parte da participação, intercomunicação e acesso à comunidade. Nesse

caso específico, vemos que a organização do blog apresenta-se de forma sui generis, de acordo com o objetivo específico do grupo como veremos.

Para nosso comentário examinaremos a tela a seguir:



(Figura 54 – Tela 1 do post de abril de 2008 do blog “bar do escritor”. Fonte: < [http://bardoescritor.blogspot.com/2008\\_04\\_01\\_archive.html](http://bardoescritor.blogspot.com/2008_04_01_archive.html)>. Acesso em: 17/10/2008)

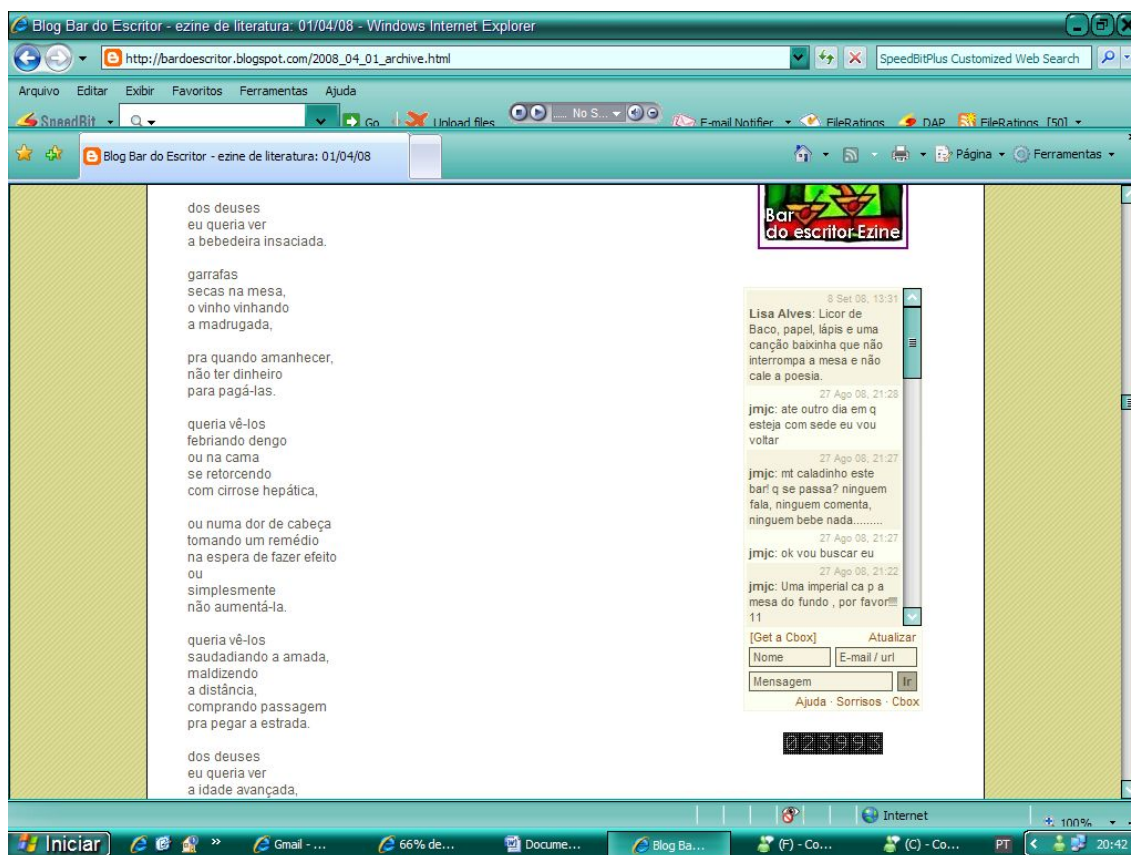
Na tela acima temos a participação do membro “barba” com o texto “é sempre assim”. Abaixo do texto vemos a sessão “meter o bedelho”. Essa é a mesma ferramenta de comentários já vista anteriormente e encontrada praticamente na totalidade dos blogs. Contudo aqui essa ferramenta ganha uma alcunha especial, bem como os próprios comentários que se chamam aqui “pitacos”, nesse caso específico há dois pitacos . Renomear essas ferramentas específicas de blogs em “Meter o bedelho” e “pitaco” aqui é uma forma de tornar mais informal o ato de comentar um post que tenha pretensões literárias ao passo que diminui também a carga negativa das críticas o que acreditamos ir exatamente ao encontro da própria organização da comunidade



cuja denominação já a identifica com essa preocupação de livrar-se de um possível ranço com o qual quase sempre se identificam situações literárias, sobretudo de crítica.

Assim, comentar, ou melhor, criticar, um texto nessa situação passa a identificar-se com simples conversas de bar em que qualquer um, da área ou não, pode “meter o bedelho”, “dar pitaco” sobre qualquer assunto sem que para isso tenha de ser especialista, basta querer. Dessa forma, todos são interpelados a deixar seus comentários como simples leitores, sem que haja a necessidade de grande erudição como soe acontecer algumas vezes nesse meio.

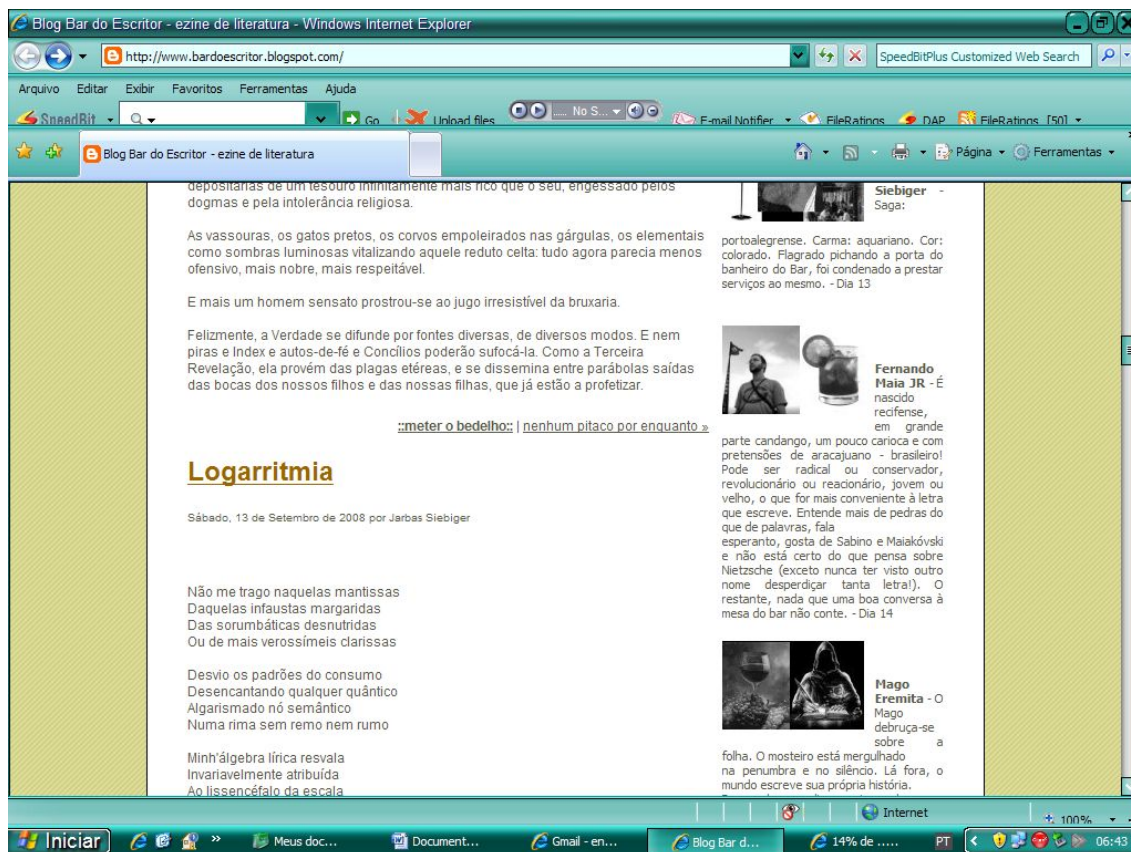
Além do blog, outros gêneros são utilizados pela comunidade com o fim de ensinar a participação dos membros bem como captar novos. Um destes outros gêneros é o chat, como visto na tela a seguir:



(Figura 55 – Tela 2 do post de abril de 2008 do blog “bar do escritor”. Fonte: <[http://bardoescritor.blogspot.com/2008\\_04\\_01\\_archive.html](http://bardoescritor.blogspot.com/2008_04_01_archive.html)>. Acesso em: 17/10/2008)

Esse *chat* localizado à direita no final da página serve, como costuma acontecer nesse gênero, para conversas síncronas, geralmente envolvendo nesse caso específico interessados em literatura. Dessa forma este gênero é utilizado com dupla função: promove a intercomunicação mais direta entre os membros ao passo que é também uma ferramenta para captação de novos membros que por acaso visitem o blog e sintam-se atraídos por relações mais síncronas, podem ser diretamente contactados pelos membros da comunidade.

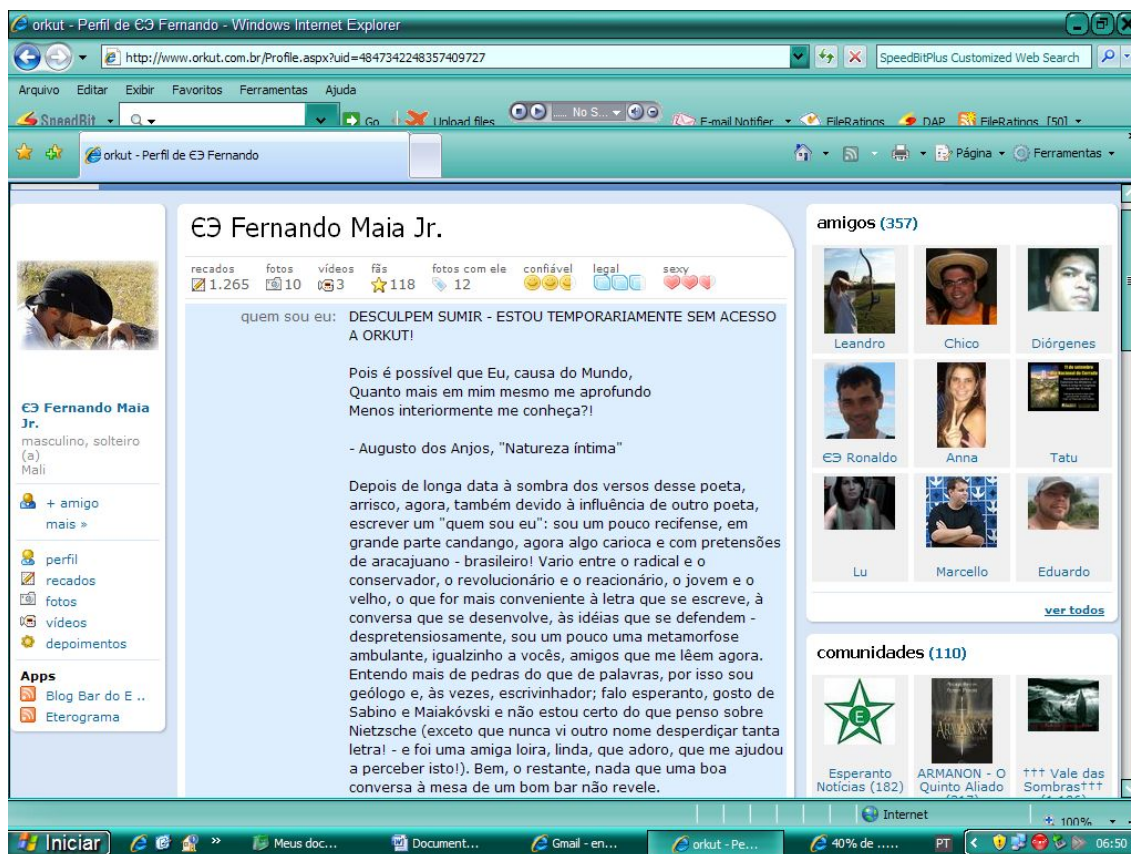
Podemos identificar ainda dentre os gêneros utilizados pela comunidade a auto-biografia. Estes pequenos textos situam-se à direita, como mostra a tela reproduzida a baixo:



(Figura 56 – Parte 1 da tela inicial do blog “bar do escritor” em outubro de 2008. Fonte: <http://bardoescriptor.blogspot.com/>. Acesso em: 17/10/2008)

Em geral, apresenta-se nesses textos bastante resumidamente as idéias do autor, exemplificadas com algum fato biográfico. O mais interessante desses textos é a linkagem deles com um outro meio de intercomunicação e participação da

comunidade: o Orkut. Basta clicar em qualquer desses perfis auto-biográficos que automaticamente o leitor será redirecionado para o perfil do Orkut do membro BDE. No caso em questão abre-se o seguinte perfil:



(Figura 57 – Perfil do orkut de membro do “bar do escritor”. Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=4847342248357409727>. Acesso em: 17/10/2008)

Esse é mais um meio de promover a intercomunicação e participação dentro da comunidade já que aqui se pode conhecer um pouco mais sobre cada membro, entrando em contato diretamente com ele caso haja interesse. Nesse caso, é possível, por exemplo, deixar um scrap<sup>44</sup>, ou depoimento. Também há o feedback com o blog, linkado logo abaixo da sessão “quem sou eu” do perfil orkutiano. Esse é mais um meio de trazer visibilidade a comunidade, fazendo-a circular por outras áreas, entrando em contato com novos internautas, o que há deixa constantemente na possibilidade de crescimento, evitando assim a estagnação e promovendo a inovação e crescimento do

<sup>44</sup> Scrap é uma espécie de recado deixado em uma sessão própria dentro da página pessoal do orkut de alguém.



grupo. Utilizando-se também das ferramentas do Orkut, os membros do BDE também procuram novos integrantes para comunidade através de *scraps*<sup>45</sup>.

Como visto são diversos os recursos utilizados pela comunidade para promover a participação e intercomunicação entre os membros de forma a garantir sempre uma visibilidade dentro do meio internetiano possibilitando assim o feedback de idéias e a inovação, garantida no acesso a novos membros através de qualquer dos muitos meios disponibilizados.

Como mostrado, no caso particular dos gêneros, esta comunidade local mantém como seu gênero principal o blog o que mais uma vez a aproxima de outras comunidades locais de blogueiros, embora nesse caso específico haja a ocorrência de gêneros próprios aos objetivos da comunidade local BDE como o chat, o texto autobiográfico, o e-forum encontrado no orkut e os muitos tipos de gêneros literários como tipos específicos de poesia, crônicas, contos etc.

No tópico seguinte analisaremos o léxico, mantendo essa aproximação entre a CD global dos blogueiros e a CD local analisada, ajustando nossa lupa sempre às especificidades de uma comunidade local, tal como temos feito até o momento.

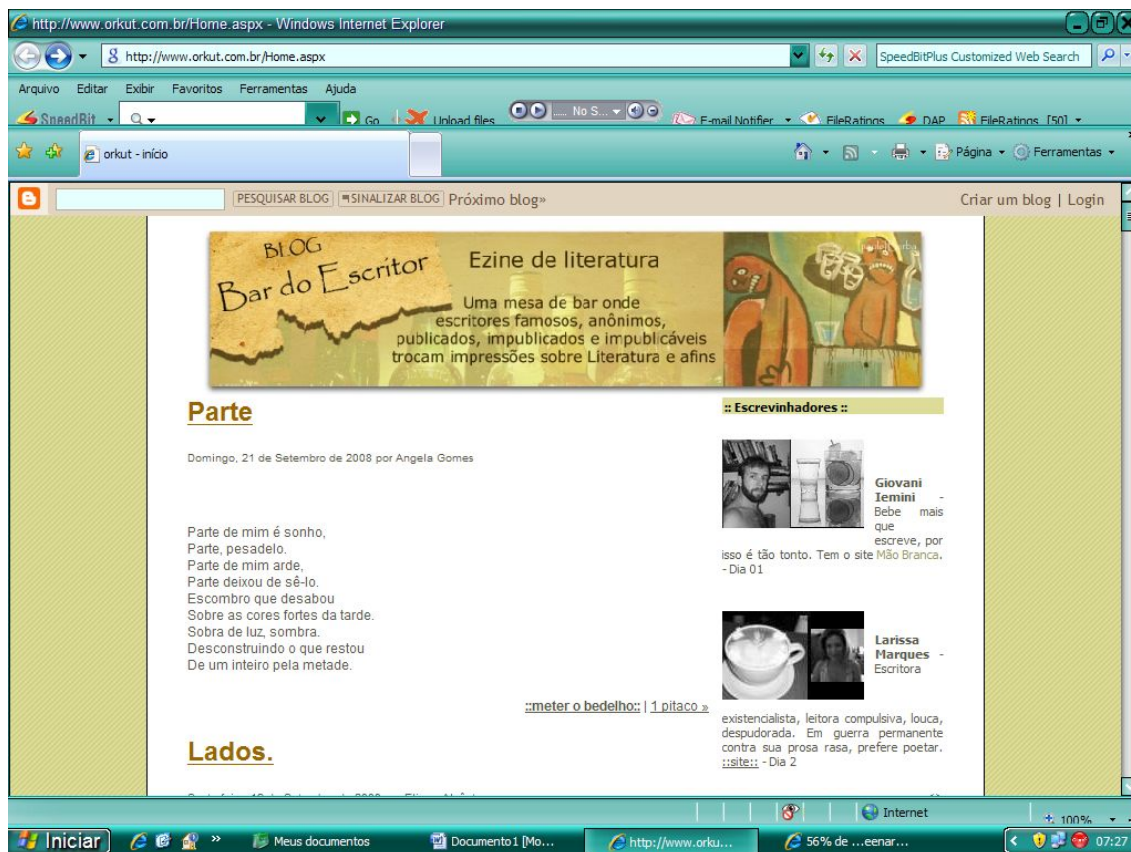
#### **5.6. Evitar o uso dissimulado do "internetês - vc, td, blz, kra, ksa, vlw, msg, q qto, bju: do léxico**

Em geral, devido ao objetivo visivelmente literário, a linguagem dessa comunidade tende a ser mais formal, controlada, apesar do apelo ao contexto informal de conversa de bar. Como já visto alguns termos especificamente pertencentes à comunidade global como comentar e comentários foram propositadamente renomeados em "*meter o bedelho*" e "*pitacos*" respectivamente.

---

<sup>45</sup> *Scrap* é uma espécie de bilhete, ou recado que se pode deixar em uma sessão reservada para esse fim nos perfis pessoais do Orkut.

Além desses outros termos parecem ser próprios a essa comunidade específica como a designação “*escrevinhadores*” ao invés de escritores situada logo acima do perfil auto-biográfico de cada membro, como visto na tela a seguir:



(Figura 58 – Parte 2 da tela inicial do blog “bar do escritor” em outubro de 2008. Fonte: <http://bardoescritor.blogspot.com/>. Acesso em: 17/10/2008)

Mais uma vez essa é uma forma de tornar as relações mais informais e menos comprometedoras. Os membros preferem não se designarem escritores, certamente para não se comprometerem com o peso que essa palavra possa vir a assumir em um contexto literário. Preferem assim um termo mais suave “*escrevinhador*” cuja definição, segundo o Aurélio *online*, “*escrevinhar*” é

v.t.d. 1. Escrever (coisas de pouco valor, sem proveito). Int. 2. Escrever mal.

Os dados nos permitem sugerir que os membros procuram fugir ao protótipo literário que, em geral, identifica-se com textos de grande valor. Essa é mais uma vez

uma forma de promover a escrita, leitura e crítica dos textos de uma forma mais lúdica, não fugindo claro às responsabilidades já vistas na questão dos objetivos do grupo.

Para finalizar nossa análise, a seguir, apresentamos o tópico sobre a hierarquia do grupo que em alguns aspectos retomará o que já foi dito até aqui.

### 5.7. Nessa mesa não existirão "protegidos" nem "turma do deixa-disso". Aqui é o local para detonar aqueles que escrevem mal: da hierarquia

De uma forma mais geral a hierarquia do grupo está definida por seu gênero mais utilizado: o blog. Como já dito, a comunidade tal como estabelecida no Orkut conta com 2.570 membros. Desse total, há 29 deles que têm dias próprios para postarem seus textos no blog. Assim, por exemplo, todo dia 1 é dia de postagem do organizador Giovani Iemini, essa é uma forma de evitar amontoamentos de textos e também serve para facilitar o acompanhamento daqueles que se interessam por um determinado “escrevinhador”. Apesar dessa regra, como já dito, qualquer pessoa pode postar um texto seu no blog, sem necessitar de permissão prévia.

A lista dos 29 membros que compõe o blog pode ser conferida à direita de sua tela principal como pode ser visto em (1) na tela abaixo



(Figura 59 –Postagens de outubro do blog “bar do escritor”. Fonte: <http://bardoescritor.blogspot.com/>. Acesso em: 19/10/2008)

Cada membro desse grupo mais seletivo possui no blog uma pequena autobiografia com seu nome que é linkado diretamente a seu Orkut pessoal. Dessa forma esses membros ocupam uma posição hierárquica mais elevada que lhes garante mais visibilidade dentro da comunidade, sendo eles também responsáveis pelo direcionamento da comunidade, tendo, inclusive, sido publicada uma antologia impressa com textos cuja escolha foi feita por uma comissão formada a partir desse grupo mais seletivo.

Apesar dessa pequena divisão hierárquica cabe mencionar que pelo próprio caráter crítico do grupo isso não parece não influenciar nas críticas feitas aos seus textos como podemos ver nos dizeres de Giovani Lemini, organizador do grupo, na tela acima ao ponderar que: “Nessa mesa não existirão "protegidos" nem "turma do deixa-disso". Aqui é o local para detonar aqueles que escrevem mal.”.

### **5.8. Cruzando os dados: comunidade global blogueira X comunidade local “bar do escritor”**

Tendo sido empregado na descrição da CD local “bar do escritor” todos os passos revisados de descrição de uma CD, por nós propostos no capítulo 2, cabe-nos agora cruzar os resultados obtidos em cada grupo de forma a chegarmos nas especificidades da CD local.

Conquanto tenhamos mencionado, de quando em vez, durante nossa exposição deste capítulo o que une e separa cada tipo de CD, acreditamos que este é um momento de sumarizando tudo que foi comentado, deixarmos claro o que nos move para essa proposta de separação metodológica do conceito de CD.

Tendo a comunidade bar do escritor apresentado um objetivo específico, qual seja o de compartilhar criticamente textos de seus membros” e sendo esse objetivo ligado ao objetivo maior da comunidade blogueira, o “fazer ver e ser visto”, já que a postagem desses textos tem como pretensão tornar público seus autores, podemos de fato caracterizar essa comunidade como uma CD local possibilitada pela especificação dos objetivos gerais da CD global blogueira. Além desse objetivo específico, essa CD

local apresenta outras especificidades em cada um dos critérios aplicados, se comparada a CD global blogueira, senão vejamos.

Em relação ao conjunto de normas e valores, a CD local apresenta, em geral, valores que dizem respeito a sua proposta de crítica literária, tendo, contudo, valores semelhantes a CD global sobretudo, em relação ao desejo de conagração de idéias semelhantes, já que busca construir um ambiente de participação de pessoas interessadas em discussões literárias.

No elenco de gêneros, podemos citar em comum com a CD global, a centralidade do gênero blog, apresentando, contudo, a CD local, vários gêneros específicos como, sobretudo, os gêneros literários: conto, crônica, etc.

Na léxico também o grupo apresenta termos próprios que em geral não são usuais nas demais CD locais blogueiras como: escrevinhador, pitaco, “meter o bedelho” etc.

Em sua estrutura hierárquica a CD local “bar do escritor” apresenta uma divisão clara entre os membros que organizam a comunidade e que figuram nas autobiografias expostas no blog e os demais participantes. Contudo, essa CD local apresenta-se relacionada à estrutura hierárquica da CD global blogueira, devendo, pelo grau de visibilidade conquistado e número de comentários, ocupar o patamar de reconhecidos, como já demonstrado na análise da CD global no capítulo anterior a este.

Com tudo isso, acreditamos comprovar nossa hipótese de que por constituir um sub-grupo da CD blogueira, o “bar do escritor” tem ao mesmo tempo elementos em comum com qualquer comunidade local blogueira e especificidades próprias que devem ser levadas em conta em sua análise específica.

Dessa forma, procuramos ter deixado mais clara a relação CD global e CDs locais, o que pensamos deva ser levado em conta em pesquisas sobre comunidades discursivas, sendo esses os primeiros exemplos dessa aplicação, pelo que acreditamos

que ainda faltam elementos cuja percepção só poderá ser possibilitada em aplicações com outros grupos, o que ficamos desde já ansiosos por testemunhar.

## *Considerações Finais*

---

*O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.  
Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.*  
(CORA CORALINA)

*C*omunidade discursiva, foi a esta categoria tão cara a emergente área da Linguística Textual chamada Análise de Gêneros que dedicamos toda nossa pesquisa de mestrado. A nossa intenção inicial, na perspectiva de Swales, era testá-lo com um grupo virtual chamado “blogueiros”, procurando responder as seguintes questões principais: o que é um blogueiro? Todos os que publicam *blog* podem ser ditos blogueiros? Ou ainda, o que é preciso para ser um blogueiro? O que pode ser descrito como comum aos seus membros e que possa identificá-los como sendo um grupo, diferente de apenas um conglomerado de pessoas? E mais, o que diferenciaria esse grupo dos demais grupos da internet? Refletindo, sobretudo, em como se dá a comunicação no grupo através do gênero *blog*.

Contudo, desde o início, através da leitura de outras pesquisas que já haviam lidado com o conceito de comunidade discursiva anteriormente, tínhamos consciência da necessidade de ajustes na proposta inicial de Swales uma vez que nos pareciam claras as redundâncias na aplicação dos critérios 2,3 e 4.

Isso aliado às peculiaridades do grupo objeto de nossas investigações, fez-nos ter de primeiramente investir numa reflexão revisional do conceito swalesiano de comunidade discursiva a fim de que pudéssemos dirimir essas redundâncias e propor sugestões a outro problema crucial: o da amplitude do conceito, problema esse que já havia sido detectado pelo próprio Swales (1992) ao indagar-se: o que seria uma

comunidade discursiva acadêmica, todos os *campi*? Cada *campus* separadamente? Cada área de conhecimento?

Foi então procurando propor soluções às questões levantadas sobre o conceito que reunimos nossos esforços nessa pesquisa. Dessa forma, acabamos por ter de lidarmos com uma questão maior que passou a centralizar nossas reflexões: o que seria uma comunidade discursiva? Ou ainda, que critérios poderiam ser elencados como indispensáveis para caracterização de um grupo como uma comunidade discursiva? São as respostas a essas indagações que constituem o que consideramos ser os pontos de destaque dessa pesquisa.

### **Pontos de destaque**

Acreditamos que temos a destacar dois pontos fundamentais que constituem, em nossa opinião, um avanço teórico importante ao conceito estudado.

Primeiramente, propomos a junção dos critérios 2, 3 e 4, referentes a descrição dos mecanismos de participação, mecanismos de intercomunicação e gêneros utilizados respectivamente. Nesta pesquisa, englobamos estes três critérios em um único, que diz respeito ao elenco de gêneros e demais mecanismos de participação no grupo, considerando que os gêneros não podem diferenciar-se de qualquer outra forma de participação e, assim como Gaede (2006), considerando que a participação é em si uma forma de intercomunicação em qualquer grupo.

Além disso, somamos outros três passos ademais dos já estabelecidos por Swales: sobre o contexto em que se insere a CD, sobre o processo de admissão de novos membros e sobre o conjunto de normas e valores, chegando por fim a um conjunto de passos metodológicos que possibilitem a análise de uma comunidade discursiva (CD). São eles:

1. Descrever o contexto em que se insere a CD
2. Descrever o processo de admissão de um novo membro na CD
3. Descrever o conjunto de normas e valores da CD



4. Depreender os objetivos da CD
5. Elencar o conjunto de gêneros e demais mecanismos de participação utilizados na comunicação entre os membros
6. Descrever o léxico específico da CD
7. Descrever a estrutura hierárquica da CD

Ainda assim, persistia o problema crucial da amplitude do conceito de comunidade discursiva. Como solução para isso, propomos metodologicamente aplicar tal conceito de forma bifurcada, de maneira que possamos depreender uma visão geral da CD, ao passo, que tenhamos a possibilidade de ajustar melhor nossa lupa a sub-grupos mais formados a partir de objetivos mais específicos dentro da CD. Dessa forma, propomos dois conceitos a partir do original: um mais geral a que nomeamos **comunidade discursiva global** e um outro mais específico a que chamamos **comunidade discursiva local**. Temos assim uma CD genérica, que se caracteriza por apresentar objetivos, gêneros e léxico em comum, ao mesmo tempo em que esse grupo se subdivide em outras CDs específicas (comunidades locais) cada uma apresentando especificidades quanto a objetivos, gêneros e léxico, mas mantendo entre si uma organização hierárquica maior que as une, portanto, como uma comunidade mais ampla a que chamaremos comunidade global. A análise desses dois tipos de CDs tem como critérios os mesmos já vistos há pouco, cruzando ao final os dados obtidos para cada e salvaguardando o que seja comum e específico de cada uma.

Como um grupo complexo que é, os blogueiros apresentam-se metodologicamente como sendo não uma única comunidade, central, mas sim como uma série de comunidades locais que se inter-relacionam formando uma comunidade global. Assim, passamos a analisar os blogueiros enquanto comunidade global para depois analisarmos uma de suas múltiplas comunidades locais: o “bar do escritor”. O resultado de tudo isso apresentaremos a partir de agora, primeiramente mostrando os resultados da CD global blogueira e em seguida os resultados da CD local “bar do escritor”.

Quanto ao primeiro passo que diz respeito ao contexto em que se situa a CD observamos que a CD global blogueira, situada no ciberespaço, hoje se constitui senão como um dos maiores e mais crescentes grupos desse novo contexto de interação, isso possibilitado pelo fácil manuseio dos *blogs* que além do mais, contam com a vantagem de serem, em sua maioria, gratuitos tanto para hospedagem como para atualização, o que não costuma acontecer com outros tipos de gêneros digitais.

Quanto ao processo de admissão de novos membros, segundo passo analisado, a análise da CD global demonstrou que esse processo é feito a partir do compartilhamento do novo membro dos valores e objetivos da CD, tendo alcançado visibilidade no grupo através de visitas, comentários e *links* em seu *blog*. Só a partir daí o novo membro adquire o sentimento de “pertença” que o torna um blogueiro.

Quanto ao conjunto de normas e valores (passo 3), este se apresenta como um acordo tácito entre os membros visto não haver um documento central nesse sentido e foi descrito a partir de um texto recorrente entre os *blogs* chamado “*código de ética blogueiro*”, que se não é um documento regulador da conduta dos membros, serviu-nos de *corpus* principal para a consecução deste objetivo.

Quanto aos objetivos comuns (passo 4), de fato pudemos perceber que os “blogueiros” apresentam uma série de objetivos comuns, todos oriundos do que Komesu (2005) nomeou como central: o “fazer ver e ser visto”, conclusão semelhante a de Miller (2007) que indica como objetivo central dos *blogs* o “desejo de auto-exposição”. Além do mais, pudemos identificar, com base na relatibilidade dos membros da CD blogueira, outros objetivos gerais ao grupo, além do já mencionado: a necessidade de auto-expressão, busca por validação social e busca por desenvolvimento de relações.

Quanto à descrição do elenco de gêneros e demais mecanismos de participação no grupo (passo 5), identificamos como central o papel do *blog*, gênero do qual inclusive advém o nome do grupo. É a partir desse gênero que se estabelecem a maioria das formas vistas de participação e intercomunicação entre os membros que

vão desde o uso de ferramentas próprias do *blog*, como a ferramenta de comentário e a de *trackback* e o uso dos *links* dentro dos *blogs* pessoais até mesmo a transmutação pelos *blogs*, em situações específicas, de outros gêneros como o chat e enquetes.

Além disso outra forma de participação e intercomunicação dos membros são as diversas comunidades blogueiras situadas no *Orkut* e que fornecem listas de *blogs*, além de promover discussões e dicas sobre blogagem, sendo que ainda pôde-se perceber o uso esporádico de encontros presenciais de blogueiros, tanto nacionalmente como em localidades mais restritas. No conjunto identificamos que todas essas formas de participação, quer sejam gêneros ou não, estão orientadas tanto na escolha como na estrutura pelos objetivos centrais à comunidade listados no quarto passo.

No tocante ao léxico próprio à comunidade (passo 6), identificamos que no caso dos blogueiros, há a ocorrência de três tipos de léxicos específicos ao grupo. Primeiro um léxico mais geral, chamado comumente de internetês usando indistintamente tanto por este grupo específico como em geral por quaisquer outros internautas. Decidimos pôr aqui este tipo de léxico, mesmo tendo consciência de que não se trata de um léxico específico do grupo em questão, por também ser identificador dos processos de formação dos outros dois tipos de léxico mais específicos do grupo.

Além do internetês pudemos observar a ocorrência de um segundo léxico específico que diz respeito a ressignificação de termos gerais do internetês quando usados para a comunicação específica entre os blogueiros. Assim, concluímos que um mesmo termo ou expressão pode ter um significado mais geral quando usado por um internauta qualquer e pode adquirir um significado especial quando usado dentro da comunidade dos blogueiros.

Ainda um terceiro tipo de léxico foi encontrado como sendo específico do grupo analisado. Neste caso são termos e expressões oriundas do próprio grupo, léxico esse, como em qualquer léxico do meio virtual em geral, ainda em formação e em

constate crescimento o que torna necessária uma constante atualização dos membros, mesmos os mais experientes, para que estejam a par das últimas novidades.

O último dos critérios (passo 7) que diz respeito à identificação de uma estrutura hierárquica no grupo, foi também garantido na análise dos blogueiros sendo identificada uma estrutura hierárquica bastante rígida, formada por quatro classes: os iniciantes, os estabelecidos, os reconhecidos e os gurus. O processo de ascensão na pirâmide social do grupo é estabelecido de acordo com o grau de visibilidade adquirido pelo blogueiro, medindo essa visibilidade de acordo com o número de visitas e comentários deixados no *blog*.

Dessa forma, cumpridos todos esses critérios identificamos como sendo de fato os blogueiros uma comunidade discursiva global, faltando-nos, portanto, analisarmos uma comunidade local, para o que foi escolhido a comunidade “bar do escritor (BDE)”.

A análise da CD local demonstrou que de fato essa comunidade compartilha de boa parte das características encontradas na comunidade global blogueira, ao mesmo tempo que possui especificidades que a caracterizam como uma CD local orientada por um objetivo específico ligado ao objetivo geral da CD global.

Quanto ao contexto concluímos que a CD local “bar do escritor” originou-se de uma comunidade do *Orkut* que levada ao meio blogueiro acabou por ser absorvida por este, visto hoje ser o *blog* o centro da participação nesta CD local. O surgimento dessa CD está ligado ao propósito de trocar críticas sobre textos pessoais de cunho literário.

Quanto ao processo de admissão no grupo, concluímos que o interessado pode inserir-se diretamente a partir da participação direta quer seja postando um texto seu ou mesmo comentando um texto de outro membro. Contudo, por ser bastante rígida em suas críticas, acreditamos que esse processo de admissão só se finaliza quando de fato o membro ganha respeitabilidade na CD através de seus textos.

No que diz respeito às suas normas e valores, percebemos que o principal valor dessa CD local é o de reflexão crítica que deve ser exercida sempre ao refletir sobre os

textos postados. Essa é uma forma de contribuir com a melhoria de qualidade do “escrevinhador” que posta lá seus textos de pretensão literária. Quanto às normas são poucas devendo apenas obedecer-se ao limite de um *post* por dia para cada autor e seguir a norma padrão da língua evitando o uso do internetês.

Quanto aos objetivos da CD percebemos que como pertencente à CD global blogueira, o BDE compartilha de seus objetivos gerais, mas apresenta a especificidade de buscar visibilidade no meio internetiano através do compartilhamento de textos próprios de cunho literário, o que a torna um grupo orientado por um objetivo específico, uma CD local.

À respeito dos gêneros e demais mecanismos de participação, foram encontrados além do *blog*, gênero central para o grupo, os gêneros específicos ligados ao meio literário à que pertence: poesias, contos, crônicas etc, também foram encontrados *chats*, listas de discussão, fórum e o uso do Orkut como uma outra forma de participação na CD.

Em relação ao léxico, foi demonstrado que além de compartilhar o léxico geral da CD global blogueira, essa CD local apresenta termos próprios como *escrevinhador*, *internerd*, *iorgut* etc, além de rebatizar as ferramentas de *comentar* e *comentário* de seu blog com nomes que procuram refletir seus objetivos, quais sejam, “*meter o bedelho*” e “*pitaco*” respectivamente.

Na descrição da estrutura hierárquica dessa CD local, percebemos a centralidade nesse papel do *blog*, no qual estão divididos por dias do mês a publicação de membros que formam uma espécie de “plêiade” dessa comunidade. Sendo, contudo, aberto também a participação esporádica de qualquer outra pessoa interessada.

Por fim ao realizarmos o exercício de cruzamento dos dados obtidos nas análises da CD global dos blogueiros e da comunidade “bar do escritor”, pudemos concluir que essa por ter seu objetivo e demais características ligadas à comunidade global blogueira deve ser descrita como uma CD local pertencente à CD global

blogueira da qual é tributária, o que nos aponta para a existência de outras CDs locais blogueiras e valida nosso caminho metodológico para o estudo de CDs tal como por nós proposto no capítulo 2. Acreditamos, ainda, que com isso temos em nosso trabalho a devida relevância requerida em trabalhos científicos, tanto por procurar avançar nas questões teóricas como por em sua aplicação proporcionar um estudo a mais sobre o novo contexto de comunicação possibilitado pelo aparecimento e desenvolvimento da internet.

### **Sugestões de continuidade**

Além das constatações que aqui chegamos encontramos pistas que podem servir para novos estudos futuros. Em primeiro lugar acreditamos que o modelo aqui proposto para o estudo de comunidades discursivas pode e deve ser aplicado a outros grupos com vistas a testar sua aplicabilidade empírica em grupos de origem diversa tanto profissionais como recreativos.

Também no caso do grupo escolhido, os blogueiros, não tivemos a oportunidade, pela exigüidade do tempo de pesquisa, de procurar detectar outras comunidades locais que pudessem ser cotejadas com a que nos serviu de exemplo afim de que pudéssemos ter uma visão mais bem definida dos múltiplos subgrupos que compõe a comunidade discursiva global dos blogueiros.

Por fim, acreditamos também ser necessário novos investimentos acadêmicos em pesquisas sobre os *blogs* mais especificamente, relacionando as características dessa comunidade blogueira às utilizações que se faz desse gênero tão central ao grupo quanto diverso em relação a seu estilo e conteúdo, verificando, sobretudo se de fato podemos encarar esse como um único gênero ou uma constelação tal como, por exemplo, estudado no caso dos chats em Araújo (2006).

Por tudo isso, acreditamos termos deixado uma contribuição acadêmica que possa servir para desdobramentos futuros, quer seja confirmando nossos achados, revisando-os ou mesmo refutando-os.

## Referências

---

ARAÚJO, J.C. "Pra tã c a galera vc tem q abreviar muito": o internetês e as novas relações com a escrita. In. DIEB, M. (Org). **Relações e saberes na escola**: os sentidos do aprender e do ensinar. Belo Horizonte: Autêntica, 2008a, p. 119-134.

ARAÚJO, J.C. Chats na web: a linguagem proibida e a queda de tabus. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**. v. 8, n. 2, p. 311-334. mai/ago, 2008b.

ARAÚJO, J.C. **Os chats**: uma constelação de gêneros na Internet. Tese (Doutorado em Lingüística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2006.

ARAÚJO, J.C. **Chat na web**: um estudo de gênero hipertextual. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2003.

ASKHAVE, I. & SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**. Oxford, UK, v. 22, n. 2, 2001. p. 195-212.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1953]1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BHATIA, Vijay K. **Analysing genre**: language use in professional settings. London: Longman, 1993.

BERNARDINO, C.G. **Depoimento de alcoólicos anônimos**: um estudo do gênero textual. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2000.

BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). **Interação na Internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 30-38. BONINI, A. **Gêneros textuais e cognição**: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos. Florianópolis: Insular, 2002.

CATUNDA, E.L. **Um estudo do gênero jurídico acórdão**. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2004.

CICOUREL, A. A Etnometodologia. In BIRBAUM, P.; CHAZEL, F. **Teoria Sociológica**. Tradução de Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. São Paulo: Hucitec/EdUSP, 1977.

COULON, A. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1995.

CRYSTAL, D. **El lenguaje e Internet** (Traducción española, Pedro Tena, 2002). Madrid: Cambridge University Press, 2002.

GAEDE, C. R. **A comunidade discursiva virtual Sociedade Senhor dos Anéis: caracterização e condições de participação**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2003.

GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology**. Cambridge England: Polity Press, 1984.

GUESSER, A.H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC** Vol. 1 nº 1 (1), agosto-dezembro/2003, p. 149-168. Disponível em: [www.emtese.ufsc.br/h\\_Adalto.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/h_Adalto.pdf). (Acesso: 10/09/2008)

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais in Meurer, J.L, Bonini, A e Motta-Roch, D. **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola editorial, 2005, p. 108-129.

JONES, Q. Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology – A Theoretical Outline. In. **Journal of Computer Mediated Communication** vol. 3 issue 3. December, 1997. Disponível em <<http://jcmc.huji.ac.il/vol3/issue3/jones.html>> Acesso: 01/10/2007

KOMESU, F. "Num sabi neim iscreve i fik disfarssandu": a polêmica como interincompreensão em comentários sobre "internetês". In: POSSENTI, S.; BARONAS, R.L. (Org.). **Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso do Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, p. 49-70.

KOMESU, F. **Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet**. Tese. (Doutorado em Lingüística). Campinas: IEL-UNICAMP, 2005.

KOMESU, F. **A escrita das páginas eletrônicas na internet: a relação autor-herói**. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Campinas: IEL-UNICAMP, 2001.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972

LÉVY, P. **Ciberespaço: um hipertexto**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999

LÉVY, P. **O que é Virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996



LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros digitais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentidos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 13-67.

MILLER, C.R. **Blogging as Social Action**: A genre analysis of the weblog. Disponível em: <[http://blog.lib.umn.edu/blogosphere/blogging\\_as\\_social\\_action\\_a\\_genre\\_analysis\\_of\\_the\\_weblog.html](http://blog.lib.umn.edu/blogosphere/blogging_as_social_action_a_genre_analysis_of_the_weblog.html)>. Acesso em: 12/11/2007

MILLER, C. R. Rhetorical community: the cultural basis of genre. In: MILLER, C. R. **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994b. p. 67-78.

PALACIOS, M. **Cotidiano e sociabilidade no cyberespaço**: Apointamentos para discussão, 1998. Disponível em <<http://facom/ufba/br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html>> Acesso: 19/11/2007

PRIMO, A.F.T.; RECUERO, R. da C. **Hipertexto cooperativo**: uma análise da escrita coletiva nos blogs e na wikipédia. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/pesquisa/hipertextocooperativo.pdf>>, 2003. Acesso em: 10/05/2007

RECUERO, R. da C. **Comunidades virtuais**: Uma abordagem teórica. 2001. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm>> Acesso: 12/07/2007

RECUERO, R. da C. **Comunidades virtuais no IRC: o caso do #Pelotas**: Um estudo sobre a comunicação mediada por computador e a estruturação de comunidades virtuais. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRS, 2002.

RECUERO, R. da C. Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. **Revista Eletrônica do Grupo Ciberpesquisa**. 2003. Disponível em <[http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404\\_31.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_31.htm)> Acesso: 15/07/2007

RHEINGOLD, H. **A slice of life in my virtual community**. Junho de 1992. Disponível em: <[gopher://gopher.well.sf.ca.us/00/Community/virtual\\_communities92](gopher://gopher.well.sf.ca.us/00/Community/virtual_communities92)> Acesso em: 06/10/2007

SIFREY, D. Todo mundo vai ter um blog. **Revista época**, Rio de Janeiro, ed. 471, 28 de maio, 2007. Disponível em: <[www.revistaepoca.globo.com/edg\\_artigo\\_todomundovaiterumblog.htm](http://www.revistaepoca.globo.com/edg_artigo_todomundovaiterumblog.htm)>. Acesso em: 14/06/07.

SWALES, J.M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J.M. Re-thinking genre: another look at a discourse community effectis. In: **Re-thinking genre colloquium**, 1992, Carleton University, Ottwa. Mimeo.

SWALES, J.M. **Other floors, other voices**: a textography of a small university building. Mahwah, N. J.: Lawrence Erlbaum, 1998.

SWALES, J.M. **Research Genres**: exploration and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

WEBER, M. **Conceitos Básicos de Sociologia**. Editora Moraes. São Paulo, 1987.

XAVIER, A.C.; SANTOS, C.F. E-forum na Internet: um Gênero Digital. In: ARAÚJO, J.C.;

## *Entrevista com Geovani Temini (anexo 1)*

---

1. Quais suas principais motivações para criar um blog?  
Comunicação, simplesmente. Em 1992 trabalhei num projeto do MRE chamado RITLA – rede de informação tecnológica latino americana – e lá conheci a interNet acadêmica. Era em DOS e só se acessava arquivos de bibliotecas e universidades. Eu ficava o dia inteiro batendo papo por email (em dos) com pessoas de todo o mundo. Paralelamente, comecei a freqüentar as BBS com modems de 2400bps. Logo criei uma página para mostrar ao mundo que aqui em Brasília tinha um maluco conectado. Tive uns 15 mil acessos até 96. considerando que a interNerd era praticamente inabitada, foi um sucesso. Mas naquela época eu postava mais coisa, além dos textos literários. Eu ainda não me achava maduro como escritor.  
Isso tudo foi pra trocar experiências e conhecer gente de todos os lugares. E também para ser conhecido, claro.
2. Conte um pouco como começou e como tem sido sua experiência com blogs.  
Com blog tem apenas uns 3 anos. É um rascunho do meu dia a dia. Coloco pouca coisa, só o que é de literatura. Inventei um personagem e, na rede, sigo suas características. Na vida real sou mais relaxado.  
Aprendi que o resultado de um blog acontece até o primeiro ano, e se “acontece”, dura uns três anos, depois enche o saco. Ninguém agüenta a novela da vida alheia.
3. Comente a história do blog “bar do escritor”.  
O bde foi um desabafo que tomou proporções enormes, com isso vida própria, mas sempre mantive a rédea para que todo o grupo colhesse o resultado do sucesso da idéia.  
Criei a comunidade bar do escritor no orkut para criticar escrevinhadores da internerd que se achavam a última maravilha da arte, para pessoas como eu, que acho que sempre posso crescer e a melhor maneira de fazer isso é recebendo críticas. Daí a comunidade ficou super movimentada, com 100 comentários para cada texto, uns 250 escritores participando. Organizei um e-zine em [www.bardoescritor.net](http://www.bardoescritor.net) com os textos do fórum no orkut que eu achava mais legais. Chamei quem quisesse para o blog diário, com um escritor contando uma história por dia. Muitos entraram e saíram, outros fortaleceram o projeto. Nos dias 10, 20 e 31, se tiver, temos convidados no blog. São escritores de fora que chamo para mostrar seus trabalhos. Essas pessoas são escolhidas a dedo, em exaustivas pesquisas por blogs, revistas de literatura, zines, onde houver escritores que possam ser contactados por email. Daí, muitos desses

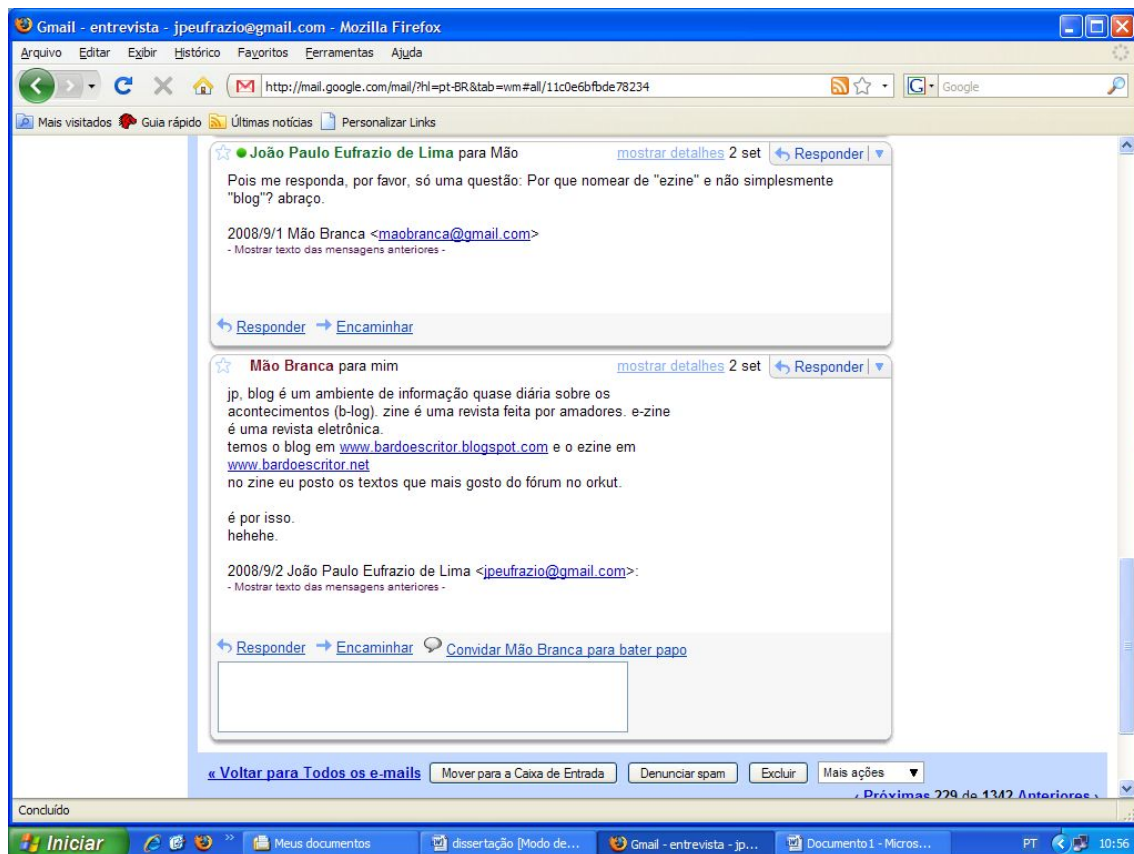
convidados que considero talentosos acabam entrando no bar e participando das conversas. O objetivo é divertir. Literatura é para relaxar. Até se aprende um monte de coisa, mas a idéia é curtir.

Ah, também escolho uma pintura e coloco como capa, sempre dando créditos. Ultimamente chamei uns pintores iniciantes e eles deram bons créditos ao ezine em seus sites.

Vou reorganizar o blog, pedir pros escritores falarem principalmente dos PROJETOS que estão participando, das OPORTUNIDADES LITERÁRIAS que conheceram. Vou promover a união das idéias, já que a união dos textos a gente já tem no fórum.

4. O que você aconselharia a um iniciante para a criação e desenvolvimento de seu blog?  
O blog, para ter sucesso, precisa de gente talentosa e sorte. Hehehe. Mas o principal é acreditar e saber bem do que se está falando. Mesmo que seja para contar sobre o crescimento dos pés de maconha, tem que haver sabedoria.
5. Você consegue perceber algum tipo de hierarquia entre os “blogueiros” em geral?  
Claro. Tem os blogueiros patrocinados, os que ganham grana com as lincagens que promovem e os otários, como eu, que tão lá perdidos no mar de pornografia que é a interNerd. Desses últimos, alguns ficam bem talhados para entrar em jornais, revistas, ou outras mídias profissionais. Alguns, vendidos, outros muito talentosos.  
Por fim tem uns blogueiros que tentam mas nunca alcançam uma linguagem própria, uma forma de reconhecimento pessoal. Esses se perdem no deserto imenso do esquecimento.
6. Qual você acha ser o principal motivo de uma pessoa para a criação de um blog?  
Putz, sei lá. Tem gente que busca sexo. Eu busco satisfação. No fundo dá na mesma.
7. Quais termos ou expressões você poderia citar como sendo próprio do meio dos blogueiros?  
Ah, esse mundico miguxo de blogueiro/orkuteiro que não tem o que fazer na vida é muito infantil, é o verdadeiro mundo interNÉRDICO. É só bobagem, mas, de um olhar conturbado, será a representatividade desta geração para o futuro. Ainda bem que eu sou mais velho, hehehe.
8. Quais outros tipos de texto, além do próprio blog, você identifica como sendo usado pelos blogueiros?  
Em Primeira pessoa é básico. Depois tem a informalidade e o melhor, a interatividade. O texto do blog tá cheio de links, imagens, citações e todas as outras mídias conhecidas, tornando-o superior ao papel em interesse, porém é ainda menos CRÍVEL que qualquer publicação impressa. Curiosamente, é a demonstração que o livro nunca vai acabar.

## Entrevista com Geovani Temini 2 (anexo 2)



## *Entrevista com Lena Casas Novas (anexo 3)*

---

1. Gostaria que você descrevesse assim com o máximo de detalhes possível como se deu sua admissão no "bar do escritor".

*Conheci a comunidade do Bar do Escritor através de "fã" que mais tarde tornou-se um amigo virtual. Como tinha uma página só de poesias na internet, muitos admiradores entravam em contato comigo, e, este que se um amigo mais "intimo", indicou-me essa comunidade no Orkut. A admissão foi instantânea, logo quando cliquei em "participar da comunidade".*

*Li as regras, e comecei a participar dos fóruns. Confesso que não era o que eu esperava, mas fui me adaptando aos poucos ao ambiente. Achava os "escrevinhadores" arrogantes e egocêntricos. Cheguei a comentar com esse meu amigo sobre isso, ele resistiu há muitas "tomatadas" até que ganhou respeito dos membros, quanto a mim, preferi não me expor muito, postava poucas poesias para críticas! Lá, funciona como um laboratório, onde se pode aprender muito com o conhecimento tácito dos membros.*

*De fato, eles não criticavam as poesias baseando-se em conceitos. Eram críticas superficiais de mais. Acredito que hoje há uma certa maturidade em relação às críticas. Quando entrei tinha apenas 400 membros e, atualmente, já passam dos 2500.*

2. Uma outra pergunta é se você percebe alguma hierarquia ou divisão qualquer explícita ou implícita no grupo.

*Explicitamente, não chamarei de hierarquia, mas existe uma comissão de organizadores, se é que cabe a resposta. Onde há o dono e os mediadores. Para o*

*desenvolvimento da Antologia, houve uma comissão para o andamento e desempenho da mesma - Composta pelo dono da comunidade e por membros que entendem de edição de livros.*

*Implicitamente, há “panelinhas” onde se acariciam os egos e que, dentre elas se apontam líderes para tocar algum tipo de projeto ou trabalho sobre o bar ou até mesmo um tópico de grande ponto para debate.*

Seja um comentarista!

[PORTAL LENA CASAS NOVAS](#)

----- Mensagem original -----

De: João Paulo Eufrazio de Lima <[jpeufrazio@gmail.com](mailto:jpeufrazio@gmail.com)>

Para: Lena CasasNovas <[lenacasasnovas@yahoo.com.br](mailto:lenacasasnovas@yahoo.com.br)>

Enviadas: Sexta-feira, 3 de Outubro de 2008 15:08:21

Assunto: Re: esntrevista feita